



Universidade Estadual do Ceará  
Valney Rocha Maciel

**Os Herdeiros da Miséria:**  
o cotidiano de mendicância  
no centro de Fortaleza.

Fortaleza – Ceará  
2004

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Universidade Estadual do Ceará  
Valney Rocha Maciel

**Os Herdeiros da Miséria:**  
o cotidiano de mendicância  
no centro de Fortaleza.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Barbosa Dias.

Fortaleza – Ceará  
2004

Universidade Estadual do Ceará  
Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade

Título do Trabalho: Os Herdeiros da Miséria: o cotidiano  
de mendicância no centro de Fortaleza.

Autora : Valney Rocha Maciel

Defesa em : \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Conceito obtido : \_\_\_\_\_

Nota obtida: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Maria Barbosa Dias, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>  
Orientadora

---

José Borzacchiello da Silva, Prof. Dr.

---

Irlys Alencar Firmo Barreira, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>

## **Dedicatória**

A Vinícius Maciel, cujo amor tem a duração das rochas,  
e a Vinícius Júnior e Thaís, frutos desse amor secular...  
A vida com vocês é um doce e inenarrável presente de Deus.

## Agradecimentos

À Rita e Genésio, minha querida mãe, meu querido pai. Grandes incentivadores do meu crescimento pessoal.

À Profª Drª Maria Esther Barbosa Dias, minha amiga. Uma sábia e adorável orientadora.

À Profª Drª Elba Braga Ramalho, por ter aceito o convite para compor a Banca de Qualificação e por nos conduzir elegantemente pelos caminhos da oralidade.

Ao Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva, por participar da Banca de Qualificação e da Banca Examinadora. Para mim, uma grande honra, pois desde a graduação acompanho seu trabalho e dele, continuamente, me alimento.

À Profª Drª Irllys Alencar Firmo Barreira, pela participação na Banca Examinadora. Uma sábia presença.

Ao meu irmão Gilberto e sua nova família: Edice, Emily, Andrew e Lucas.

Ao meu irmão Edmar e sua nova família: Elisângela, Érika e Eduardo.

À minha irmã Sandra e ao seu par, Pedro.

À Genoveva, minha tia.

A todos que fazem o Mestrado de Políticas Públicas e Sociedade, na figura do nosso coordenador, Prof. Dr. Horácio Frota e de nossa atual secretária, Fátima Albuquerque.

Aos companheiros do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Exclusão Social, da UECE.

Aos companheiros do Grupo de Pesquisa Oralidade, Cultura e Sociedade, da UECE.

Aos que me querem bem.

## Lista de Abreviaturas e/ou Símbolos

ABHO – Associação Brasileira de História Oral  
CAS- Coordenadoria de Assistência Social  
CEARAH PERIFERIA – Centro de Estudos e Referência sobre Assentamentos Humanos.  
CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e Caribe  
FUNCEME – Fundação Cearense de Meteorologia  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IMPARH – Instituto Municipal de Administração e Recursos Humanos  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.  
MAPPS – Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade  
ONU – Organização das Nações Unidas  
PIB – Produto Interno Bruto  
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio  
PUC – Pontifícia Universidade Católica  
SER – Secretaria Executiva Regional  
SFH – Sistema Financeiro da Habitação  
SMDS – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social  
SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
UECE – Universidade Estadual do Ceará  
UFC – Universidade Federal do Ceará  
UFCG – Universidade Federal de Campina Grande.  
% - Por cento.

## Lista de Figuras, Quadros e Tabelas

Tabela 1 - Rendimento diário dos moradores de rua.....	34
Tabela 2 – Estratégia para conseguir o abrigo em que vive.....	35
Tabela 3 – Sobre o fenômeno da seca no Nordeste.....	60



## RESUMO

Esta dissertação busca conhecer o cotidiano de mendicância nas praças do Centro de Fortaleza, analisando as condições subjetivas e objetivas dos sujeitos envolvidos. No Brasil, os estudos sobre população de rua têm se ampliado desde os anos 90. Tais pesquisas apresentam diferenças sobre tal população e indicam a diversidade dos que vivem nas e das ruas. São mendigos, catadores de lixo, flanelinhas, etc. Eles retratam o aumento da pobreza resultante do desmoronamento do Estado na Era do Neoliberalismo e das mudanças no mundo do trabalho. No país, a inexistência de redes eficazes de proteção social agravam ainda mais tal problemática, visto que tais políticas se caracterizam historicamente pela seletividade e descontinuidade. As categorias utilizadas foram: mendicância, cidade e cotidiano. A metodologia utilizada foi a História Oral, proposta aliada ao discurso e à memória. A pesquisa de campo, de caráter qualitativo, ocorreu entre março de 2003 e agosto de 2004, quando foram realizadas e gravadas 8 entrevistas semi-estruturadas com os pedintes. A pesquisa revelou que o Centro é o local escolhido devido ao intenso fluxo de consumidores, o que gera uma maior expectativa de se obter dinheiro; que se dividem entre moradores de rua e moradores da periferia os que mendigam naqueles espaços; que são provenientes do interior, fator que reforça a tese da ausência de políticas de fixação do homem no campo, o que os faz migrar para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida.

## **ABSTRACT**

This dissertation search know the everyday of begging in Centro de Fortaleza's squares, analyzing the involved subjective and objective conditions. In Brazil, the studies about street population have if enlarged since years 90. Suches researches introduce differences about such population and indicate the diversity of what they live in the and of the streets. Are beggars, searching of garbage, little flannels... They portray the collapse resultant poverty increase of state and of the changes in work world. In the country, the effective social protection nets inexistence worsen even such problematic, since suches political characterize historically by the selectivity and discontinuity. The used categories were: begging, city and everyday. The used methodology went to Oral History, allied proposal to the speech and to the memory. The field research, of qualitative charecter, occurred between March 2003 and August 2004, when they were going accomplished and engravings 8 interviews with beggars. The research revealed that the Center is the chosen location due to the intense flow of consuming, what it generates a larger expectation of if obtains money; they that are divided between periphery street and inhabitants the ones that beg in the those spaces; that are originating from the interior, factor that reinforces the policies man fixation absence thesis in the field, what does them migrate for the big cities in search of better life conditions.

## SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas e/ou símbolos.....	6
Lista de Figuras, Quadros e Tabelas.....	7
Introdução.....	11
1. Mendigos: uma face da população de rua.....	25
1.1. Discorrendo sobre população de rua.....	25
1.2. Personagens em questão: mendigos .....	31
1.3. O centro de Fortaleza: Espaço de mendicância.....	38
2. Fortaleza: em "cada esquina" um mendigo.....	47
2.1. O surgimento da cidades.....	47
2.2. Sobre o processo de urbanização no Brasil.....	50
2.3. "Um dedo de prosa" sobre Fortaleza.....	53
2.4. Fortaleza hoje: a miséria bate à porta.....	61
3. Os sujeitos da pesquisa através da História Oral.....	73
3.1. História Oral: breves considerações.....	73
3.2. Os que mendigam na Praça do Ferreira.....	78
3.3. Os que mendigam na Praça Castro Carreira ( Praça da Estação).....	84
3.4. Os que mendigam na Praça José de Alencar.....	89
3.5. Os que mendigam na Praça Capistrano de Abreu ( Praça da Lagoinha ).....	92
4. Refletindo sobre o cotidiano de mendicância.....	97
4.1. O Cotidiano como categoria.....	97
4.2. Relatos orais sobre o cotidiano de mendicância nas ruas.....	102
Considerações Finais.....	109
Bibliografia.....	115
Anexos.....	123
Anexo I: Roteiro de entrevista semi-estruturada.....	124
Anexo II: Termo de Cessão Gratuita de direitos sobre Depoimento Oral.....	125
Anexo III: Fotos com Benedito Monteiro de Souza.....	126
Anexo IV: Fotos com Cecília Barbosa Loureiro.....	127
Anexo V: Fotos com Terezinha Costa da Silva.....	128
Anexo VI: Fotos com Luís Soares Barbosa.....	129

## INTRODUÇÃO

Quero iniciar este trabalho acadêmico lembrando que o mesmo é resultado de muita dedicação. Mas não de uma dedicação austera e cansativa. Ao contrário, durante toda a travessia não senti o fardo por carregar o peso que a ciência nos confere. E, curiosamente, assim como há 22 anos atrás minha orientadora permeava sua dissertação de mestrado na PUC – RJ com uma *transgressora* "vertente afetiva", também eu, imbuída de sensibilidade, disserto hoje sobre os pedintes de minha amada, e não menos castigada, Fortaleza.

O estudo acadêmico acerca da mendicância é considerado como uma fonte inesgotável de reflexão e análise, temática que gera posições divergentes e, por isso mesmo, resulta em debates acalorados. Será que o mendigo pede por acomodação ou precisão? Dar esmolas ajuda ou atrapalha o crescimento pessoal e profissional daquele que pratica a mendicidade? Mendicância pode se tornar "profissão"? Quais as respostas o Poder Público tem dado face essa questão social? Muitos questionamentos podem ser suscitados e as respostas, por certo, são múltiplas.

No Brasil, os estudos sobre populações de rua têm se ampliado a partir dos anos 1990. As pesquisas apresentam diferenças substantivas sobre tal população e indicam a diversidade nos perfis dos que nas e das ruas. São investigações que merecem destaque, principalmente se considerarmos a gravidade dessa questão social.

Os estudos de Bursztyn (2000), realizados em Brasília, apresentam uma população de rua constituída, em sua maior parte, por famílias de migrantes provenientes do interior da Bahia e de Goiás. Para Escorel (1999), que realizou pesquisa no estado do Rio de Janeiro, a fragilidade dos laços familiares é a maior causa da presença de pessoas morando nas ruas.

Prates (2000), em estudos realizados na cidade de Porto Alegre, salienta que os motivos mais frequentes para alguém viver nas ruas relacionam-se ao alcoolismo e às dificuldades de convivência com familiares, além de questões relacionadas ao desemprego.

Tal pesquisa foi realizada a partir de 1994 e se estendeu por longos seis anos, o que denota não ser uma tarefa simples desvendar esta realidade. Mesmo porque, o último senso realizado no Brasil não aplicou nenhum instrumento de coleta de dados junto a esta população. A quantificação do povo da rua ainda é uma incógnita nacional.

Existem diversificações na tipologia da população de rua que, segundo Bursztyn, "...podem ser encontradas em outras cidades, ainda que em proporções diferenciadas" (2000: 239). Em Brasília, os grupos encontrados foram: catadores de lixo seco, flanelinhas, albergados, catadores, nômades, sem-lixo e sem-teto, sem-lixo e sem-teto errantes, catadores complementares, andarilhos, pivetes, foras-da-lei, hippies e pedintes de natal. Tal tipologia mapeia, de certa forma e sucintamente, as estratégias de sobrevivência dos segmentos de rua.

No que concerne à realidade cearense, os recentes estudos de Neyára Araújo (2000), orientados por Francisco de Oliveira, trouxeram à tona questões relevantes sobre a mendicância no Estado, apontando não só as estiagens como um fator determinante para o sertanejo migrar para a metrópole, mas denunciando uma conjuntura onde o mundo do trabalho – e ausência dele – conduz Antônio- mulato<sup>1</sup> a afirmar que já não há mais patrão. Em síntese, o mendigar reside na impossibilidade de inserção no mundo do trabalho. Uma análise que muito contribuiu para a minha compreensão sobre a pobreza no Ceará.

Ainda no ano de 2000, o Instituto Municipal de Administração e Recursos Humanos realizou em Fortaleza a pesquisa **Moradores de Rua da cidade de Fortaleza**, apontando que nada menos de 2040 pessoas se encontram residindo pelas ruas da capital. O estudo aponta ser a mendicância o segundo meio para se adquirir recursos para sobreviver, com mais de 20% das respostas dadas. Apesar da pesquisa ter sido realizada por uma instituição municipal, não se pode afirmar que o poder executivo de Fortaleza tenha desencadeado um conjunto de políticas públicas, desde então, capazes de reverter ou minimizar este quadro caótico constatado nos resultados da referida pesquisa.

---

<sup>1</sup> Um dos entrevistados da pesquisa de campo de Neyára Araújo.

Diante da problemática discutida, o presente estudo tem como objetivo central conhecer como se efetiva a mendicância no centro da cidade de Fortaleza, buscando analisar as condições subjetivas e objetivas dos sujeitos envolvidos .

Os objetivos específicos são: refletir sobre os motivos que levam à mendicidade; investigar o posicionamento do pedinte com relação à assistência social e às ações filantrópicas; perceber a relação do pedinte com a cidade; descobrir os motivos que os levaram a escolherem o centro como espaço de mendicância; conhecer como se apresenta o cotidiano dos pedintes do centro de Fortaleza.

Vale salientar que a temática da pesquisa em questão foi amadurecida ao longo dos últimos anos. As discussões sobre a questão das diversas manifestações da pobreza, na cidade de Fortaleza, têm permeado a minha formação acadêmica desde o período da graduação em Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará, iniciada em 1995.1. Minha formação humanista sempre me conduziu para essa área de interesse de estudos acadêmicos.

Num período anterior à graduação em Serviço Social, fui estudante do curso de Letras na Universidade Federal do Ceará (UFC). Mesmo sem o ter concluído, carrego comigo uma grande necessidade de buscar na literatura e na poesia um olhar sobre a realidade que as ciências sociais não conseguem alcançar. Portanto, peço que não estranhem ao se depararem com a nossa imortal Rachel de Queiroz, Domingos Olímpio, o poeta Adriano Espínola, dentre outros. E, mais ainda, a música também contribui com o meu trabalho acadêmico. A arte comungando com a ciência dos saberes socialmente construídos. E como disse Mário Quintana ( 1997:125) : "Quem faz um poema abre uma janela. "

No período de realização do Trabalho de Conclusão de Curso, minha monografia teve o seguinte título: " Acesso à moradia : uma questão de luta. A experiência na comunidade Santo Antonio da Floresta " (1999). Tal pesquisa foi amplamente debatida na comunidade em questão, numa forma de respeito aos sujeitos envolvidos na pesquisa e também apresentada na Semana Universitária da UECE (2001). A pesquisa evidencia as mais diversas dificuldades da população.

Eles lutaram para adquirir uma moradia digna. Destaca-se que alguns viviam da mendicância, haja vista o alto índice de desemprego. Tal trabalho de graduação obteve nota máxima da Banca Examinadora, fato que incentivou-me a realizar uma pós-graduação logo em seguida.

Também vale destacar que o TCC foi resultante da acumulação de estudos e intervenção de prática de estágio, no período de novembro de 1997 até novembro de 1999, realizado na Prefeitura Municipal de Fortaleza – Secretaria Executiva Regional I (SER I)- quando acompanhei uma Proposta Social junto a 4 comunidades carentes da zona oeste de Fortaleza. Tal proposta se constituiu a partir da intervenção de profissionais das áreas de Serviço Social, Psicologia, Administração e Enfermagem. A inserção nos projetos desenvolvidos foi fundamental para observar os dramas cotidianos da população que se encontra excluída do círculo das riquezas sociais na cidade de Fortaleza.

No ano 2000, ingressei na primeira turma do curso de Especialização em Gestão de Produtos e Serviços Culturais da UECE, onde, mais uma vez, conduzi os meus estudos e reflexões para a questão da pobreza e, em específico, para as dificuldades de se implementar projetos culturais ligados a área da produção poética junto às classes menos favorecidas. Devo aqui revelar que sou afeita à poesia, tendo sido alguns trabalhos meus escolhidos e publicados em concursos nesta categoria. Intitulado "Produção Poética em Comunidades Carentes", a monografia apresenta uma narrativa de uma experiência minha conduzindo uma oficina de poesia junto à 13 mulheres da Comunidade Santo Antonio da Floresta. E para a Banca Examinadora, fiz questão de contar com a presença da atual Secretária de Cultura do Estado do Ceará, Dr<sup>a</sup> Cláudia Leitão.

Em 2001, mais especificamente no 2º semestre, aceitei o convite da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Esther Barbosa (que fora minha orientadora na graduação) para me inserir no Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Exclusão Social. Na ocasião, o grupo já constituído havia definido que os estudos girariam em torno das populações de rua. Esta temática me fez lembrar os moradores do Santo Antonio da Floresta que dormiam em barracos de plástico e papelão.

Com o aprofundamento do estudo sobre às populações da rua, percebi que era um vasto conceito, onde diversos personagens se apresentavam. Há os guardadores de carros, os flanelinhas dos sinais de trânsito, os catadores de papel, os bêbados sem paradeiro... Mas um, em específico, me chama a atenção: o mendigo. Faltava uma investigação acadêmica que buscasse conhecer um pouco mais sobre esse público e sobre o seu cotidiano.

Assim, desde o final de março do ano de 2003, resolvi que era tempo de iniciar minhas observações sobre o objeto de estudo. Era hora de retornar ao Centro de Fortaleza. Assim, acompanhada do Diário de Campo e enquanto as águas de inverno caíam sobre a cidade, eu buscava observar cenas de mendicidade: o ato de pedir, as reações dos passantes, os agradecimentos diante da oferta esperada... O sentar nos bancos das praças e assistir as cenas cotidianas dos pedintes; o contemplar dos corpos que passam em alvoroço diante da irreversibilidade do tempo – contado a cada segundo pela Coluna da Hora<sup>2</sup> -, sentir-se observadora e, ao mesmo tempo, observada; caminhar pelas ruas como se as mesmas fossem desconhecidas ... Tudo isso invadiu minhas retinas e me introduziu, empiricamente, ao que se denomina "campo" nas ciências sociais.

Passaram-se os meses de maio e junho de 2003. O nosso inverno findou. As sombrinhas não mais colorem as ruas do centro. O vendedor ambulante de guarda-chuvas passa a oferecer outros produtos. São José<sup>3</sup> cumpriu sua missão. Foi mais um ano sem estiagem. Durante o período, estive mapeando os lugares onde os mendigos se concentram. Vi que são muitos e estão presentes nas mais diversas áreas do centro, nos lugares de grande movimento, mas também nas ruas, calçadas e praças da capital.

Nos meses de julho e agosto de 2003, minha presença se intensificou no Centro da cidade. As visitas se tornaram semanais. Decidi que já era tempo de definir quem seriam as pessoas que, se inserindo na categoria de população de rua, faziam da mendicância sua principal fonte de subsistência.

---

<sup>2</sup> Coluna localizada na Praça do Ferreira que traz no alto um relógio.

<sup>3</sup> Santo católico padroeiro do Estado do Ceará, a quem os devotos clamam por um bom inverno.



Ou seja, como se diz nas ciências sociais, era preciso definir quem seriam os informantes: se homens e/ou mulheres; se velhos ou mesmo adolescentes. Ou ainda, se sozinhos(as) ou aqueles (as) acompanhados(as) de crianças pequenas; se acometidos de alguma doença exposta ou não; se visivelmente perturbados ou não; se aqueles(as) que propagam em voz alta sua miséria e rogam por ajuda ou aqueles(as) que falam com os olhos e gemem sem que sejam ouvidos, e, que de tão silenciosos e pouco percebidos, se encolhem nas calçadas e *já não são vistos*.

Devo confessar que me compadeço dos que sofrem silenciosamente. Observei que, apesar das vicissitudes a que são expostos, têm um pudor que não se explica e uma postura que a ninguém afeta. Eles estão lá, mas parece que não querem ser vistos. Pedem, quando muito, com as mãos, porém, de modo tão discreto que não se caracteriza um pedido de socorro. Antes, para alguém desavisado, é um simples pedido sem muito valor ou importância.

Assim, através da observação, optei por pedintes que se caracterizaram como discretos. Oito destinos que têm a rua como fonte de renda e "instalam-se" nas seguintes praças centrais: do Ferreira, José de Alencar, Castro Carreira (Estação) e Capistrano de Abreu (Lagoinha).

A escolha dos espaços físicos foi discutida nos encontros junto à orientadora da presente dissertação e a mesma, em nenhum momento, colocou qualquer obstáculo ou buscou barrar minha decisão. Ao contrário, o apoio psicológico e a colaboração intelectual foram decisivas para seguir adiante na pesquisa e, paralelamente, na produção literária. Também a decisão de buscar personagens de ambos os sexos para serem "informantes" da pesquisa denotou que a questão social é maior do que as discussões sobre gênero. A pobreza absoluta não poupa homens nem mulheres. Apresenta-se tenebrosa e amedronta através da violência, da fome, das horas de frio e calor sobre as calçadas, o chão das praças, sob as lajes dos estabelecimentos comerciais... Continuo minha jornada. " O caminhar permite a recolha de fragmentos de histórias pessoais e do lugar" (Arantes, 1994:198). E, como bem dizia o Rei do Baião, Gonzagão, " ...coisa que pra mode vê, o cristão tem que andá a pé..."

O caminhar propicia a aproximação e a vivência com o lugar e as pessoas escolhidas para a pesquisa. O caminhar possibilita reter imagens nos recônditos da alma e, mais ainda, elas passam a habitar os espaços da memória. Segundo Certeau ( In Arantes,1994:198), tal caminhar " é um processo de apropriação do sistema topográfico por parte do pedestre[...]; é uma atuação espacial do lugar[...]; e implica relações entre posições diferenciadas..."

Uma vez que já foi identificado o *locus* da pesquisa, quais sejam, as praças do Centro da cidade já referidas, e tendo também revelado quais serão os informantes de pesquisa – aqueles que mendigam nestes espaços - faz-se mister apresentar como foi feito o delineamento da pesquisa do ponto de vista tanto da teoria quanto da opção metodológica .

Para que o objeto em questão possa ser desvelado, há a necessidade concreta de se buscar como suporte um marco teórico favorecedor dessa empreitada. Qual seja, capturar alguns significativos aspectos da realidade a ser investigada, numa linha de raciocínio que conduza à compreensão dos fatos num determinado momento histórico.

A principal categoria de análise é, indubitavelmente, a **mendicância**. Compreendo como Neyára Araújo (2000), que a "...mesticância é uma forma de obtenção da sobrevivência e se dá no limite possível do processo de expropriação do trabalho nas sociedades de classes.[...] e desse modo configura a forma sob a qual aparecerá historicamente como fenômeno geral..." (Araújo, 2000:13). Para que o caminho seja fértil de discussões sobre a mesma, busquei o apoio de alguns autores que me fizeram conhecer um pouco mais sobre esta face da pobreza. Adianto que são produções teóricas atuais voltadas para a temática, com o imprescindível suporte da História. Novos olhares sobre velhos problemas.

Assim, faço referência à contribuição de alguns autores. Gisafran Jucá (2000), principalmente para que se possa compreender sobre o tratamento destinado aos mendigos em Fortaleza no período de 1945-1960; Bursztyn (2000), pela iniciativa de tocar nas feridas sobre as

populações de rua no Brasil, realizando pesquisas na capital federal; Simões Júnior (1992), no que concerne às escolas de mendigos profissionais na Idade Média, entre outros.

Para referendar, de modo mais satisfatório, a segunda categoria eleita, **cidade**, compreendo-a conforme a análise contemporânea de Dias (1999:01). Segundo o autor, a cidade é:

"... uma teia complexa dialética construída cotidianamente a partir dos lugares, símbolos, culturas, historicidades, temporalidades e espacialidade, sonhos, pesadelos e utopias, individualidades e coletividades, realismo e misticismo, 'razão técnica' e pensamento mágico, analfabetismo e comunicação via Internet. Essa teia é produzida , em macro escala, pela tensão contínua entre os trabalhadores e os proprietários do capital, e pela ação de todos sobre o meio ambiente natural e construído. A nível micro, o espaço urbano é construído por uma infinidade de redes de interesses 'tribais', lado a lado com redes de solidariedade e convivialidade."

Buscando conhecer sua gênese, outros autores contribuíram neste caminho: Hermínia Maricato (2001), ao sugerir alternativas para o caos urbano em que todos nos encontramos no Brasil; Munford (1998), com seu minucioso olhar e narrativa sobre o surgimento das cidades na História; Ítalo Calvino ( 1990), com suas *idades invisíveis*, além de outros autores.

Aqui, devo dizer que tenho por Fortaleza um carinho inesgotável, um inexaurível sentimento de pertença. Muitos são os motivos que eu poderia citar para que o leitor entendesse o porquê desse bairrismo. Mas, no entanto, contarei apenas um. Foi no ano de 1958, quando mais uma seca castigou impiedosamente o Estado, que um casal de jovens (ele com 23, ela com 19 anos) casaram-se no município de Marco – CE, em 16 de junho. O casal deparou-se, então, com um dilema: residir no mesmo lugar dos seus pais e seus avós ou seguir rumo à capital cearense. Decidiram-se. Seria Fortaleza a próxima e definitiva *parada*. Depois deles, muitos parentes vieram(...) Hoje, ao lembrarem dessa decisão, continuam a reafirmar a escolha, à época bastante sofrida, porém, necessária para que pudessem criar os 6 filhos que foram nascendo (Que pena que 2 deles já não estão mais entre nós!). Creio que já desconfiam que o casal era meu pai, Genésio, e minha mãe, Rita.

E sabem qual é o meu sentimento quando eles recontam *infinitas vezes* esta mesma história? Que ganhei, ao nascer, a cidade de presente. Mas o que é ganhar a cidade de presente? Em parte, é querer percorrê-la e desvendá-la; é querer dela se apropriar e buscar soluções coletivas para seus problemas, mas sem perder o encanto de nela viver.

A terceira categoria, **cotidiano**<sup>4</sup>, me fez dar passos calmos e reflexivos, a partir das construções sociológicas e filosóficas de Henri Lefebvre (1991) e Agnes Heller (1985). Ambos comungam o pensamento que o cotidiano é algo insuprimível da vida do homem. Insuprimível também é a presença de José de Souza Martins (2000) tratando do dia-a-dia do homem simples .

De acordo com Lefebvre ( 1991), o cotidiano é *desvendado*. Percebido por ele como "... o insignificante (aparentemente); ele ocupa e preocupa e, no entanto, não tem necessidade de ser dito[...]. É o audacioso (aparentemente), o efêmero, a aventura que se proclama e que se faz aclamar" ( 1991:31 ).

Após delinear brevemente os eixos teóricos do meu estudo, passarei a traçar o caminho percorrido, ou seja, a escolha metodológica que é coerente com o meu percurso acadêmico. Em 2003, passei a compor um outro Grupo de Pesquisa denominado Oralidade, Cultura e Sociedade, coordenado pelo Prof. Dr. Gisafran Jucá. Tal ingresso foi definitivo para a escolha da metodologia a ser utilizada na elaboração da dissertação e na pesquisa de campo. Os estudos sobre História Oral me impulsionaram inclusive a apresentar o meu projeto de mestrado no **IV Encontro de História Oral do Nordeste – Espaço, Memória e Narrativa** -, ocorrido em Campina Grande (PB) no mês de setembro de 2003 e realizado na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) com o apoio da Associação Brasileira de História Oral. Ainda naquele semestre, cursei no MAPPS a disciplina Oralidade, Cultura e Sociedade, ministrada pelos professores Gisafran Jucá, Elba Ramalho e Esther Barbosa (orientadora da dissertação em questão), objetivando uma maior aproximação com a metodologia da História Oral.

---

<sup>4</sup> Um outro teórico, Michel de Certeau, também elaborou concepções acerca do conceito de cotidiano, mas numa perspectiva fenomenológica. Obra citada.

Como metodologia de pesquisa optei pela História Oral<sup>5</sup>. Aliás, para mim, um caminho sem volta, pois desde que ingressei no grupo de pesquisa (referido no parágrafo anterior), não consigo vislumbrar nenhuma outra abordagem que permita aproximar-me dos que vivem da mendicância, podendo conjugar a fala dos informantes juntamente com as minhas reflexões a partir de suporte bibliográfico e documental. Assim, "a História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana." (Freitas, 2002: 18).

Contar com os relatos dos entrevistados sempre foi algo que persegui nos meus trabalhos acadêmicos – quer seja na graduação ou na especialização -, mesmo quando não detinha praticamente nenhuma informação sobre a metodologia da História Oral. Sendo assim, espero contar com os préstimos daqueles que, por ventura, queiram me sugerir leituras mais aprofundadas - que me mostrem setas para que eu possa continuar a minha jornada<sup>6</sup>.

É certo que "podemos dizer é que a História Oral é uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos uma notícia de jornal, ou uma referência em um arquivo, em uma carta"(Camargo,1994:78). A História Oral passa a ser um instrumento potencializador na constituição de uma história, ultrapassando limites acadêmicos e estimulando um novo fazer nas ciências humanas.

Ou seja, a História Oral compreende que a História não se restringe aos documentos escritos. Ela (a História) se faz com a participação de cada um enquanto sujeito capaz de intervir e modificar a realidade. Assim, o relato do mendigo, da mendiga sobre o que pensa da cidade em que mora é tão valioso quanto o de qualquer um de nós. Os depoimentos sobre o cotidiano nas ruas do centro de Fortaleza revelam ângulos que nós, enquanto pesquisadores, não podemos perceber. E, principalmente, " ... por fazer opção às "pessoas 'comuns', a 'indivíduos isolados e obscuros', a História Oral não se concentra nas pessoas médias, mas não raro considera mais representativas aquelas que são extraordinárias ou incomparáveis" ( Portelli, 1997:17).

---

<sup>5</sup> Alguns estudiosos utilizam o conceito de oralidade, mas faço opção por História Oral.

<sup>6</sup> Refiro-me ao meu interesse em ingressar num doutorado dentro em breve.

A pesquisa foi de caráter qualitativo. De acordo com Minayo (1996), uma amostra qualitativa é bem considerada quando a mesma for capaz de fazer-se expressar de modo amplo, abrangendo múltiplas dimensões de pensamento. E acrescenta: " Certamente o número de pessoas é menos importante do que a teimosia de enxergar a questão sob várias perspectivas, ponto de vista e de observação" (Minayo,1996:103). Apesar da abordagem da pesquisa ser qualitativa, também utilizei alguns dados quantitativos para complementar e enriquecer as análises advindas de todo o processo de construção da dissertação.

A riqueza dos dados qualitativos em nenhum momento deve entrar em conflito com os de caráter quantitativo. "Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região 'visível, ecológica, morfológica e concreta ', a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações humanas..." ( Minayo, 1996: 22).

A técnica utilizada foi a entrevista aberta semi-estruturada - gravada com a permissão dos informantes ( Verificar o Roteiro de Entrevista no anexo 1 e o Termo de Cessão no anexo 2 ) – tendo em vista que é um procedimento bastante recorrente nos trabalhos de campo para a coleta de dados. Não por acaso. Permite aos sujeitos informantes da pesquisa a possibilidade de se expressar a partir da palavra sobre as questões propostas e ao pesquisador garante a possibilidade de conferir *infinitas* vezes o teor dos relatos apresentados. A amostra representativa consta de um universo de 8 (oito) pessoas que mendigam, sendo 2 (dois) representantes de cada praça escolhida por se tratar de espaços de mendicidade. Relembrando: a) Praça do Ferreira ; b) Praça José de Alencar ; c) Praça Castro Carreira ( Praça da Estação ); d) Praça Capistrano de Abreu ( Praça da Lagoinha ). Assim, apresento também os locais escolhidos para a realização da pesquisa de campo, sendo que as entrevistas feitas nas Praças do Ferreira e Castro Carreira foram fotografadas. Fotografias são, por excelência, um recurso capaz de registrar imagens das quais o leitor não pode presenciar. O "... registro visual amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado" (Cruz Neto in Minayo,1996:63).

Gostaria de apresentar, de agora em diante, como está estruturada a dissertação. O trabalho foi dividido em 4 (quatro) capítulos onde são abordadas as seguintes questões, respectivamente: a) a mendicância como uma das diversas faces das populações de rua; b) a cidade de Fortaleza, como macro-espço que *acolhe* tal população; c) a apresentação dos informantes através da oralidade; d) o cotidiano de mendicidade .

O primeiro capítulo intitulado "**Mendigos: uma face da população de rua**" traz discussões sobre a conjuntura internacional e nacional que favoreceram negativamente para o crescimento de tais personagens urbanas, refletindo sobre a exclusão social imposta pelos grandes representantes do capital através da Política Neoliberal e da chamada Globalização. O texto apresenta informações sobre a mendicância ao longo de alguns momentos históricos, enfocando, no caso brasileiro, a ineficiência secular das políticas públicas no trato das questões relativas à pobreza, onde a repressão sempre foi utilizada como um instrumento capaz de favorecer a *ordem e o progresso*. Esse capítulo finaliza enfocando as observações registradas no diário de campo sobre o espaço escolhido para a pesquisa de campo, dada a presença relevante de mendigos no Centro da cidade de Fortaleza.

No Capítulo 2, a cidade de Fortaleza vai para a *berlinda*. Seu título "**A cidade de Fortaleza: 'em cada esquina' um mendigo**" discute sobre a cidade como categoria e reaviva alguns aspectos do processo de urbanização no Brasil, como o crescimento desordenado e o êxodo para as metrópoles como um espaço capaz de possibilitar uma melhor qualidade de vida, mormente via emprego. A cidade se configura, nesse capítulo, em duas etapas distintas: seu surgimento histórico e a intrínseca relação entre estiagens/ ausência de políticas de fixação do homem no campo/ migração; Fortaleza a partir dos anos de 1930, quando a cidade inicia seu lento processo de industrialização, até os nossos dias.

No terceiro capítulo estão os sujeitos da pesquisa por eles mesmos, através da metodologia da História Oral. " O termo história oral é equívoco e ambíguo, impreciso, mas é simples e, sobretudo, tem agora a antigüidade a seu favor.[...] sua ambigüidade não me desagrada: o ser [...] de múltiplos sentidos não reflete a imagem da realidade que se procura...? "

(Joutard, 2000: 36). Logo, a transcrição das falas dos entrevistados estão presentes, informando sobre seus dados pessoais e traz, sob a ótica desses sujeitos, reflexões sobre as duas categorias tratadas nos capítulos anteriores. Sobre mendicância, serão abordados alguns motivos que os conduziram às ruas, a reação da família, o quanto se consegue apurar mendigando nas ruas, como eles se percebem e como são percebidos; sobre a cidade, conterà informações sobre visão de cidade, assistência social e ações de caráter caritativo, mobilidade espacial e causas pelas quais mendigam no Centro de Fortaleza.

O quarto capítulo é destinado às discussões teóricas sobre o que vem a ser a categoria cotidiano, chamando a atenção especificamente para o dia-a-dia de mendicidade. Para isso, o mesmo foi oportunamente acrescido pelos relatos orais dos informantes da pesquisa de campo acerca dos fatos vivenciados ao longo de suas trajetórias como pedintes.

Nas Considerações Finais apresento as principais conclusões da pesquisa, construída e fundamentada tanto pelos aspectos teóricos – que nos fortalece enquanto intelectuais – como pela prática – embasada na insuprimível pesquisa de campo. A análise buscou conduzir o leitor a um olhar sobre o objeto estudado, que não será o único, nem tão pouco o verdadeiro, mas o princípio de um saber que se pretende e se percebe minúsculo diante da realidade social. Sei da possibilidade concreta de realizar alterações que porventura sejam sugeridas pela Banca Examinadora. Além disso, a construção do conhecimento, acredito, só ganha sentido quando partilhada. Caso contrário, são como poesias escondidas à sete chaves. E é preciso que gavetas sejam abertas.

E se, por ventura, o trabalho suscitar reflexões outras sobre temas afins que não foram contemplados ... E se, por acaso, lacunas se apresentarem dada a limitação neste momento de minha vida acadêmica e pessoal... Então saberei que fértil será o caminho a seguir. Que bom!



**" Que canto que não se canta,  
que verso que não se diz,  
quem ganhou mais esmola  
foi o mendigo aprendiz"**

**Mário Quintana ( 1997: 34)**

## **1. MENDIGOS: UMA FACE DA POPULAÇÃO DE RUA.**

Leitora ou leitor, quero que me dê o prazer de sua companhia pois venho falar de uma grave questão que incomoda a todos. Neste capítulo, tratarei da população de rua enfocando, em específico, aquela que vive da mendicância. Buscarei elencar alguns motivos do aumento de tais personagens no cenário urbano contemporâneo – marcado pelo aumento da pobreza e das desigualdades sociais -, assim como conhecer algumas curiosidades sobre o ato de mendigar através da história.

### **1.1.Discorrendo sobre população de rua.**

A população de rua tem aumentado, de forma vertiginosa, desde a crise social da década de 1980, não só nos países de terceiro mundo, como também nos Estados Unidos e nos países europeus. O desemprego, ocasionado pela diminuição dos postos de trabalho, devido principalmente ao desenvolvimento de novas tecnologias, como a robótica e a informática, contribuiu para agravar essa questão social.

A rua, cada vez mais, passa a ser um espaço de viver sem dignidade. A própria visão da população de rua, dada à banalização da miséria, já não choca como antes; hoje, tanto o preconceito como o receio de sofrer uma violência tem contribuído negativamente para o distanciamento entre “cidadãos” e a chamada população excluída.

Países como a França, Alemanha e Estados Unidos têm sido intolerantes com a migração de negros, latinos e árabes em busca de melhores condições de vida, visto que tais populações contribuem, segundo eles, para o aumento da violência e, por que não dizer, do desemprego. Apesar do processo de distribuição do progresso econômico, que tem possibilitado um incremento no processo produtivo, observa-se simultaneamente a redução acelerada do trabalho humano. Os excluídos passam a ser desnecessários. E como a crise, pela qual passa o mundo do trabalho, envolve diversos países, o problema torna-se nefasto.

Em se tratando da realidade brasileira, a inexistência de redes eficazes de proteção social e de políticas públicas (incapazes de atender a essa população de desesperados sociais) agravam ainda mais essa questão social, visto que tais políticas públicas se caracterizam historicamente pela seletividade e descontinuidade, cujo alcance não consegue responder à demanda da população excluída.

Outros graves impasses nos são apresentados na Era do Neoliberalismo, visto que cotidianamente surgem novos grupos que se inserem no circuito da miséria absoluta. Eles refletem a desigualdade social que atinge os países que adotam essa política excludente e são personagens que passam a integrar a paisagem urbana, sem acesso ao mercado de trabalho (formal e, por vezes, informal) e excluídos da proteção do Estado, cujo desmoronamento foi resultante, entre outras causas, da privatização dos bens e serviços públicos, além dos instrumentos de política social (Bursztyn, 2000). A política neoliberal solapa os direitos dos trabalhadores de garantirem, através da venda de sua força de trabalho, o mínimo necessário para a sua sobrevivência. Esse desmonte social e econômico pode ser explicitado através do pensamento de Anderson: “Os neoliberais podem gabar-se de estar à frente de uma transformação socioeconômica gigantesca, que vai perdurar por décadas”(Anderson apud Bursztyn, 2000:19).

É preciso diferenciar a exclusão nos países ricos com a exclusão nos países de terceiro mundo. Naqueles, ainda permanece parcialmente uma rede de proteção social que garante condições de segurança social (alimentação, serviços de saúde, abrigo e formação profissional). Entretanto, nos países periféricos, os excluídos logo são conduzidos ao vergonhoso patamar da miserabilidade. São banidos do processo de produção de riquezas, rompendo também com os vínculos societários (e, por vezes, comunitários) e deixando de usufruir até mesmo dos bens simbólicos.

Além disso, a população excluída é percebida e classificada como não-cidadã, mesmo que com a Constituição de 1988, a cidadania seja extensiva à toda nação brasileira. Cidadania hierarquizada, pois uns adquirem mais direitos que outros por meio da posição social.

É o poder de compra que perpassa e determina o direito à cidadania. Desta forma, tanto pobres como miseráveis têm os seus direitos sociais comprometidos ou, até mesmo, extintos. Segundo Dimenstein (2002:03), a respeito da cidadania no Brasil, "... a regra é a exclusão social, a incapacidade de oferecer um mínimo de igualdade de oportunidades às pessoas." Além disso, as representações de pobreza, antes ilustrada pelo malandro não-violento, ganham uma nova roupagem, bem mais preconceituosa: o pobre tornou-se sinônimo de bandido e drogado; a violência urbana e metropolitana lhes é, normalmente, atribuída.

Assim, é nos países do terceiro mundo onde a miséria parece mostrar sua face mais horrenda. As altas taxas de natalidade, o baixo nível educacional, a concentração de riquezas, entre outros fatores, nos indicam as causas dessa crescente crise social urbana. Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), são considerados pobres as famílias cuja renda permita a aquisição de duas cestas básicas, e indigentes aqueles cuja renda não seja suficiente para a compra de apenas uma cesta básica.

No Brasil, a população de rua é cada vez mais numerosa e representa claramente as sucessivas gestões políticas descompromissadas com a justiça e a equidade social. Segundo os dados estatísticos da Revista Pólis (1992), no início da década de 1960, eles eram 30 milhões; há 30 anos, eram 45 milhões e, no início dos anos de 1990, somavam cerca de 60 milhões de brasileiros miseráveis. A exclusão, como uma praga que se alastra, tem levado milhares de famílias a sobreviverem nas e das ruas.

No início dos anos de 1980, com a crise do Sistema Financeiro da Habitação<sup>7</sup> (SFH), a dificuldade de acesso à moradia fez aparecer uma nova categoria de excluídos: a população de rua, representada pelos desempregados dos mais variados setores da economia. Os bancos das praças, as soleiras dos edifícios, os viadutos, as calçadas... passaram a "acolher" esses novos personagens urbanos, além das áreas degradadas.

---

<sup>7</sup> O SFH e o BNH ( Banco Nacional de Habitação ) foram criados pela Lei Federal Nº4.380 de 21.08.1964.

Assim, é possível afirmar que a população de rua não se apresenta de forma homogênea e unilateral. Ao contrário, constitui um segmento bastante heterogêneo, cuja imagem se confunde com o mendigo, o alcoólatra, o deficiente físico e/ou mental, ou mesmo o andarilho. Mas não só. Um novo grupo, formado por catadores de papel, guardadores de carro, diaristas da construção civil, migrantes ou mesmo famílias de recém-desempregados, entre outros que passaram a compor as chamadas populações de rua, também se integram, particularmente, às cenas públicas citadinas. " Se há um ponto de concordância[...] é que eles não constituem uma população homogênea" ( Snow, 1998: 71).

Dormir na rua significa entrar num circuito de indiferença, medo, preconceito, desconforto e violência , através das batidas de policiais e das ações dos grupos de delinquentes. A noite na rua se caracteriza pelo desassossego e indiferença. Dorme-se em grupo – amontoados humanos – ou pernoita-se só e, neste caso, prefere-se locais próximos aos centros comerciais (dada a presença de seguranças), o que se traduz na necessidade de se sentir protegido e poder descansar sem sobressaltos - apontam as pesquisas.

Alguns fatores que expulsam contingentes de pessoas para as ruas podem ser apontados: ausência de políticas sociais que consigam manter o homem no campo, perda do emprego ou mesmo a falta de oportunidade no mercado de trabalho, alcoolismo, briga com familiares, consumo de drogas...Um ciclo de perdas econômicas e afetivas que passam a compor um quadro de desestruturação familiar e que rebatem, de modo decisivo, no próprio indivíduo.

A rua deixa de ser um “ espaço público” para ganhar dimensões “ privadas”. Utensílios de uso pessoal e ações que antes eram de caráter privado passam a ser realizadas sob o olhar dos passantes. Dormir, alimentar-se, banhar-se... se publicizam, nas ruas das grandes cidades. Mesmo aqueles que não pernoitam, mas passam quase todo o dia e todos os dias nas ruas – como é o caso dos pedintes – têm sua privacidade extinta, seu bem-estar comprometido, sua dignidade aviltada...

A procura de um lugar público para se estabelecer passa pela questão da segurança. Quando os indivíduos vão para as ruas pela primeira vez, costumam ficar temerosos diante de um "(...) mundo novo, estranho e violento em que penetraram.[...]. Não sabem em quem confiar, se é que é possível confiar em alguém" ( Snow, 1998:87). Também a higiene ( através do acesso à água) e a facilidade de se conseguir comida ou alguma fonte de renda, através do trabalho ou da mendicância contribuem na tomada de decisão. É comum, portanto, que o centro da cidade se torne o local predileto daqueles que vivem na e da rua. A concentração de pontos comerciais e o fluxo intenso de pedestres justificam a escolha pelos centros das cidades.

A discussão sobre a pobreza, no Brasil, tem se ampliado nas últimas décadas, principalmente pelo aumento da exclusão social, num processo crescente de apartação social. Tal fenômeno se reflete na carência e falta de bens materiais, no fracasso profissional e pessoal desse contingente de trabalhadores. A perda do *status* de trabalhador pode significar a inserção no grupo que integra a população de rua. A partir daí, o estigma conferido pela sociedade... associa-se ao crime e à vadiagem.

Numa situação conjuntural de recessão e desemprego, a garantia do salário e do trabalho com carteira assinada é, no mínimo, utópica. Não raro, os indivíduos que constituem a classe trabalhadora não estão qualificados para os postos de trabalho (contribuindo negativamente para sua contratação) o que garantiria o seu sustento juntamente com o de sua família. É através do trabalho, na sociedade capitalista, que se adquire dignidade pessoal diante da família, do grupo de amigos, da comunidade em geral. O trabalho vincula o homem à imagem de honestidade e dignidade. Entretanto, o desempenho de funções pouco valorizadas culturalmente os estigmatiza. São pessoas que não têm muitas chances e possibilidades de ascensão social – como os empregados não especializados da construção civil, os que fazem “bicos” pela cidade, os que realizam atividades sazonais no campo, etc. Num caso de desemprego, a pressão familiar, impulsionada pelas necessidades básicas (como alimentação, vestuário, transporte, etc ), pode resultar numa situação onde a "única" saída parece ser o ingresso na vida pelas ruas. O fosso que separa o ex-chefe de família do seu antigo *status* social culmina, por vezes, no abandono da casa.

Nos países de terceiro mundo, a massa trabalhadora - cujos empregos e rendimentos são irregulares – comumente desenvolve atividades variadas em ocupações temporárias, sendo em condições marcadas pela insalubridade e periculosidade. Tais grupos constituídos, em sua maioria, por homens, transitam de uma cidade para outra, deixando de ter uma permanente convivência com a família. Esse deslocamento dá-se, quase sempre, de um centro urbano para outro e passam a viver em alojamentos de trabalho, albergues, pensões...Ou seja, em precárias habitações ( quer estejam sós ou acompanhados ).

Diante dessas circunstâncias reais e cotidianas, cuja distância da família e precariedade do trabalho mudam suas rotinas de cidadãos comuns, o viver nas ruas é uma possibilidade concreta e próxima. As condições físicas e mentais, além da história de vida de cada um, também contribuem nesse processo de aproximação com a vida em espaços públicos. Assim, os motivos pelos quais as pessoas passam a viver nas ruas são os mais variados possíveis. Há um entrecruzamento de questões de ordem econômico-sociais com razões de teor subjetivo.

No próximo sub-item apresentarei o conceito de mendigo, enfatizando algumas preciosas informações históricas. É um momento de me aproximar teoricamente do objeto de minha pesquisa acadêmica, não perdendo de vista que o pedinte representa fidedignamente a situação de crescente exclusão social em que muitos segmentos populacionais se encontram, mormente na cidade de Fortaleza.

## 1.2. Personagens em questão : Mendigos.

É na Idade Média que começa a se estabelecer a organização da mendicância profissional<sup>8</sup> – executada com a finalidade de obter ganhos para a poupança e não apenas como meio de subsistir. Nos encontros que aconteciam entre eles, definiam a linguagem a ser utilizada e as técnicas e métodos específicos para as atividades relacionadas ao ato de pedir. Naquele período, a Igreja Católica incentivava tal prática, fundando inclusive as ordens mendicantes no Século XII.

A partir do desmonte do modo de produção feudal, o surgimento do capitalismo comercial e o fortalecimento das ligas corporativas – fator este que inviabilizava o acesso às profissões –, estabelece-se condições propícias para o desenvolvimento de ações voltadas à mendicância como profissão. Uma das organizações mais conhecidas na França, que institucionalizava a carreira de mendigo, os denominavam de *guex*.

E antes que eu venha a explicar em que consistia os *guex*, chamo a atenção para o fato de que, somente no fim da Idade Média e no Século XVI, o catolicismo contestou a mendicância profissional devido ao perigo que ela representava para uma sociedade cuja ideologia fundante se alicerçava no trabalho e visto que tal prática se caracterizava como não-produtiva, além de se estabelecer a partir de simulações (as mais variadas possíveis) para se obter ofertas.

Os *guex*<sup>9</sup> moravam e se reuniam em casebres mal-asseados e excessivamente povoados. Chamavam seu *habitat* de *pateos* de milagres porque, lá, a cegueira, o aleijão, as dores, as fatalidades e todos os seus infortúnios *desapareciam*.

---

<sup>8</sup> As primeiras informações sobre populações de mendigos nos chegam da Grécia Antiga. Com o fim da sociedade arcaica e a consolidação da propriedade privada, dá-se um período de intensa migração de grupos humanos que se tornariam mendicantes. Na Roma Antiga, os ex-soldados, os despejados das propriedades rurais, os mutilados e doentes tinham como forma de sobrevivência a mendicância, a vadiagem e atividades ilegais.

<sup>9</sup> Para maiores informações sobre a pobreza nas ruas de Paris, consulte Arlette Farge (1992).



Não havia nenhum mal, de acordo como os registros históricos, que não sumisse, como que por encanto, ao adentrarem nos locais referidos." Serão realmente pessoas incapazes de promover o seu sustento de outra forma ou apenas espertalhões, que vivem do esbulho da caridade alheia? "( Pesavento, 1996:65).

Os *guex* costumavam fazer reuniões nos *pateos* para debater sobre a profissão e buscar novas formas para melhorar seus ganhos financeiros. Estas reuniões eram precedidas por sessões orgiásticas e praticavam atos considerados como viciosos. Aliás, o uso indiscriminado de bebida alcoólica era o que mais se destacava.

Para se filiar a uma confederação, os *guex* tinham que fazer um juramento renegando quaisquer outras profissões (ou seja, viviam só para mendigar), não roubar e, como não poderia deixar de ser, entregar parte dos rendimentos à confederação a qual pertencia. Os registros apontam que eram falsos mendigos e falsos doentes.

*" Já na era industrial, durante os séculos XVIII e XIX em períodos onde ocorre escassez de mão de obra, há uma repressão generalizada à difusão das atividades ligadas à vagabundagem e à mendicância, uma vez que esses grupos agora situam-se como pertencentes ao exército industrial de reserva, à categoria de lupemproletariado. As primeiras leis de amparo e de previdência social tendem também a promover a desorganização política desses grupos e instituições"( Simões Jr,1992:23).*

Os gestores políticos das cidades, quando do seu desenvolvimento, começaram a se incomodar e a tomar medidas, quer fossem de cunho assistencialista, quer se destacassem pelo caráter repressor (através, principalmente, da intervenção policial), para coagir a mendicidade. Era preciso impor ordem junto aos excluídos.

Em Fortaleza não foi diferente. De acordo com Sebastião Ponte ( 1999 ), tratando ele das Reformas Urbanas e do Controle Social na cidade no período de 1860 a1930, a articulação da

polícia junto às instituições de assistência na capital alencarina buscou, a todo custo, banir os pobres e mendigos das vistas das digníssimas *famílias de bem* (como eram chamadas à época).

Era possível elencar as muitas organizações que, naquele período, assistiam e internavam os pobres e mendigos. A saber: Dispensa dos Pobres (1885), Asilo da Mendicidade (1886, o antigo, e 1905, o novo), Patrocínio dos Menores Pobres (1903), Escolas para Menores Pobres (1908), Dispensário Infantil (1914), Patronato de Maria Auxiliadora para Moças Pobres (1922), Asilo Bom Pastor e a Estação Experimental de Santo Antonio, popularmente conhecida como Santo Antonio do Buraco, cujo rigor e disciplina amedrontara por muitos anos as crianças da cidade, ambos de 1928. Era preciso retirar os pobres da rua para erradicar a mendicância, a prostituição e a delinquência. Aplicava-se, assim, "uma filantropia higiênica institucionalizadora" (Ponte, 1999: 163).

A polícia passou a redobrar a vigilância junto à população de mendigos e de todos que estavam ociosos pela ruas. ( Lembremo-nos que, à época, o ditado popular "O ócio é pai de todos os vícios" era unanimidade entre as *pessoas de bem* ). A Guarda Cívica de Fortaleza já contava, em 1894, com 3 oficiais e 120 policiais para trazerem ordem aos *bandos de desordeiros* que a todos amedrontavam. Com o objetivo de tentar controlá-los, a polícia, inclusive, buscou diferenciar os mendigos daqueles que se faziam passar por eles para extorquir esmolas das pessoas caridosas. Só no ano de 1918, 97 mendigos considerados "verdadeiros" foram recolhidos ao Asilo de Mendicidade (Ponte, 1999).

A mendicidade há muito deixou de ser um problema social pouco relevante no Brasil. Recente pesquisa realizada intitulada **Perfis e Mapeamento de Populações de Rua do Rio de Janeiro: Padrões de Sociabilidade e Funções Sócio-Espaciais de Usos da Rua ( Relatório Final /2000)** revelou que, dos 535 entrevistados, 111 pedem esmolas como forma de conseguir dinheiro, correspondendo a 20,7% do total de entrevistados. Este dado só foi inferior ao item *Presta serviço ou vende na rua*, indicado por 161 pessoas e correspondendo a 30,1% do total de entrevistados.

Vale destacar que o conceito de populações de rua da referida pesquisa supracitada foi definido como "... os indivíduos, famílias ou grupos que vivam permanentemente nas ruas esmolando ou que ali exerçam atividades que impliquem pelo menos um pernoite" ( Rodrigues e Silva Filho, 2000:2).

No ano 2000, a Coordenadoria de Assistência Social (CAS) sugeriu à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) que fizesse uma pesquisa sobre os moradores de rua em Fortaleza. O Instituto Municipal de Pesquisa, Administração e Recursos Humanos (IMPARH) fora contratado para realizá-la, chegando ao número de 2040 moradores de rua. Observou-se que 76,9% do total trabalha no mercado informal. Mendigos profissionais somaram 20,7% enquanto 27,4% se incluíram em outras estratégias, tais como: ajuda do companheiro ou instituições assistenciais, catador de lixo, borracheiro, prostituição, carregador, ajuda de comerciantes e serviços domésticos. Somente 1,2% alegaram receber ajuda de movimentos assistencialistas. A mendicidade ganha proporções significativas se observado o seu 2º lugar no patamar dos meios encontrados por tais pessoas para sobreviverem.

**Tabela 1**

RENDIMENTO DIÁRIO DOS MORADORES DE RUA	
Até R\$ 5,00	46,00%
De R\$6,00 a R\$10,00	24,60%
De R\$11,00 a R\$ 15,00	06,90%
De R\$ 16,00 a R\$ 20,00	04,10%
De R\$ 21,00 a R\$ 25,00	01,70%
+ de R\$ 25,00	05,80%
Branco/ Nulos	10,90%
<b>Total</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Pesquisa Direta IMPARH, 2000.

A pesquisa do IMPARH ainda nos diz que a maioria dos moradores de rua são homens (cerca do dobro em relação às mulheres); a faixa etária corresponde entre 21 até 60 anos; o tempo médio em que moram nas ruas é de 6 anos; a escolaridade gira em torno do Ensino Fundamental I (antiga 4ª série do 1º Grau); buscam atendimentos, quando necessitam, nos postos de saúde, Instituto José Frota e Santa Casa de Misericórdia.

Os dados obtidos na pesquisa do IMPARH contradizem, em muito, o pensamento corriqueiro que estabelece a mendicância como um meio fácil de ganhar dinheiro. Aliás, a realidade da maioria da população de Fortaleza, cuja renda mal permite o viver condignamente, em parte, contribui para as mínimas quantias recebidas diariamente pelos pedintes. O preço de se estabelecer nas grandes cidades ainda é muito oneroso. Viver nas cidades exige do cidadão uma *larga fatia* dos seus proventos. A tabela a seguir trata das estratégias para se conseguir abrigo em Fortaleza.

**TABELA 2**

ESTRATÉGIA PARA CONSEGUIR O ABRIGO EM QUE VIVE.	
Invadiu o local	76,00%
Pediu ao dono	13,50%
Vigia o local	04,10%
Branco/Nulos	06,30%
Total	100,00%

Fonte: Pesquisa Direta IMPARH, 2000.

Neste t3pico 3 poss3vel perceber que as invas3es<sup>10</sup> s3o uma resposta 3 urg3ncia por um lugar de repouso. Uma abrigo em que possam se instalar, sozinhos ou com a fam3lia. Como n3o h3 resposta do poder p3blico acerca de pol3ticas para a habita33o popular, a popula33o exclu3da n3o se intimida em invadir os espa3os ociosos ou, aparentemente, desprezados.

Mas o que mais chama aten33o s3o os motivos alegados para se viver nas ruas. A pesquisa do IMPARH aponta o desemprego como a principal causa que desencadeia a ocupa33o das ruas – cerca de 47% do total. E como s3o em maioria homens, 3 poss3vel afirmar que os mesmos, ainda no lar, perderam o *status* de chefe de fam3lia e mantenedor da casa. Lembro-me da can33o de Gonzaguinha: "... e sem o seu trabalho, o homem n3o tem honra. E sem a sua honra se morre, se mata. N3o d3 pra ser feliz." A incompatibilidade familiar, a depend3ncia alco3lica e gravidez indesejada tamb3m foram fatores, segundo a pesquisa, que conduziram muitas pessoas 3s ruas.

Da casa para a rua. Das rela33es de parentesco para a anonimato. De acordo com as concep33es de Roberto da Matta (1997), o espa3o da rua 3 regido por leis e pelas influ3ncias oriundas das rela33es de amizade que as pessoas possam ter. 3 um espa3o onde reina a solid3o, o desconforto e o terr3vel anonimato. Na rua somos irremediavelmente desconhecidos, e tal senten3a nos incomoda. Estamos expostos ao mundo e, salvo nossa rede de relacionamentos, podemos ser bem tratados ou n3o. O mundo da rua 3 perigoso. Nela se encontram os malandros, as prostitutas, "os que n3o t3m nada a perder". Urge todo o tipo de recomenda33o para quem vai se aventurar neste estranho e impessoal espa3o.

Mas, se a rua 3 este espa3o t3o cruel, a casa nos restabelece a paz. A casa (que derivou tantas palavras: casamento, casal, acasalamento, casadouro, etc.) nos devolve nossa autonomia e o respeito. Somos dela senhores e senhoras absolutos. Escolhemos quem nela pode entrar e ser visita ( lembremos de nossa " sala de visitas"), limitamos os espa3os que podem ser conhecidos. Podemos lhes fazer a sauda33o " Sinta-se na sua pr3pria casa ". O combate entre a casa e a rua est3 sempre sendo travado.

---

<sup>10</sup> Diferente do Poder P3blico, compreendo tal estrat3gia como **ocupa33o**, conforme Dias e Gon3alves , 2003.

"Pedintes por precisão e profissão". A manchete de jornal chama atenção para a mendicância em Fortaleza (Diário do Nordeste, 14/12/2003, p.14). A matéria retrata 5 situações vivenciadas por diferentes personagens urbanos, cada um trazendo consigo a marca indelével da exclusão. Uma jovem senhora vive da mendicância acompanhada da filha de 3 anos no terminal Rodoviário do Papicu – esta, quase vítima de abuso sexual por um homem, enquanto ambas dormiam próximas a um supermercado. Desde dezembro de 2002, mãe e filha encontram-se nessa situação e pernoitam numa casa alugada por um parente no bairro Santa Cecília; uma outra senhora acompanhada de 2 filhos pequenos ( de dois e quatro anos ) recebe esmolas diariamente na calçada de um supermercado na Praia do Náutico, de onde já tentaram lhes expulsar. Enquanto a direção do estabelecimento não tem "êxito", a senhora permanece no local em que adquire dinheiro e remédios, segundo o relato da mesma.

A matéria também nos apresenta fatos da vida de um senhor de 61 anos, cujo lado direito do corpo não se movimenta devido a um acidente de trânsito, mendiga pelo centro comercial da Aldeota. Faz-me lembrar do trecho da música de Ednardo ( nosso grande cantor e compositor cearense): "Aldeia, Aldeota, estou batendo na porta pra lhe aperrear, pra lhe aperrear, pra lhe aperrear. " Carrega consigo uma placa onde pede que lhe dêem uma égua para que possa trabalhar vendendo material reciclável. O senhor recebe uma aposentadoria por invalidez que, segundo informa não é suficiente para a família numerosa que tem; um outro senhor, de 54 anos, paciente renal há 12, pede auxílios na Av. Heráclito Graça com Rui Barbosa. Em casa, ficaram a esposa doente e o filho portador de doença mental; na calçada do imponente Teatro José de Alencar, uma mulher grávida e seus dois filhos ali permanecem por todo o dia há exatos 3 anos. A epilepsia da mulher veio agravar ainda mais a situação de exclusão social compartilhada com o marido desempregado, que fica em casa cuidando do filho mais novo do casal, segundo ela.

Vários são os lugares na cidade de Fortaleza em que a mendicância se efetiva. Desde o *nobre* bairro da Aldeota, passando pelos terminais rodoviários e sendo cada vez mais freqüente no Centro da capital, quer seja nas praças ou esquinas, quer seja nos sinais de trânsito. Visto que esta pesquisa foi realizada especificamente no centro da cidade, abordarei tal espaço a seguir.

### 1.3. O Centro de Fortaleza: espaço de mendicância.

Final de março de 2003. Ano de bom inverno no Ceará – Estado costumeiramente castigado por longas estiagens. São José, o santo padroeiro do lugar, recebe as devidas homenagens das pessoas de fé que lhe agradecem as chuvas e as primeiras safras. Que lhe agradecem a vida em forma de recursos hídricos.

Neste mês, resolvi iniciar minha pesquisa de campo para a dissertação de mestrado (conforme já disse na introdução). Também eu peço ajuda a São José (santo que aprendi a respeitar com meus pais e meus avós) para que as palavras jorrem "tão certas" como as gotas que banham o sertão semi-árido. Minha pesquisa bibliográfica já dura em torno de 2 anos – desde o período de elaboração do projeto de pesquisa – e os livros, creio eu, são hoje meus grandes aliados, amigos inseparáveis.

Imbuída dessa decisão, e munida do meu diário de campo, estabeleci que deveria voltar a freqüentar o centro da cidade de Fortaleza (área eleita para a investigação). Já estava em tempo de observar e ser observada pelos mendigos que compõem o quadro urbano e caótico do centro da capital alencarina<sup>11</sup>.

\*\*\*\*\*

Fim de tarde de abril, após um dia de inverno nordestino. O Centro de Fortaleza se colore de sombrinhas floridas diante de um céu cinzento, ameaçando mais chuva. Na Praça do Ferreira, alguns senhores reunidos em grupos discutem política, economia e todo tipo de assunto. E a " ...Praça do Ferreira era nosso cartão-postal. Ali em volta eram farmácias, casa de pasto, restaurante, cinema, tudo. As atividades do povo do Ceará estavam na Praça do Ferreira" (Campos in Souza, 1996: 35). E o "...Centro de Fortaleza era praticamente familiar" (Idem, p.100). Hoje, as pessoas caminham rápido e o vento – presença constante naquele ambiente – parece agora mais veloz. Urge que todos sigam para os seus lares. A chuva cai.

---

<sup>11</sup> Refere-se ao reconhecido romancista cearense José de Alencar (1829-1877).

Todos foram embora? Não. Um senhor idoso, encostado às paredes do suntuoso Cine São Luiz, estende as mãos aos passantes que, apressados, lhes recusam um olhar, um níquel, um segundo de vida. Os olhos do homem são lacrimosos e profundos: suas vestes têm remendos e um velho chapéu de feltro parece lhe emprestar a dignidade do sertanejo. O homem permanece imóvel e desolado enquanto uma fina chuva começa a cair. Jamais vi tão detalhadamente um ato de mendicância. Acho que jamais ousei ver. Voltei para casa com a cena gravada indelevelmente na minha memória. Uma cena. Um marco inicial.

Após poucos dias retorno ao lugar primeiro, mas sem a presença de nuvens carregadas. "...meu céu é pleno de paz, sem chaminés ou fumaça. No peito enganos mil, na terra é pleno abril..." (Ednardo ecoa aos meus ouvidos numa canção que fala de minha terra, com seus problemas e também com suas belezas naturais). Assim, estou novamente na Praça do Ferreira, que me parece um lugar diferente de todos os demais que integram o centro. Seus inúmeros bancos de madeira convidam à conversa informal. A praça destaca-se por sua beleza singela.

O poeta, cronista e historiador Juarez Leitão, em seu livro *A Praça do Ferreira – República do Ceará- Moleque* nos fala desse espaço público tão querido pela população fortalezense, mormente os idosos. Após sua última reforma, ocorrida em 1991, na gestão do prefeito Juraci Magalhães, "... as pessoas voltaram a conversar ali, a se encontrar no final da tarde, a se sentar para ler o jornal, como nos velhos tempos " ( 2002:21). A Coluna da Hora (devolvida à praça) observa do alto o movimento ininterrupto das pessoas ao longo dos dias .

Eis que a Coluna me observa. São oito horas. Sento-me no banco, à sombra. Eu inicio uma manhã onde decidi observar outras cenas de mendicância. Não tarda e logo surge uma mulher com duas crianças pequenas. Acomoda-se em frente onde, por muitos anos, se estabeleceu a loja Binoca. As crianças não passam de 6 anos e são gêmeas. Roupas velhas cobrem aqueles pequenos corpos, magros e famintos. Sim, a expressão é de fome. A mulher pede pelas filhas e algumas pessoas apresentam suas esmolas. As meninas pedem comida à mãe.



Julgando que as moedas recebidas já podem ser trocadas por alimento, ela sai e logo volta com pães. A fome, possivelmente, dá uma trégua.

Num outro canto da praça, ao sol, um homem com uma perna inchada pede " uma esmola pelo amor de Deus". A perna dificulta sua locomoção. O homem é negro. Fico pensando que nossas senzalas, seculares e históricas, se apresentam em cada esquina, a cada instante. O homem tem menos êxito na aquisição das esmolas, visto que a mulher com as crianças enternecem mais facilmente os transeuntes da praça, os induzindo a uma "boa ação", enquanto o senhor se humilha e implora uma ajuda qualquer. Vou até ele e deposito em seu chapéu alguns trocados. A ação é seguida pela fala estremecida " Deus te dê em dobro". Não digo nada e vou sentar-me em um outro banco, longe dos olhos do velho homem.

O movimento de pessoas que transitam pela Praça do Ferreira é enorme. São comerciários, camelôs, policiais... uma multidão preservada pelo anonimato das grandes cidades me chama a atenção. O centro da cidade amanhece com o movimento apressado de trabalhadores e consumidores que nele habitam por todo o dia. Os espaços passam, então, a exercer sua função social de obrigação ao trabalho e também de entretenimento e lazer. Em cada esquina, ao longo das quadras, um convite explícito ao consumo, reproduzindo assim a lógica do capital.

Os centros das grandes cidades costumam ser lugares de encontros efêmeros e desencontros diversos, onde o olhar desconhecido – sob a ótica da contemporaneidade – não deve se entrecruzar ao do outro. O posicionamento cosmopolita apregoa que a cidade é um palco de grupos diversos, onde o outro é sempre um estranho, onde o sinal de alerta jamais se exaure."O mundo da casa é o mundo da confiança em oposição ao mundo da rua[..] A pressuposição dos relacionamentos no grande mundo dos anônimos é de que estamos no mesmo espaço, mas não estamos juntos com o outro..." (Martins, 2000: 76) .

Antonio Arantes (1994) nos fala que "... a experiência social contemporânea tem propiciado a formação de lugares sociais efêmeros, particularmente no bojo dos conflitos e das

sociabilidades que se constituem nas praças e ruas das chamadas megacidades" (1994: 191). Penso em como será esta praça quando as lojas se fecham, quando a última sessão do Cine São Luiz termina, quando os transeuntes já retornaram aos seus lares... Percorrendo a Rua Guilherme Rocha em direção à Praça José de Alencar, observo os passantes e o posicionamento nervoso de seus corpos. Estão contraídos pelo receio de sofrerem alguma violência. Em alguns lugares, onde o índice de assaltos é maior do que na Praça do Ferreira, é evidente a insegurança e a pressa em realizar a travessia que, por vezes, parece não ter fim. Muitos realizam o ofício de pedir.

" As ruas sempre existiram, tão velhas como as cidades, perdendo-se nos séculos, entrecruzando-se em esquinas, numa rede emaranhada de vivências, cortando os espaços [...] Microcosmos da vida, elas fazem parte da própria memória do mundo, abrigando tanto acontecimentos como os pequenos incidentes do cotidiano" (Pesavento, 1996:8).

Um enorme cerco de madeira evidencia que o poder público se apropriou da Praça José de Alencar. As placas em forma de *outdoor* explicitam que a gestão municipal se faz presente para mais uma "grande obra". No espaço reduzido que resta, camelôs, passantes, oradores e artistas de rua disputam espaço com os pedintes. O majestoso Theatro José de Alencar tem suas portas e jardins abertos ao público, mostrando que a praça pulsa independente de qualquer adversidade. Adriano Spínola (2001, 44-45) nos brinda com seu lirismo/realismo. O poema a seguir expressa uma visão da referida praça:

"...Ah, estar aqui,  
às dez e meia da manhã,  
na Praça José de Alencar.  
A meu lado,  
um mendigo cata  
sobre a calçada  
a queixa sonante das moedas.  
...  
O Theatro José de Alencar  
sopra  
em minha nuca  
o bafo peludo da vida."

Na Praça Capistrano de Abreu – conhecida popularmente como " Feira dos Malandros ou Praça da Lagoinha " - o comércio intenso de mercadorias com procedência duvidosa deixa poucos espaços para os mendigos. Além disso, os *cidadãos respeitados* pouco a frequentam e, se por ali trafegam, é porque comumente se dirigem às paradas de ônibus das ruas Tristão Gonçalves ou Imperador.

De acordo com Arantes (1994), as praças são territorialidades onde se percebe identidades contrastantes e espaços propícios à residualidade. Num momento em que a violência urbana ganha proporções alarmantes e a insegurança pública condena inúmeros segmentos sociais a buscarem a suposta tranquilidade nos espaços privados, as praças estão sendo condenadas a serem lugares de não- cidadãos. E quem nela habita costuma ser classificado como *peça incômoda, inadequada, inútil e perigosa*.

Assim, as ruas, avenidas e praças do Centro de Fortaleza convidam à ocupação temporária. É preciso que o fluxo não se esgote, afinal, dele resulta a certeza do consumo. Talvez esta seja uma das causas que faz do Centro um lugar atrativo para a mendicância. A presença de inúmeras pessoas em movimento favorece o ato de pedir. Entre centenas, a probabilidade do acesso à esmola é maior.

Vejo os pedintes em busca de moedas ( quaisquer moedas ) e fico me perguntando se eles se acham *menores* por mendigarem. Será que o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, ainda é atual com seus versos "... mas dotô uma esmola a um homem que é são, ou lhe mata de vergonha, ou vicia o cidadão..." Será que sentem vergonha ou assimilaram que tal ato é normal ?

O grupo de *Rock Skank*, com uma leitura e uma linguagem crítica da nossa realidade, também nos chama atenção para a problemática do crescimento da mendicância no Brasil. Dizem eles: " Uma esmola pelo amor de Deus, uma esmola por caridade, uma esmola pro ceguinho, pro mendigo, em toda esquina tem gente só pedindo... Uma esmola pro que resta do Brasil..." A mensagem denota o desconforto de se viver nas cidades enquanto cresce a exclusão social.

Um coro interminável de vozes repetem cotidianamente os mesmos agradecimentos, num ritual cristalizado que o mendigo realiza através dos tempos: *Uma esmola pelo amor de Deus...Deus lhe pague...Deus lhe dê em dobro...Por favor, me ajude, qualquer trocado serve...Me dê uma esmola pra comprar o leite dos meus filhos...Um 'trocadim'... Ei! Me dá 10 centavos...Deus abençõe você e sua família...*

Observo, atentamente, o desenrolar da vida em via pública. Ao longo da rua que percorro, vejo um velho sendo alimentado por um menino. Seus utensílios mais visíveis são um prato de plástico, uma colher e um copo de alumínio amassado. Um banquinho de madeira acomoda o ancião. Ao lado, em algumas caixas, guardam objetos pessoais. " Cacos e restos delimitam domicílios onde a intimidade dos gestos e das ações levantam paredes invisíveis mas presentes" (Arantes,1994:196 ). Mais adiante, uma senhora de aproximadamente 70 anos agradece com olhos lacrimosos as moedas que acabara de receber de um jovem estudante. Noto terços diversos que entrelaçam o pescoço da mulher – traço identificado como característico das pessoas de muita fé.

Uma mulher amamenta, sentada ao chão, um bebê esquelético e ávido pelo alimento materno. As vestes mal cobrem o corpo da criança. Enquanto isso, a mãe faz ecoar o seu pedido de ajuda aos passantes. Vejo que uma outra criança se aproxima e se aconchega. Julgo que seja mais um filho.

O caminhar desperta meus sentidos para as formas de viver na rua ( quer seja de forma parcial ou não). " A rua é um rio de passos e de vozes ..." ( Quintana, 1997:164). O caminhar me aproxima do terreno empírico – base fundamental, ao meu ver, não só para a produção acadêmica mas, principalmente, para aguçar minha sensibilidade, minha intrínseca humanidade. No *caminhar*, observo uma mendiga que, enquanto agradece a uma jovem o alimento oferecido, comenta sobre as desventuras que uma rica senhora - que semanalmente lhe ajuda com alimentos - tem passado. E, embora, num primeiro momento, me surpreenda com a situação inusitada, encontro reforço em Rousseau, que diz:

" Considerando a sociedade humana de modo calmo e desinteressado, ela só parece mostrar a violência dos homens poderosos e a opressão dos fracos...Só quando os examinamos de perto, só quando removemos o pó e a areia que cobrem o edifício, percebemos a sólida base sobre a qual se ergue e se aprende a respeitar os seus fundamentos" (Rousseau, 1999:48).

De repente, um grupo de quatro meninos surge na esquina entre as ruas Guilherme Rocha e Senador Pompeu. Carregam consigo garrafas plásticas com cola de sapateiro. As pessoas os olham assustadas e adentram os estabelecimentos comerciais com pressa de defenderem-se de uma possível violência ( um furto, uma agressão).

Os meninos, com suas sociabilidades barulhentas e chamativas, desfilam pela rua sorrisos ameaçadores sem se importarem com sua não aceitação. São meninos com, no máximo, 16 anos, causando um transtorno momentâneo enquanto ocupam aquele espaço público. Então, dois policiais surgem para afugentá-los, fazendo-os correr em direção à Praça do Ferreira, levando consigo o mal-estar que a todos invadiu. " Os marcos construídos nos embates da vida cotidiana balizam experiências de territorialidades" (Arantes, 1994:201). No estudo em questão, elas evidenciam-se no centro da cidade de Fortaleza. Espaço de múltiplas sociabilidades, de atores plurais, de mendigos. " É então que a 'diferença', fator – ou pelo menos condição – de riqueza humana pelo reconhecimento mútuo, perde este valor, transmutando-se em desigualdade" ( Sanchis in Dayrell, 1996:25 ). No mundo moderno, o pedido de perdão tem sido abolido.

Dirijo-me à Praça José de Alencar (que no momento se encontra interditada devido às obras da Prefeitura Municipal de Fortaleza), que, dentro de algum tempo, irá compor o Parque da Cidade. A Igreja do Patrocínio e o Theatro José de Alencar assistem ao espetáculo diário dos homens trabalhando. Os pedestres mais curiosos observam por entre as frestas existentes entre as madeiras que circundam à praça. Os pedintes se espalham pelo pouco espaço que lhes sobra.

Caminho ao lado do Beco da Poeira<sup>12</sup>. O *sol forte* me conduz à calçada do prédio da antiga Lojas Brasileiras(LOBRAS). Chego na Praça Capistrano de Abreu (ou Lagoinha), avisto

---

<sup>12</sup> Uma grande área de comércio de mercadorias populares, com intensa movimentação de pedestres.

pequenos círculos formados por homens, em sua maioria, que observam atentamente a demonstração de um produto. O aspecto do lugar não é animador à permanência: a praça está suja, não vejo policiamento, meninos cheiram cola, os bancos estão ocupados...Percebo que são em número de 5 a quantidade de pessoas que estão a mendigar nesse momento. Os pedidos ecoam no espaço. Alguns se compadecem. É mais um dia que começa. Volto para casa com tais lembranças decorrentes da pesquisa de campo.

No próximo capítulo, tratarei da mendicância no espaço urbano de Fortaleza. Contarei um pouco da História de minha terra natal: " Cidade de meu andar... " (Quintana, 1997:142). Para isso, compreendo ser necessário contextualizar as mudanças ocorridas no Brasil com o processo de urbanização.

**" Mas a cidade não  
conta o seu passado,  
ela o contém como as  
linhas da mão ..."**

**(Calvino, 1990:15)**

**"Bela é uma cidade velha"  
Fausto Nilo e Petrócio Maia**

## 2. FORTALEZA: EM "CADA ESQUINA" UM MENDIGO.

O presente capítulo trata da categoria " cidade ", buscando compreender este espaço que é físico mas é também simbólico, pleno de sentidos. Tal categoria central será apreciada à luz do pensamento de alguns estudiosos na temática. O capítulo também apresenta uma breve retrospectiva do processo de urbanização no Brasil. A cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, será o principal foco do mesmo e será apresentada em dois momentos distintos: a) como nasce e começa a ganhar contornos de uma metrópole; b) Como passou a se configurar a cidade a partir do seu processo de industrialização. O pano de fundo será a construção de um espaço marcado e demarcado por profundas desigualdades sociais, resultando numa parcela da população formada por excluídos, sendo que muitos deles fazem da mendicância um meio para sobreviver nas e das ruas.

### 2.1. O surgimento das cidades

*" Que é a cidade? Como foi que começou a existir? Que processos promove? Que funções desempenha? Que finalidades preenche? Não há definição que se aplique sozinha a todas as suas manifestações nem descrição isolada que cubra todas as suas transformações, desde o núcleo embrionário até as complexas formas da sua maturidade e a desintegração corporal da sua velhice. As origens da cidade são obscuras, enterrada ou irrecuperavelmente apagada uma grande parte do seu passado, e são difíceis de pesar suas perspectivas futuras." ( Mumford, 1998:09)*

A cidade surge, por certo, de uma vontade humana e coletiva, que resulta na organização da vida em sociedade. E o desejo do homem de vencer os desafios impostos pela natureza favoreceu o surgimento de uma vida sedentária, em que cada um buscou um lugar para viver. A cidade é, portanto, um território transformador e transformado pelo homem. " A cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política" (Rolnick, 1995: 23).



Na Antigüidade, a cidade era o local onde se construíam a morada dos deuses, os templos. Fechada por muralhas quase intransponíveis, protegia-se das guerras e das invasões. Fora das cidades, o perigo e a desordem se faziam presentes. Fora das cidades, os miseráveis, os mendigos e excluídos viviam na clandestinidade, sem ter acesso às riquezas produzidas pela sociedade.

Os excluídos têm uma história longa e variada em quase todo o mundo. A cidade pré-industrial se caracterizava em parte pela presença de mendigos. Contudo, os mendigos eram "...exatamente a ponta do *iceberg*, já que a cidade pré-industrial continha grande quantidade de pessoas empobrecidas e organizacionalmente sem vínculos, referidas como 'populações flutuantes'" (Snow, 1998: 29)

Já a cidade moderna se faz com o fluxo acelerado de seus habitantes ( e também de seus visitantes); lugar por excelência onde o capital se expande, expropria, lucra, desapropria, inclui alguns e exclui milhares. A cidade está para o capital assim como o palco está para o artista. É nela que a industrialização fincou raízes.

Segundo a contribuição de Oliven (1982), as cidades tiveram sua importância exaltada em dois períodos históricos: o primeiro se deu no final da Idade Média, quando das transformações que afetaram o sistema feudal na Europa, por meio do surgimento do capitalismo; o segundo, quando, no fim do século XVIII, a Revolução Industrial definiria a cidade como *locus* eleito para a produção capitalista. Assim, a burguesia floresceu nas cidades e nelas fez vigorar a ideologia do culto ao trabalho. Aos mendigos, que restassem as migalhas daqueles que, devido à caridade, lhes faziam um préstimo.

Muitos estudiosos se debruçaram sobre o conceito de cidade e buscaram percebê-la com toda a sua complexidade. De acordo com as proposições de Gondim (2000), a cidade é um espaço de encontro e troca onde há uma variedade de interesses e necessidades entre os seus habitantes. Nela residem, circulam e procuram sobreviver de qualquer modo, independente de

quais classes sociais pertençam ou de quais etnias são provenientes, tendo interesses e necessidades distintas ou semelhantes. E o desencontro de objetivos comuns.

Pequeno (2000) percebe a cidade como a concretização da experiência humana da transformação daquilo que é múltiplo em único; a instância inicial onde nos é concedido viver o antagonismo entre o coletivo e o individual, o público e o privado, a ordem e a anarquia, as regras disciplinares e as vontades. Uma organização sócio-econômica complexa e constituída pela concentração de uma determinada população não-agrícola num determinado lugar. E alega que o espírito das cidades está nas relações dos cidadãos uns com os outros, pois que são eles que as constituem e as sustentam.

Em tempos remotos, os homens viviam em aldeias e nelas as comunidades se ocupavam da reprodução e da nutrição. Seus rituais eram satisfeitos e nenhum aumento numérico haveria que transformasse uma aldeia em cidade. Para que isso acontecesse era preciso modificar o modo de vida para que extrapolasse além dos interesses de sobrevivência. "A parte maior da população do mundo, na verdade, jamais respondeu a esse desafio: até o período de urbanização, as cidades ainda continham apenas uma pequena fração da espécie humana." (Mumford, 1998:37).

O que aconteceu principalmente com a ascensão das cidades foi que muitas funções, que haviam, até então, se apresentado dispersas e confusas, juntaram-se dentro de um espaço delimitado, e os componentes da comunidade foram mantidos num estado de profunda interação. Nessa união, que a reclusão severa dentro dos muros da cidade tornou quase que compulsória, as partes já bem estabelecidas da protocidade ( a saber: aldeia, mercado, fortificação, santuário, fonte ) sofreram uma diferenciação em suas estruturas , que lhes deram formas reconhecíveis em todas as fases que se seguiram da cultura urbana. A cidade se revelou não simplesmente um meio de expressão, em termos reais, mas ampliou o poder sagrado e secular. A invenção das cidades " ...ampliou também todas as dimensões da vida." (Mumford, 1998:39).

No século XIV, os novos métodos de proteção militar armada, ou seja, a muralha e o exército de cidadãos, deram às cidades uma popularidade nunca vista antes na História do homem. As cidades se estabeleceram como espaços de morar e trabalhar socialmente protegidos. Os motivos econômicos impulsionaram tais mudanças estruturais. "A libertação das cidades foi um passo no sentido do ordenamento eficiente da vida econômica: a substituição do escambo por tarefa ou pela contratação sazonal. Em suma, [...] de *status* para contrato" (Mumford, 1998:286).

Já no século XVIII, será o subúrbio que crescerá. Com o congestionamento das vastas metrópoles e a propagação maciça das cidades industriais deu-se a necessidade de fugir da urbe para as periferias. Mumford (1998) salienta que era comum as pessoas abandonarem as cidades ou por recomendações médicas, dado ao alto índice de poluição, ou pelo fato de as cidades "sufocarem" a população, por ser um espaço de repressão e vigilância. As cidades convalesciam. Mas, apesar de todas as problemáticas que se avolumavam, no século XX, a população mundial fixou moradia nas cidades. A modernidade é urbana.

A seguir, tratarei do processo de urbanização do Brasil, dando ênfase às diferenças que se evidenciaram ao longo do século XX, principalmente no que se refere à intensa ocupação das cidades brasileiras.

## **2.2. Sobre o processo de urbanização no Brasil.**

Tânia Bacelar, então secretária de Política de Desenvolvimento Regional do Ministério da Integração, afirmou durante o I Fórum Internacional Território, Desenvolvimento Rural e Democracia, ocorrido em 2003, que: " O Brasil é um país em processo de ocupação. O Brasil do século XX investiu com muito mais força nas cidades e na indústria.... " ( Diário do Nordeste, 18.11.03 ).

Semelhante aos outros países da América Latina, o Brasil intensifica o seu processo de urbanização a partir da segunda metade do século passado. Basta dizer que, no ano de 1940, a população residente nas cidades somavam 26,3% do total. Já no ano 2000, segundo o último

Censo, ela era de, nada menos, 81,2%. Traduzindo para números inteiros: de 18,8 para 138 milhões de habitantes. As cidades foram ocupadas. As cidades se multiplicaram (Maricato, 2001).

Esses 138 milhões de pessoas residem nos espaços urbanos com ou sem moradia, com ou sem serviços de infra-estrutura, com ou sem emprego... " Bem ou mal, de algum modo, improvisado ou não, todos os 138 milhões moram em cidades "( Maricato, 2001: 16). E precisam, evidentemente, de transportes, saúde, lazer, saneamento básico e muitas outras necessidades. O espaço urbano é, portanto, um local de profundas e contínuas transformações. De profundas e contínuas contradições. A sociedade que *acolhe* o mendigo, também *acolhe* o magnata.

Mas onde estão as respostas para tão colossal crescimento? Por que as cidades são tão atrativas aos olhos de todos? No final do século XIX, 10% da população brasileira residia nas cidades. Naquela época, o país contava com algumas cidades de grande porte. "Por todo o mundo ocidental, durante o século XIX, novas cidades eram fundadas e antigas eram ampliadas. [...] O primeiro sinal de um surto imobiliário era a ampliação de ruas" (Mumford, 1998: 462).

Entretanto, as primeiras décadas do século XX serão marcadas pelo início da industrialização - através das atividades relacionadas com a cafeicultura e as necessidades básicas do mercado brasileiro -, fator decisivo para impulsionar o processo de migrações do espaço rural para o citadino. De acordo com Maricato ( 2001 ), a proclamação da República e a abolição da escravatura também foram fatos históricos decisivos para estas mudanças estruturais .

Naquele período, a implementação de políticas voltadas para o embelezamento paisagístico e de controle das epidemias iria favorecer, por certo, um mercado imobiliário que se firmava com tais medidas. A expulsão das populações menos favorecidas para as áreas de pouco valor financeiro era uma realidade que se firmava. Cidades como Recife, Santos, São Paulo e o Rio de Janeiro se aformosearam às custas da retirada dos pobres para áreas mais periféricas. A mendicidade, sem ser vista, aparentava ter diminuído.

A partir de 1930, a burguesia industrial assume a "... hegemonia política na sociedade" (Maricato, 2001:17). E o Estado passa a investir decididamente em infra-estrutura objetivando o crescimento das indústrias. Em 1950, o país passa a produzir bens duráveis e bens de produção, como eletrodomésticos e eletrônicos, e o automóvel. A produção em massa e o consumo de tais bens modificaram, por certo, o modo de viver do brasileiro. E o palco de todas estas mudanças era o espaço urbano- lugar onde *tudo* acontece.

As famílias do meio rural que se aventuraram e partiram para as cidades tiveram, à época, melhoria na qualidade de vida. De 1940 até a 1980, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 7% ao ano, fator que contribuiu, mesmo com a concentração de renda, para tais melhorias fossem possíveis. O crescimento econômico dava sinais de que as riquezas respingavam nas camadas populares (Maricato, 2001).

O crescimento econômico também foi responsável pelo surgimento da nova classe média urbana. Todavia, esse crescimento deixou enormes contingentes populacionais sem acesso à previdência social, serviços de saúde, moradia, saneamento, legislação trabalhista, entre outros. E, para agravar a situação, a década de 1980 foi um período de recessão e declínio econômico e os anos 90 trouxeram consigo os números do impacto causados pelo desemprego na sociedade.

O crescimento econômico em todo o país, de modo geral, acelerou as desigualdades sociais pois se constituiu a partir da concentração da renda nas mãos de uma minoria em detrimento dos segmentos da população que buscaram nas áreas de risco – como morros, mangues, dunas e encostas – um lugar em que pudessem se fixar.

Para compreender melhor a atual realidade da cidade de Fortaleza – cenário maior da pesquisa em questão -, se faz mister um retrocesso na História em busca de respostas que estão presentes na cidade como um todo. A seguir, a Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Santa católica padroeira da capital cearense.

### 2.3. "Um dedo de prosa" sobre Fortaleza.

"...onde quer que teus filhos estejam  
na pobreza ou na riqueza sem par  
com amor e saudade desejam  
ao teu seio o mais breve voltar..."

( Trecho do Hino de Fortaleza de Gustavo Barroso )

Vou contar, agora, um pouco da História da minha cidade – meu predileto espaço geográfico. E como não poderia deixar de ser, faz-se necessário compreender seu desenvolvimento a partir da História do Ceará. Não tenho a pretensão de fazer um detalhado resgate histórico. Ao contrário, o meu intento é de suscitar o interesse pela gênese e crescimento da cidade. Falar da cidade e sorvê-la, dizer da cidade é senti-la, buscando inspiração na simples e ao mesmo tempo complexa linguagem regionalista de Batista de Lima, quando nos apresenta a cidade imaginária de Tabocal.

"Tabocal está no mapa. Nesse mapa da memória, que a gente capta pelas retinas e guarda nos cafundós da relembração. É uma cidade pequena, crescida em torno da igreja de São Sebastião. Dizem que, em tempos idos, por ali passavam comboieiros que tinham no aprazível lugar, um momento de repouso para si e para as alimárias. Daí surgiu uma pequena venda e algumas casas. O grande impulso ao crescimento do casario surgiu exatamente com uma calamidade[...] Era a grande seca dos três sete, quando uma moléstia quase acabava com a população. Foi aí que se criou a capela em homenagem a São Sebastião, com o intuito de proteger a população contra peste, fome e guerra. Nunca mais houve peste por ali. Fome também não houve mais, como naquela grande seca. Quanto à guerra, essa passou longe" ( Lima, 1997: 13 ).

A História do Ceará não é uma narrativa tão fácil, ranço, talvez, de uma herança que nos deixou um legado de *desinteresse* por nossa história. Os registros apontam que o início da ocupação da cidade se deu a partir da vinda dos holandeses, objetivando se estabelecer através de um "pólo defensivo" (Jucá, 2000:21 ). Somente a partir de meados do século XVII foi que a

cidade de Fortaleza passou de uma fortificação para um povoado. Apenas em 1603, Pero Coelho de Sousa construiu, na Barra do Ceará, o Forte de São Tiago.

Mais tarde, em 1612, no mesmo lugar, foi erguido o Forte de São Sebastião, por Martin Soares Moreno – o belo "guerreiro branco" do romance *Iracema*<sup>14</sup>. Martin, aos 18 anos, já havia estado em terras pernambucanas numa comitiva do então Governador Diogo Botelho, em abril de 1602, quando foi engajado na bandeira de Pero Coelho para o Siará, lugar onde manteve a amizade do índio Jacaúna, fator que muito colaborou para o seu retorno 10 anos depois.

Para saber um pouco mais sobre Soares Moreno, trago uma poesia sobre a personagem em questão. O olhar poético sobre o homem e sobre a História do Ceará, ainda deserta de mendigos:

" A mesma praia, as pedras, essas dunas  
e a memória do rio com sua corrente  
já trazem para a margem do presente  
o guerreiro Martim com as escunas.  
Ali fundou um forte de colunas  
Destemidas. Sonhou na areia ardente  
Uma cidade lusa, clara e rente.  
E degolou francês e ouviu graúnas  
Pelas praias... Depois, tornou ao mar  
A serviço de d'EL-Rey noutra contenda.  
Voltou, porém, num sonho de Alencar  
A viver a verdade de uma lenda.  
Em meu sangue, que é praia do passado,  
Martim Soares combate, ressonhado. "  
( Espínola, 2001: 20 )

Em 1649, Matias Beck, um holandês, ocupa o outeiro Marajaitiba, às margens do Rio Pajeú – local onde Fortaleza começaria, de fato, a ganhar forma. Lá fora construído o Forte de *Schonenborch* para que os holandeses se defendessem dos indígenas aliados dos portugueses. A

---

<sup>14</sup> O referido livro destaca o romance entre a índia Iracema e o português Martin. Obra citada.

poesia que se segue aproxima-se do posicionamento de Beck diante das vicissitudes encontradas em terras cearenses. Espínola (2001:03) diz:

" Abri picadas, sonhos e veredas,  
caçando o mineral, que se escondia  
nos grotões das montanhas e do dia,  
no veio dos instantes e das gredas.  
Debaixo deste sol em labaredas,  
na febre de viver, que não cedia,  
lutei contra os tapuias com ousadia,  
cercado de traiçoeiras alamedas.  
Só encontrei as minas dos enganos:  
onde sonhei Holanda, só vi dunas;  
onde busquei prata, lavei danos;  
no lugar de tulipas, só bordunas.  
Sim, deixo a fortaleza e o que mais seja.  
Que tudo nesta terra é vã peleja."

A nossa primeira constatação advinda da pesquisa, em textos, sobre a história da cidade, é que Fortaleza - que tem seu nome diretamente ligado às edificações primeiras que aqui foram feitas -, enquanto espaço socialmente construído, não teve, em sua gênese, uma intencionalidade de se constituir como tal. " Embora não houvesse objetivo para fundar uma povoação, vila ou cidade, isso aconteceu de forma espontânea, tão logo se verificou a expulsão dos flamengos" ( Jucá, 2000:21). Tal expulsão se deu em 1654 e, de 1660 a 1698, foi feita a reconstituição do Forte de *Schoonenborch*<sup>15</sup>. No período colonial, enquanto a economia no Nordeste se caracterizava pela produção da cana-de-açúcar, Fortaleza tinha na pecuária sua principal atividade econômica.

---

<sup>15</sup> Tal construção é um dos pontos turísticos da cidade de Fortaleza.



O pequeno povoado foi ter *status* de Vila Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção no ano de 1726 pela Carta Régia. E prolongado fora o período em que a pequena vila ficou deslocada das outras regiões do Ceará (que eram produtoras de bens econômicos para o comércio da área litorânea de Pernambuco e do exterior), ocorrido ao longo do século XVIII, fator que podara o desenvolvimento de atividades econômicas de caráter urbano. "A essa circunstância acresce-se o fato de que a vinculação administrativa do Ceará a Pernambuco excluiu da vila, até o final do século XVIII, [...] o desempenho de funções burocráticas" (Lemenhe, 1991:17).

Quando ocorreu a separação da capitania de Pernambuco, já findava o século XVIII (mais precisamente, no ano de 1799), tornando o Ceará independente. "Fortaleza a partir de então intensifica a atividade exportadora do algodão. Esta atividade assume um papel de destaque para a Vila, constituindo a base de sustentação do grande empório comercial"(Silva,1992:23).

Por ordem do Imperador, Fortaleza foi elevada ao porte de cidade somente em 17 de março de 1823, com o nome de Cidade da Fortaleza de Nova Bragança. Tal medida foi coerente à política centralizadora que marcou o período da monarquia brasileira. Quase 20 anos depois (em 1842), já existia, por parte da Câmara Municipal, a preocupação com o ordenamento da cidade: ruas e becos deveriam ser alinhados. Em 1843, o aterro e o nivelamento das ruas eram objetivos a serem atingidos pelo poder público.

Para abastecer o mercado têxtil da Inglaterra, em meados do séc. XIX, o algodão passou a ser produzido no interior e trazido para Fortaleza para ser exportado. Ou seja, a cidade tornou-se um centro coletor do algodão. Assim, é certo afirmar que o binômio gado-algodão fora responsável pelo desenvolvimento econômico e social da cidade de Fortaleza. E, por certo, mais econômico que social, visto que os mendigos já se avolumavam.

A Guerra de Secessão Americana (ocorrida devido a conflitos internos), em 1866, favorecera a exportação do algodão cearense para a Inglaterra, assim como a Revolução Industrial. Trata-se de fatos históricos de caráter internacional que contribuíram bastante para o

desenvolvimento da Fortaleza. Além disso, a lavoura de algodão foi um importante elemento fixador da população no sertão semi-árido. Em fins da década de 60 do século XIX, Fortaleza já vê-se ligada ao Rio de Janeiro e à Europa por meio da criação de linhas de navios movidos a vapor. Mas que Fortaleza é esta, de que tanto escrevo? Como retroceder no tempo e imaginar uma cidade diferente desta que conhecemos? Qual era sua forma geográfica? Em 1875, segundo a planta de Adolfo Hebbster, Fortaleza havia se desenvolvido em relação aos espaços ocupados de modo permanente, "... até as atuais avenidas do Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel. Essas vias introduzidas por Hebbster tornaram-se as principais da área central" (Silva,1992:25 ).

Apesar de todo o crescimento econômico da época, na História de Fortaleza se registravam ocupações contínuas de levas de sertanejos expulsos pelas secas. O drama das longas estiagens modificou milhares de vidas ao longo dos séculos no Ceará (nem sempre para melhor). Famílias inteiras foram *arrastadas* para as cidades em busca de ajuda, emprego e assistência. O flagelo do ano de 1877, que atingiu todo o Ceará, foi descrito *dantescamente* por Domingos Olímpio<sup>16</sup> no romance regionalista " Luzia-Homem"<sup>17</sup>, retratando o êxodo de uma família de retirantes. A narrativa feita pelo autor nos remete à problemática, haja vista o realismo que é dado à cena da chegada de um grupo de retirantes na cidade. Diz ele:

"A população da cidade triplicava com a extraordinária afluência de retirantes. Casas de taipas, palhoças , latadas, ranchos e abarracamentos do subúrbio , estavam repletos, a transbordarem.

Mesmo sob os tamarineiros das praças se aboletavam famílias no extremo passo da miséria-resíduos da torrente humana que dia e noite atravessava a rua da vitória , onde entroncavam os caminhos e a estrada real , traçada ao lado esquerdo do Acarau , até ao mar. Eram pedaços da multidão , varrida dos lares pelo flagelo , encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado . Como terra de maldição ferida pela ira de Deus; esqueléticas criaturas de aspecto horripilante , esqueletos automáticos dentro de fantásticos trajes , rendilhados de trapos sórdidos , de uma sujidade nauseante , empapados de sangue purulento das úlceras que lhes carcomiam a pele, até descobrirem ossos , nas articulações deformadas " ( 1984:35 ).

---

<sup>16</sup> Escritor cearense (1850-1906).

Conto agora um exemplo catastrófico. Entre os anos de 1877 e 1879 migraram mais de 100 mil sertanejos para a capital. Foi um tempo de lamentações; tempo em que uma epidemia de varíola vitimou milhares de pessoas. Só no dia 10 de dezembro de 1878, o então Cemitério do Lazareto da Lagoa Funda abriu suas portas a 1.004 cadáveres. Este dia ficou conhecido na História da cidade como o "Dia dos mil mortos". Rodolfo Teófilo alertava para tal problemática no espaço urbano: "Tinha Fortaleza o aspecto de sombria desolação. A tristeza e o luto entravam em todos os lares. Os transeuntes que se viam eram vestidos de preto ou eram mendigos saídos dos lazaretos com os sinais recentes de bexiga confluyente ..." (Teófilo apud Ponte, 1999:84).

Entre 1880 e 1926, com a expansão da rede ferroviária, Fortaleza *aproxima-se* das localidades do sertão: Sobral, Baturité, Quixadá, Crato, Crateús e outras. As ferrovias passam a impulsionar o crescimento acelerado da cidade. Também nesse período, Fortaleza passou a contar com diversos serviços, como caixas postais e transporte urbano (bondes puxados a burro). E cursos os superiores de Farmácia, Agronomia, Direito e Odontologia são criados.

Com a construção da estrada de ferro que ligava Fortaleza à cidade de Sobral, no ano de 1935, foi favorecido o intercâmbio cultural e também de mercadorias, levadas do interior para a capital do Estado. Cidade, objeto concreto de lucro do grande capital. "O espaço urbano não é apenas o lugar onde o cidadão vive, mora, trabalha. Nem só o local onde o capital obtém lucros. É, principalmente, o objeto em si da extração dos ganhos capitalistas" (Maricato, 1988:07).

A cidade sofria com a varíola que se alastrava. Rodolfo Teófilo, a todo custo, lutava contra a resistência do povo – que relutava em ser vacinado– e contra as medidas tomadas pelas autoridades – fruto do descaso com a saúde pública. Com o fim do período de endemia da varíola, em 1880, a grande maioria dos retirantes retornou para o sertão; outros emigraram para a Amazônia, indo trabalhar nos seringais. Todavia, os que não partiram, ficaram na cidade a mendigar.

---

<sup>17</sup> Embora o trecho refira-se a um episódio ocorrido na cidade de Sobral (CE), segundo os registros históricos, a cena era comum também em Fortaleza.

Teófilo narra uma cena de horror: "O número de cegos pela varíola era incontrolável, assim como os chaguentos, todos pedindo esmolas. Entre a turba de esmoleres, causava grande pena as crianças, os pequeninos [...], esmolavam cantando". (Teófilo apud Ponte, 1999:86-87).

As transformações que se deram na sociedade brasileira no final do século XIX marcaram decisivamente a paisagem das cidades. Não só as transformações particulares, como a queda do Império escravocrata, dando lugar à República e suas conseqüências, mas também as influências oriundas de outros países.

As reformas de Haussmann, realizadas em Paris, serviram como modelo para as mais diversas reordenações urbanas implementadas nas sociedades ocidentais no século XIX. As reformas consistiam em relacionar medidas e técnicas necessárias para o reajustamento social entre as camadas mais populares, através, principalmente, do controle dos corpos, atitudes, etc.

Tal processo disciplinador se fez notar nas principais cidades brasileiras. Em Fortaleza, a partir de 1860<sup>18</sup>, se observa iniciativas por parte do poder público, assim como de particulares, mas sem que houvesse uma aliança entre ambos. Era preciso aformosear e assear o espaço urbano.

"Gradativamente, os conceitos de ruas e praças foram sendo reformulados, novas formas, explicitadas através de suas morfologias e tipologias arquitetônicas" (Pesavento, 1996:11). Novas idéias e tecnologias, além da mão-de-obra mais preparada, contribuíram para alterar a produção do espaço citadino que se construía. Fortaleza também se *metamorfoseou*. A cidade se embelezara com o primeiro cinema (1907) e o imponente Theatro José de Alencar (1910). Idelfonso Albano cuida do "alinhamento das casas, alargamento das ruas e a instalação dos bondes elétricos (1914)" (Silva, 1992:27).

---

<sup>18</sup> Sobre o processo de reforma urbana e disciplinar na sociedade brasileira entre o fim do século XIX até o ano de 1930, veja: Muricy, Kátia. *A Razão Cética: Machado de Assis e as Questões de seu tempo*. São Paulo, Cia. Da Letras, 1988. Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

Assim, o espaço urbano se modifica permanentemente, tornando-se um objeto a ser embelezado com máscaras de fácil decomposição, pois os mendigos estavam por toda parte – filhos da cidade ou do sertão ardente. Sertão de estiagens avassaladoras. Como um deserto em que não é permitido vislumbrar nenhum oásis. A seca é imperativa. Para que se tenha uma idéia do quanto as estiagens castigaram o povo nordestino, basta ver a tabela nº 3. Nela, se encontram cronologicamente organizadas as informações sobre as secas que penalizaram a região a partir do século XIX. Período de desespero (ou será melhor apherio?) entre um povo sem água para beber. Sem água para viver.

**TABELA 3**  
**Sobre o fenômeno da seca no Nordeste**

Séculos	Total de Estiagens	Anos
XIX	7	1800- 1801-1802-1803-1804 1810 1816-1817 1824-1825 1844-1845 1877-1878-1879 1888-1889
XX	13	1900 1903-1904 1908 1915 1930-1931-1932 1942 1951-1952-1953 1958 1970 1976 1979-1980-1981-1982-1983 1987 1990-1991-1992-1993
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	

Fonte : FUNCEME, 1994.

A tabela nº 3, embora contenha dados sobre os períodos de seca no nordeste brasileiro, não é capaz de retratar as dores, perdas, partidas...Conseqüências do abandono do homem que vivia no meio rural, por parte do poder público, e de uma paisagem natural que castiga sob um sol indiferente a qualquer sofrimento. No semi-árido, o " carcará pega, mata e come" (como bem disse o compositor João do Vale), mas para o sertanejo só há duas opções : resistir passando necessidades ou migrar, ele e sua família.

Fortaleza do passado – que não conheci. Fortaleza que se delineia a partir dos anos de 1930 – que conheço dos livros e dos relatos dos meus pais e daqueles cujo clã inspira respeito - será a temática do momento seguinte da dissertação.

#### **2.4. Fortaleza hoje: a miséria bate à porta.**

Fortaleza, palco de constantes relações sociais entre homens e mulheres, evidencia, através de seus espaços sócio-geográficos, as diversas faces de uma cidade partida. É um cenário de conflitos permanentes e de modo acentuado quando se trata da população de rua. Seus espaços públicos, nas últimas décadas, têm acolhido aqueles desprovidos de habitação. Assim, a cidade convive com esse novo contingente populacional, cuja urgência pelos mínimos sociais desmascaram a exclusão em que estão inseridos. "... a metrópole tem este atrativo adicional – que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi" (Calvino, 1990: 30). Mas como a capital de José de Alencar se tornou a cidade que conhecemos hoje?

É a partir da década de 30 que Fortaleza começa a ganhar contornos de cidade desenvolvida com o crescimento de sua área urbana, apesar de não ter um pólo industrial capaz de garantir trabalho aos migrantes que para cá vieram – principalmente de outros municípios cearenses - nem tão pouco infra-estrutura condizente a tal crescimento. Este fluxo migratório foi impulsionado pelos longos períodos de estiagem (vistos anteriormente) que castigaram o Ceará, como também, vale lembrar, pela inexistência de uma política de fixação do homem na zona rural e da concentração de terra nas mãos de um pequeno grupo privilegiado.

Na década de 40, a zona oeste da cidade era reconhecida como uma área de indústrias e, por conseguinte, de bairros onde se concentravam a classe operária. Nas décadas seguintes, a problemática se acentuou visto que Fortaleza tornou-se cada vez mais atrativa – a vida na cidade poderia significar melhores condições econômicas, dado o processo de industrialização que criara novos empregos e representara o progresso, o moderno. A cidade é palco de intensas mudanças.

O setor industrial ganha impulso quando, a partir da década de 60, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) é instituída. Era um período de insatisfação dos trabalhadores rurais, que organizavam-se em Ligas e ameaçavam a ordem estabelecida pelas oligarquias nordestinas. Os investimentos na indústria fizeram o homem do campo migrar para as capitais nordestinas.

Em 1964, é criado o Distrito Industrial de Fortaleza mas, apesar disso, os empresários locais continuaram instalando suas indústrias na “Zona Oeste da Cidade. A ausência ou incapacidade da infra-estrutura do Distrito Industrial [...] parece ter sido um dos maiores entraves para que as indústrias ali se instalassem de imediato” (Silva,1992:41). Enquanto isso, o problema das secas continuava trazendo o sertanejo para a cidade para não morrer de fome e sede; por vezes, vinha mendigar. Em 1966, Rachel de Queiroz<sup>19</sup>, na crônica intitulada **Seca**, nos falava da aflição de uma família de retirantes que adentram uma propriedade rural particular:

" O homem escuro botou o couro em cima do parapeito e o sangue escorreu num fio pela cal da parede:

\_ Estou arranchando com a minha família debaixo daquele juazeiro grande, ali. Essa cabra passou perto – não sei de quem era. Matei, e a mulher está cozinhando a carne para se comer. Agora, o couro – o senhor ou me dá dinheiro por ele, ou me dá farinha.

\_ E de quem é essa cabra? É minha? Quem lhe deu ordem para matar?

O velho estava tão furioso que o dedo dele, espetado no ar, tremia. E o loureba esfarrapado chegou perto e deu a sua risadinha:

\_ Ninguém perguntou a ela o nome do dono...

Mas o outro, sempre sério, olhou o velho na cara:

\_ Matei com ordem da fome. O senhor quer ordem melhor? " ( Queiroz, 1997: 14-16).

*A fome tem cara feia!* É o que diz o ditado popular.

Ainda na mesma década, o capital passa a modificar o desenho da cidade. O planejamento urbanístico de Fortaleza passam a atender as demandas do mesmo. As determinações econômicas autorizam a construção de bancos e hotéis em detrimento aos espaços onde antes existiam antigas praças públicas. Era a modernidade econômica que chegara a capital alencarina.

Na década de 70, a carência habitacional já era uma questão social, além da insuficiente rede de serviços de saúde, educação, transporte e saneamento básico. Naquele período histórico, cria-se a Região Metropolitana de Fortaleza, como uma possibilidade de reverter ou minimizar as problemáticas citadinas.

A partir de meados da década de 80, Fortaleza acentuará seu caráter de metrópole, evidenciado pelo crescimento das favelas e ocupações urbanas, pelo surgimento acentuado de prédios verticais concentrados nas áreas mais nobres e também pela construção de novos conjuntos habitacionais. Ou seja, o perfil da cidade revela as contradições entre os ricos e os pobres, sendo a desigualdade, portanto, o seu traço mais evidente. A modernização caminha lado a lado com a injustiça social.

Na zona leste, onde residem as famílias de maior poder de compra - como é o caso da Aldeota e do bairro do Papicu - cujos condomínios de luxo e mansões mostram o fosso que separa ricos e pobres em Fortaleza - presença de carros novos e importados, grandes centros comerciais, redes de ensino particular, entre outros, são evidências concretas da concentração de renda de segmentos com alto poder aquisitivo. De acordo com Silva, "... grande parte destes bairros estão localizados na parte Leste da cidade, contrastando com os da Oeste que são ocupados em sua maioria pela massa trabalhadora" (1992:44).

E, com o aumento populacional desordenado, os segmentos mais empobrecidos dos trabalhadores são obrigados a se deslocarem para bairros ainda mais distantes e a comporem

---

<sup>19</sup> Escritora cearense e 1ª mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras (1910/2003)



um quadro que evidencia o descompromisso de sucessivas gestões municipais e estaduais. A concentração de renda nas mãos de uma minoria da população que reside em Fortaleza demonstra o caos urbano que a cidade vivencia. Pobreza e mendicância permeiam a paisagem.

É ainda na década de 80, mais precisamente no ano de 1986, que se inicia no Ceará o “Governo das Mudanças”, em contraposição ao clientelismo e coronelismo que caracterizavam o poder no Estado. A gestão, representada pelo empresário Tasso Jereissati, propunha ações modernizadoras na máquina estatal, incremento no turismo local, crescimento do setor industrial, além de uma política de privatizações. Esse período de nossa história marca profundamente a cidade, visto que são feitos investimentos em sua infra-estrutura, para que a mesma ganhe aspectos de cidade turística, gerando mais recursos para os cofres do Estado.

No que tange à ação municipal em Fortaleza, foram construídas e ampliadas novas vias de tráfego de transportes – o que gerou uma falsa idéia de mudança na qualidade de vida de seus habitantes. Na atual gestão, a Prefeitura investiu R\$ 1,7 milhão na nova iluminação da Praia de Iracema - cartão postal da cidade ( Diário do Nordeste, 03/02/2003). Enquanto isso, o déficit habitacional de Fortaleza, segundo a Federação de Bairros e Favelas, é de 160.000 unidades (Diário do Nordeste, 22/01/2003). As 92 áreas de risco se espalham pela cidade. E é importante salientar que tais mudanças ocorreram principalmente nas áreas mais nobres da Fortaleza. Santos reafirma a existência das desigualdades sociais na cidade.

Apesar de relativamente homogêneos pode-se distinguir entre os setores habitados pelos quadros superiores e ocupados pelos quadros subalternos. Os primeiros se beneficiam da maioria dos equipamentos urbanísticos[...] Estas zonas bastam-se a si mesmas... ( Santos, 1981: 177 ).

As mudanças na cidade têm ocorrido de forma acelerada. Os espaços mais valorizados, pelo mercado imobiliário, continuam sendo modificados com construções verticais de grande porte, comprometendo até a ventilação nos bairros mais distantes da orla marítima,

enquanto a periferia apresenta, cada vez mais, os aspectos inerentes aos segmentos que têm diminuído o seu direito de aquisição de produtos e serviços essenciais, evidenciado pelo aumento de favelas e ocupações urbanas<sup>20</sup>, resultante do processo de empobrecimento daquela população. A ocupação de terrenos clandestinos (de baixo ou nenhum valor no mercado imobiliário) favorece a construção de precárias habitações (Silva, 1992:21-32).

Os anos oitenta e noventa (do século XX) são marcados pelo fenômeno da globalização e suas modificações nas dimensões econômicas, culturais, sociais e políticas repercutem nos espaços urbanos como um todo, revelando que as mais diversas transformações têm repercutido no aumento do número de pessoas sem-terra, sem moradia, desempregadas e sem perspectivas. Ou seja, o crescimento da miséria e da pobreza. Em Fortaleza, os efeitos da globalização se refletem nas esquinas, nas praças, nos sinais de trânsito... onde crianças, adolescentes, homens e mulheres mendigam em qualquer horário por comida ou algum dinheiro. “O reaparecimento de miseráveis sem-teto era parte do impressionante aumento da desigualdade social econômica da era.” (Hobsbawm, 1995:396).

Apesar da referida questão social, Fortaleza, terra abençoada por um belo litoral e cujo calor se faz presente por todo o ano, tem na atividade do turismo um de seus principais pilares econômicos. Não por acaso, é mostrada pelas agências de viagens como um lugar digno de ser conhecido e revisitado. Seus pontos turísticos, como o *Beach Park*<sup>21</sup>, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (lugar de expressivas manifestações artístico-culturais), o novo Mercado Central (parada obrigatória para quem quer conhecer e adquirir o artesanato local), a Catedral Metropolitana, o belo Theatro José de Alencar, a Avenida Beira-Mar e sua estátua de Iracema, a virgem dos lábios de mel... Enfim, o que Fortaleza tem de melhor.

---

<sup>20</sup> Consulte pesquisa de Dias e Gonçalves (2003).

<sup>21</sup> Famoso parque de águas localizado no município de Aquiraz – Zona Metropolitana de Fortaleza.

Porém, todo o lado obscuro da cidade é, notadamente, escondido do turista. A periferia é encoberta, ficando as favelas, ocupações urbanas e áreas de risco para os olhos de seus habitantes. Uma multidão de famintos está todos os dias nas ruas da metrópole mendigando, implorando, humilhando-se. Embora o poder público não queira, a fome mostra sua face a quem quiser ver.

E assim se vive em Fortaleza. Pouco importa a cidade em que as populações "de rua se encontrem, suas rotinas cotidianas e opções de sobrevivência provavelmente serão afetadas por um clima político que desliza num *continuum* que vai da generosidade à hostilidade" ( Snow, 1998:159).

Fortaleza se vê diante de uma grande dívida social. Seu déficit habitacional gigantesco ( e vale repetir: 160 mil moradias, aproximadamente ) demonstra o quanto a população do lugar se encontra inserida num processo de exclusão social. Se considerarmos que a população total da área metropolitana soma 2,7 milhões de habitantes ( sendo 2 milhões somente em Fortaleza), é correto afirmar que a pobreza se concretiza em outros patamares que não só o da carência habitacional. Em relação a esse tema, Maricato ( 1994 ) lucidamente expressa:

*"Não se trata de conceitos mensuráveis, mas de uma situação complexa que envolve a informalidade, a irregularidade, a pobreza, a baixa escolaridade, o oficioso, a raça, o sexo, a origem e principalmente a falta de voz. A ilegalidade é, sem dúvida, um critério que permite a aplicação de conceitos como exclusão, segregação ou até mesmo de apartheid social ou ambiental"* ( Maricato, 1994:54).

Aliás, os dados sobre a concentração de renda no Estado não são nada animadores. Em relação aos demais do Nordeste, o Ceará era líder em concentração de renda (Diário do Nordeste,14/06/2003). Em todo o país, só perdeu para o Acre, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD), realizada pelo IBGE no ano de 2001. O Índice Gini, que mede a concentração em um dado local, foi de 0,605 no Ceará naquele ano.

Ainda de acordo com a PNAD ( com dados de 2001), 21% dos ocupados no Ceará viviam com até R\$ 120,00. E 24,1% das pessoas recebiam entre R\$ 120,00 e R\$ 240,00. E apenas 19,5% ganhavam de 1 até 2 salários mínimos<sup>22</sup>. Na Região Metropolitana de Fortaleza, os ocupados somavam 1.247.016, sendo que 65% recebiam de ½ até 2 salários mínimos ( ou seja, R\$ 240,00)( Diário do Nordeste, 13/06/2003). Os números, nada insólitos, apontavam para o crescente acirramento da desigualdade socio-econômica – um traço insofismável do nordeste brasileiro.

Fortaleza, tal como tem sido gerida nas últimas décadas, se transformou numa cidade injusta. De 11 a 13 de abril de 2003 foi realizado na capital a I Conferência Nacional da Cidade, juntamente com IV Encontro da Cidade. Naquela ocasião, o tema escolhido para o encontro foi **Direito à Cidade e às mudanças no Brasil**. Realizada pela Federação Bairros e Favelas de Fortaleza, CEARAH Periferia e outras instituições preocupadas com os destinos da cidade, teve como principais objetivos:

- Examinar a nova realidade urbana brasileira a partir da vigência do Estatuto da Cidade e dos projetos do Governo Lula;
- Comemorar os 277 anos de Fortaleza;
- Dar seqüência ao esforço coletivo de diferentes entidades e personalidades de reflexão dos problemas de Fortaleza, tendo em vista a busca de um novo caminho alternativo de administração;
- Mobilizar a população de Fortaleza, sob os auspícios dos ventos de mudanças que arejam o país, em prol de uma cidade voltada para o bem-estar de todos.

Apesar do esforço em conjunto dos mais diversos setores da sociedade civil, a Prefeitura Municipal não esteve devidamente representada naquele evento (fato que causou indignação no público presente), o que denota o caráter anti-democrático do gestor da cidade e sua incapacidade de lidar e debater sobre as trágicas desigualdades sociais que caracterizam Fortaleza hoje. A prefeitura foge do povo de Fortaleza e não discute com a população.

---

<sup>22</sup> Atualmente o salário mínimo corresponde a R\$ 260,00.

Naquela oportunidade, o Ministério das Cidades se fez presente através de sua Secretária, a senhora Raquel Rolnick, que ressaltou a importância de se discutir conjuntamente sobre a conjuntura nacional e seus rebatimentos nas cidades, apontando perspectivas de mudança através da postura política e ideológica do atual governo brasileiro.

A mesma prefeitura dá as costas para a Fortaleza pobre. A cidade, não é de hoje, " dá sinais de fadiga, de esgotamento"( Silva in O Povo 2/11/2003). A realidade da maioria dos bairros da periferia da cidade deixa transparecer o abandono em que se encontram as pessoas com baixo poder aquisitivo por parte do poder público. Tal axioma, no entanto, não é capaz de nos fazer sentir o drama cotidiano vivenciado nas áreas periféricas de Fortaleza, principalmente no campo da moradia.

Referindo-se à periferia, Silva adverte: "Noutro lado a cidade grassa a demanda por moradias simples para os trabalhadores. O déficit já alcança a cifra de 160.000 unidades para atender uma população de cerca de 800 mil pessoas..."(Silva in O Povo, 07/03/2004, P.3). As periferias estão cada vez mais longínquas.

As periferias, cada vez mais distantes do Centro, apresentam a mesma fisionomia: residências mal acabadas, crianças descalças pelas ruas, rostos sofridos, roupas nos varais improvisados e as *águas de março* a escorrerem em direção aos bueiros comprometidos. As cenas se repetem." A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente " ( Calvino, 1990:23). A periferia, portanto, é parte axial do retrato de Fortaleza. Os bairros do Bom Jardim, Siqueira, Parque São José, Granja Portugal, Farol, Goiabeiras, Vila Peri ... assemelham-se entre si.

Fortaleza, assim como a cidade imaginária de Cloé, tornou-se um lugar onde os transeuntes "que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas (...) Mas ninguém se cumprimenta, os olhares (...) não se fixam" (Calvino,1990:51).

A cidade cresce demograficamente e seus problemas se avolumam. Então, "aumentam crianças nas ruas de Fortaleza" ( Diário do Nordeste, 10/06/2003) devido à extrema situação de pobreza que se apresenta em casa... Essa Fortaleza que tem " 450 crianças em situação de rua" (Diário do Nordeste, 25/11/2003) sofrendo maus tratos e violência de toda ordem<sup>23</sup> ...

Nem tão pouco um Centro onde famílias carregam seus pálidos filhos para ajudarem na mendicidade. A manchete "Pais usam crianças para mendigar" (Diário do Nordeste, 31/08/2003) estampa a página do jornal, alertando que tal atividade é crime previsto pelo artigo 247 do Código Penal.

Difícil é intimidar as famílias com este argumento citado enquanto o Programa "Fora da Rua, dentro da Escola" ( que atende a 5.222 famílias e pelo menos mais de 5.000 esperam pelo benefício) e o Projeto "Família Cidadã"( cujo público beneficiado é atualmente de 1.200 famílias) não forem capazes de responder dignamente às demandas sociais que se acumulam, a cada geração.

Um Centro que não se torne um espaço vazio aos domingos, pelo medo dos assaltos tão freqüentes "Domingo: Centro de Fortaleza perde freqüentadores" (Diário do Nordeste,16/06/2003) fora uma denúncia sobre a falta de policiamento naquele dia da semana, o que leva as pessoas a se ausentarem dum espaço que fervilha de gente de *Segunda a Sábado*. O *marco zero* da capital abandonado circunstancialmente: a Praça do Ferreira e sua animação rotineira, a Coluna da Hora marcando o tempo sem ser vista, o Theatro José de Alencar sem ser admirado. Que foi feito das intenções de projetos que visavam contribuir com a requalificação do Centro histórico, local, em que o poder público, o terceiro setor e instituições representativas da sociedade civil vinham buscando construir desde 2001. "De volta ao Centro?" (Ethel de Paula in O Povo, 19/08/2001) tinha em seu cerne um compromisso a ser selado...

---

<sup>23</sup> Os dados oficiais permanecem inalterados até a presente data.

Mas, eis que já estamos em março de 2004 e nada de concreto se viu. A metrópole se vê encharcada devido às rigorosas chuvas que caem desde janeiro. A periferia novamente amarga seus dramas, os açudes sangram em todo o Ceará. E no Centro, as sombrinhas voltaram a ser companhia obrigatória. São José, no próximo dia 19, aguarda fiéis homenagens. E, no Centro, os pedintes se acomodam debaixo das marquises.

Fortaleza, há muito, "quer ser levada a sério. Quer ver o Estatuto da Cidade implantado como fruto de uma grande conquista da sociedade civil.(...) A cidade quer rever seu Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de forma séria ... " (Silva in O Povo , 29/12/2002). É preciso que se discuta os rumos da cidade com participação popular. O Estatuto da Cidade, Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, "regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal " e "estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências ..."( Arruda, 2002: 05).

A lei, que merece atenção e conhecimento por parte de todos, reforça o papel do poder municipal para a ordenação do solo urbano e prima pela execução de políticas de desenvolvimento das cidades, além de penalizar a retenção especulativa no solo urbano. Uma lei que precisa ser socializada e vivenciada pela população cidadina.

\*\*\*\*

Abril de 2004 se inicia com a certeza de que a cidade não terá muitos motivos para festejar o seu aniversário de 278 anos. Fortaleza sofre. Seu povo faz um coro de vozes que clama por uma cidade melhor - embora, paradoxalmente, ela também sofre com o mal uso por parte de seus habitantes. "Mesmo desposada do sol, morre de vergonha de seu corpo desfigurado " ( Silva in O Povo, 18/04/04, p. 7).

Os problemas de Fortaleza, mais uma vez, foram debatidos por parte da população no 5º Encontro da Cidade: Os desafios da Gestão Democrática na Fortaleza do século XXI. Nos dias 16 e 17 de abril de 2004, diversas representações da sociedade civil se reuniram para buscar soluções que revertam a situação de caos urbano em que se encontra a capital alencarina.

De acordo com Ermínia Maricato, Secretária Executiva do Ministério das Cidades (reforçando os últimos dados do IBGE ), Fortaleza tem hoje 34% de sua população vivendo em favelas e, a cada dia, se avolumam os problemas de moradia, emprego, transporte, saúde, etc. Assim como a maioria das metrópoles brasileiras, a cidade se estende pelas periferias, gerando verdadeiros " depósitos de gente ", sem acesso aos serviços. Sobrevivem distantes da cidade. Ainda no referido encontro, o historiador Régis Lopes, relembrou um episódio ocorrido entre um monitor e um aluno que visitava o Museu do Ceará, *brincava* com a palavra Fortaleza, cujo sentido seria *Forte + Beleza*. Hoje, a capital do Ceará, embora jovem, vê seu semblante castigado pelo descaso de inúmeras gestões municipais. Sua beleza jaz.

As vozes da cidade reclamam da má administração; há segmentos de cidadãos que *agonizam* diante da fome e da miséria absoluta. São essas vozes que quero ouvir. Relatos de quem mendiga e sente os dramas da cidade. De quem suplica e se humilha em troca de esmolas. Com o apoio metodológico da história oral, a seguir, a *fala* dos sujeitos da pesquisa.



**" A linguagem humana não responde apenas a necessidades práticas e utilitárias. Responde a necessidade de comunicação afetiva"**  
( Morin , 2002:53)

**" Para ser garantida como método, as fontes orais precisam ser ressaltadas como o nervo da pesquisa e sobre elas os resultados são efetivados"**  
( Meihy, 2000 :31).

**"... cada um dos historiadores orais desenvolveu, por assim dizer, seu próprio estilo pessoal ( sic )"**  
( Portelli in Freitas, 2000:12).

### **3. OS SUJEITOS DA PESQUISA ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL.**

#### **3.1. História Oral: breves considerações.**

As vozes é que dão vida às cidades e trazem à polifonia urbana muito mais que sons que se entrecruzam. As vozes falam da cidade, dos personagens históricos e dos desconhecidos, do cotidiano e do porvir. As vozes habitam as cidades. Sendo assim, permitam-me fazer algumas reflexões que justificam o porquê da escolha da História Oral como metodologia desse trabalho, antes de apresentar os sujeitos da pesquisa por eles mesmos.

"... a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diversas maneiras de o historiador relacionar-se com os entrevistados e as influências disso sobre o seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática" (Ferreira, 1998: 26).

A História Oral tem como base "o depoimento gravado que objetiva um projeto de estudos determinado previamente e que orienta e organiza a pesquisa" (Meihy, 2000: 28). Assim, tal metodologia prima pela entrevista dos informantes e é a partir dos depoimentos que o pesquisador se depara com histórias que pouco estão presentes em compêndios. Antes, habitam nas memórias dos sujeitos em questão.

É correto afirmar que as sociedades ágrafas são exemplos de tradição oral. A inexistência da escrita favorecia essa prática. Também não causa surpresa afirmar que " ... desde os tempos primitivos, os relatos orais simbolizavam um precioso recurso de transmitir informações acerca das experiências sociais ou mesmo de divulgação do conhecimento adquirido" (Jucá, 2003:40). Entretanto, toda uma tradição historiográfica, defendida pelo sistema positivista, durante o século XIX, "estabeleceu como modelo de fonte histórica exclusivamente o que pudesse ser definido como documento, relegando os depoimentos apenas como uma fonte secundária ... " (Jucá, 2003:40).

Muitos são os questionamentos dos motivos que inibem o uso da História Oral na academia. Segundo Jucá (2003), a valorização exacerbada da escrita nas sociedades alfabetizadas, *locus* incontestável dos historiadores, contribuiria negativamente para o descaso com a palavra viva.

Acerca da realidade brasileira e contrária às "... determinações dadas pelas grandes estruturas, a História Oral se insurge como o avesso de tendências massificantes que 'expulsaram' os seres humanos das reflexões sociais" ( Meihy, 2000:47). A História do Brasil, é sabido, não se constituiu a partir da ótica dos segmentos expropriados. Logo, a voz do povo esteve ausente, oficialmente, dos debates sobre os destinos da nação. A História Oral vem com uma proposta contrária a tal prática autoritária.

Como uma alternativa à história oficializada, a metodologia da "História Oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado ..." ( Freitas, 2000:82). Este método é fecundo devido, inclusive, a sua intrínseca relação com a memória - " sua principal fonte de informação ..." ( Jucá, 2003:37). À luz desse método, não se concebe a História como uma propriedade particular das elites, mas uma construção coletiva em que muitos *Josés* e as *Marias* possam ser ouvidos e respeitados.

A história é feita de alternativas, não de becos sem saídas. História, entendida como Benjamin: o presente é ponto de partida para o olhar em direção ao passado, com vistas ao futuro. Reconstruir esta história, a partir do deslindamento do passado, constitui o ponto de partida para qualquer projeto de transformação social. O passado não é um ponto acabado. É um tempo que precisa ser revivido, reproduzido, reconstruído. Somente assim ele será parte constitutiva da identidade individual e social. ( Silva, 1999 : 321 ).

É denominada e compreendida como " moderna História Oral àquela cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica da entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método" (Freitas, 2000:27). A ética, aliás, foi o pilar que conduziu todos os momentos da pesquisa.

De acordo com Freitas (2000), a História Oral pode ser dividida em três gêneros distintos: tradição oral, histórias de vida e histórias temáticas. No caso da história temática – gênero escolhido na pesquisa em questão –, é possível apontar informações convergentes e/ou divergentes a partir dos depoimentos que serão colhidos nas ruas, junto aos pedintes. " A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os 'derrotados'" ( Joutard, 2000:33).

Em se tratando da tradição internacional da História Oral, uma característica que merece ser destacada é "a sua qualidade prática, o envolvimento pessoal, a disposição em confrontar-se diretamente com a realidade do campo que se pesquisa" (Portelli in Freitas, 2000: 12). A História Oral não se constitui sem esse momento insuprimível que é o do encontro com o narrador, do envolvimento com o mesmo, com a observação dos seus gestos, seus silêncios, sua voz. É no trabalho de campo que o pesquisador depara-se com a vida. E o que antes era murmúrio longínquo viceja em voz.

Todavia, a utilização dessa metodologia não inviabiliza o uso de outras fontes de informação. Ao contrário, mesmo sabendo que os depoimentos a serem colhidos irão resultar em fontes históricas de caráter qualitativo, "... todo pesquisador deve-se valer de todas as fontes disponíveis, a fim de obter um quadro, o mais enriquecedor possível, do período ou tema em análise" ( Freitas, 2000:83) .

Concretamente, a possibilidade de depoimentos orais como fontes históricas só são possíveis devido ao fato da História Oral promover o registro e a divulgação de novas e diferentes versões da História a partir dos mais diferentes narradores. Possibilidade que pode ou não resultar em versões que compactuam com a História oficial e, aparentemente, *cristalizada*. " ... a História Oral *trata* da subjetividade, memória, discurso e diálogo" ( Portelli, 1997:26).

A História Oral pode e deve ser compreendida a partir de uma " relação tridimensional: 1) narrador; 2) pesquisador; 3) público." (Meihy, 2000:56). Sem que haja a constituição dessa tríade, torna-se inviável a identificação dessa metodologia. Para efeito didático, posso afirmar que o narrador se situa como o personagem que trará à luz os fatos, acontecimentos e sentimentos os quais sua memória e sua predisposição em narrar se traduzem em fontes orais significativas. Minimamente, cabe ao pesquisador a tarefa de colher – com o uso do gravador - e transcrever os depoimentos que lhe foram concedidos para, a partir dos mesmos, construir reflexões que possam nortear a pesquisa, além de arquivá-los para pesquisas futuras (sejam elas para uso próprio ou não). E o público? Bem, ao público não cabe simplesmente aplaudir ou contestar. Até porque o público costuma ser plural e, assim sendo, deve contribuir com uma crítica fundamentada, trazendo à tona novas formas de interpretação, num constante *diálogo* com o pesquisador e com o narrador. É para o público, creio, que tudo se realiza. Ademais, " ... apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele"( Portelli, 1997:15).

Eu, no papel de pesquisadora, realizei 8 entrevistas junto aos pedintes que realizam seu *ofício* em algumas praças do Centro de Fortaleza. " Há que se preocupar com a qualidade e não com a quantidade de entrevistas a serem realizadas" (Freitas, 2000:88). Elas foram realizadas nos espaços em questão – ou bem próximas dos mesmos, devido à poluição sonora. E, além do mais, qualquer "entrevista é importante, por ser *diferente* de todas as outras" (Portelli,1997:17). E toda e qualquer entrevista resulta numa troca de experiência entre duas pessoas.

Em se tratando de entrevistas com aqueles que mendigam, é preciso lembrar que "... quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo" (Portelli,1997:21). O tempo dedicado à entrevista poderia, neste caso, ser utilizado com o ofício de pedir. Em outras palavras, é um tempo em que, em tese, se deixou de apurar alguns trocados. Por isso, não me esquivei em *retribuir o tempo que me foi concedido* com algum tipo de ajuda. Quanto a essa prática, há controvérsias, bem sei, mas, enquanto uns ignoram a carência econômica de seus informantes, outros e outras, " ... pelo contrário, respeitam o tempo e as condições de vida social dos entrevistados e promovem algum tipo de recompensa" (Meihy,

2000:36). Eu e meus informantes. Uma relação que se estabelece para além dos livros, para além dos textos. A vivacidade da história oral está nesse encontro em que o narrador se revela e o pesquisador captura esse momento.

" A evidência oral, transformando os objetos de estudos em sujeitos contribui para uma história rica, viva e comovente, também verdadeira, tendo em vista o contato direto [...] com o documento vivo" ( Jucá, 2003:51). O *documento* é vivo, tem veias, pulsa e tem coração. O *documento* é humano. E, parafraseando Portelli ( 1997:25), mesmo que sejamos especialistas em qualquer área entrevistando pessoas analfabetas, na pesquisa de campo, são elas que carregam consigo o conhecimento.

A essencialidade do sujeito, assim, se vê salientada pois serão lembradas as versões acerca de seu passado, reconstruído por sua própria memória. E, segundo Joutard (2000) , "reconhecer seus limites e aquilo que seus detratores chamam suas fraquezas, que são as fraquezas da própria memória, sua formidável capacidade de esquecer..." ( 2000:34).

Visto que a memória é um resultado das experiências individuais e coletivas, na metodologia da História Oral, o teor das entrevistas se constituirá numa documentação diferenciada daquela transmitida pelo viés tradicional. Cai por terra a História dos heróis e bandidos e entra em cena o homem, a mulher, cada sujeito histórico.

De acordo com o pensamento de Montenegro (1992), cabe ao pesquisador facilitar o processo de resgate das "... marcas deixadas pelo passado na memória" ( 1992:150). São aspectos do passado que, nem sempre, estão à *superfície* da memória. E, ainda seguindo o pensamento do autor, vale lembrar que toda e qualquer entrevista, a partir da metodologia da História Oral, objetiva tal resgate.

Tendo em vista que os meus estudos em História Oral devem avançar, e dadas as minhas limitações neste patamar acadêmico, gostaria de registrar o avanço da metodologia da

História Oral no Brasil, principalmente a partir da fundação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), ligado à Fundação Getúlio Vargas, em 1975, e que dispõe de um setor de História Oral desde aquele ano e, mais recentemente, em 1994, com a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), hoje presidida pela pesquisadora Verena Alberti.

Bem, me dêem licença, pois é hora de realizar as entrevistas. E é sabido que todo início de "... entrevista deve ser marcado por uma conversa de esclarecimento com o entrevistado para que este compreenda por que, para que e para quem ele está registrando suas memórias" (Montenegro,1992: 149). (...) Fui ao encontro deles e delas e volto trazendo novidades da vida nas ruas. Tudo o que fluiu e vicejou a partir dos meus encontros com os pedintes do Centro de Fortaleza estão presentes nas próximas páginas.

Devo informar que todas as entrevistas realizadas foram gravadas e transcritas por mim. Tive o cuidado de ouvi-las por diversas vezes, buscando trazer, com fidedignidade, a fala dos informantes. "É certo que não concordo com a idéia da transcrição" É preciso gostar da voz das pessoas (Portelli,1997:40). Como já tinha colocado na Introdução, os momentos de alguns encontros ( ou seja, de algumas entrevistas ) foram *eternizados* e *capturados* pelas lentes de uma câmera fotográfica. As fotos, com os meus e as minhas entrevistadas, se encontram em anexo (vide anexos 3, 4,5 e 6) . As fotografias, já adiantado, foram feitas nas referidas praças em que tais pessoas se encontravam e praticavam a mendicância. Entretanto, peço desculpas pelo fato das entrevistas realizadas nas Praças José de Alencar e Capistrano de Abreu não terem sido fotografadas, devido ao fato de termos presenciado 2 assaltos ( na última praça citada), no dia marcado para as mesmas e pela ausência absoluta da polícia no local. Espero que compreendam.

### **3.2. Os que mendigam na Praça do Ferreira.**

Sábado à tarde. Dia 22 de maio de 2004. É pouco mais de 13 horas. O Cine São Luís está prestes a iniciar a sua primeira exibição do dia. A praça do Ferreira abriga muitas pessoas

que vêm descansar em seus longos bancos de madeira. O movimento não é o mesmo dos dias comerciais. Poucos transitam por ali. Vejo 3 mulheres a mendigar. Todas estão acompanhadas por crianças. Uma traz consigo 4 delas. O menino menor, nu, parece ter pouco mais de um ano. E ele corre sem parar, de um lado para o outro, como se o imenso espaço da praça fosse só dele. Como se brincasse com a ventania constante.

Vou ao encontro de um senhor - que se arrasta devido a uma deficiência nas pernas - que está sentado do lado do Cine São Luís, à sombra, e observa as pessoas que entram na loja Marisa. Ele está só. Para a realização das fotos, Vinícius, meu companheiro, vai comigo. Me apresento, explico o meu interesse em entrevistá-lo e logo ele se mostra solícito, mesmo revelando que ainda não almoçou. Pergunto se posso tirar algumas fotos e ele prontamente concorda. Dois meninos, curiosos, logo chegam também para se inteirar do que está ocorrendo e os convido para uma foto conosco. Eles vibram ao verem a imagem na câmera e, por toda a entrevista, vão compor o nosso cenário. As pessoas passam e observam sem compreender o porquê daquilo tudo... A seguir, meu primeiro informante, cuja entrevista não é tão longa devido ao pedido antecipado do mesmo.

*Benedito Monteiro de Souza.*

*Vou fazer 54.*

*Teve não senhora. Nunca estudei. Estudei quando era criança mas não aprendi nada.*

*Sou filho natural de Pacatuba.*

*Desde 71. A minha família toda era pobre, né? Não tinha nada com quê, né? Ajudá, né? Que eu fiquei sem mãe, não conheci mãe. Fiquei com 8 mês de nascido, aí fui criado com vó. ( a Coluna da Hora avisa que são 14 horas). Aí o que eu ganhava, eu ajudava . Durante a semana dá 100 reais, por semana, né? Não, não me incomoda não...É um mei de vida, né? Meu mei de vida é esse, eu não tenho outro, né? Aí eu me obrigo a fazer...Quando, se eu encontasse um trabáio mais manêro, que eu vêsse que dava pra mim fazê, eu queria...Os pesado eu não posso, os pesado eu não posso trabaiá que as força...que as perna não tem força. Aquele que tem boa vontade chega e dá, né? Que hoje em dia não é todo mundo que pode dá um auxílio, né? Na*



*situação que nós tamos, né? Na situação que nós tamos não tem quem possa dá mais nada...uns 10 centavo...20 centavo... um que ganha mais dá 1 real e assim a gente vai levando né? Eu já vim de lá mermo. Eu vinha. Trazia. O pessoal me dava passagam, eu vinha. Tinha um senhor lá que gostava muito de mim, né? Trazia banana, me deixava aqui, aí de tarde vinha apanhá. Eu resido em Maracanaú. Eu nasci e me criei lá, mas moro em Maracanaú. Fortaleza...É triste! Por causa do movimento, né? Sempre aqui.(Ele nunca pediu noutra lugar). Não.*

Na mesma tarde, uma senhora que pedia acompanhada de uma amiga, também me concedeu uma entrevista. Sentamos em um banco da Praça do Ferreira, numa área em que o sol não atingia impiedoso, tiramos fotos, conversamos sobre a pesquisa e, após ela ter assinado o Termo de Cessão, iniciei as perguntas, a partir do roteiro elaborado. Eis o seu relato transcrito.

*Cecília Barbosa Loureiro.*

*Tenho 60 e... Tenho 60.*

*Eu teve...*

*Eu lavava roupa, tive um tempo que eu comecei...Eu quebrei isso aqui (mostrando o ombro), que eu tenho esse osso de fora, aí eu fui levada lá para o Centro de Reintegração Social, passei uns...fiquei lá...boa, fiquei trabaiano, costurando, fiz um curso lá na Luíza Távora, que era tempo da Luíza Távora, né? Ela me deu uma maca, me deu uma casinha...E foi o tempo que fechou, também, foi o tempo que eu saí, né? Mas ainda trabaiei, inda fui...inda fizeram... a Dotôra Aparecida tirou minha carteira, inda fiz na...fui feira no Palácio, fui feira no Castelão, toda sexta eu ia pra Praça Portugal. Seu Daniel ia me buscá na minha casa com uma cômoda (ela quer dizer Kombi) de mercadoria, mas uma mercadoria que a gente fazia lá, artesanato, né? Aí, foi o tempo que fechô, aí, eu também saí, aí, fui mim bora pro sertão, né? Foi o tempo que minha mãe morreu...Fui mim bora pro sertão, pra Boa Viagem, onde tava uma irmã. Ali, depois do Canindé. Sertãozim, né? Aí pra lá eu tive quando...E agora eu tô com 8 ano que vim pra...Que vim mim bora, né? E minha irmã vei imhora, aí eu num quis ficá lá sozinha. Aí vim imhora também, né? Aí, aí foi o tempo...Aí, eu fui trabaiaá, eu trabaiarra todo dia lavando roupa, mas aí, quando eu cheguei aqui foi o tempo que esse braço começou a doer...Isso aqui dói demais. É.*

Isso aqui tá com uns 15 ano ou mais...Tá com uns 20 ano. Isso aqui quebrado. Aí, deu pra doer,né? Eu acho que devido ao movimento deu lavá e engomá, deu pra doê,né? Aí, de lá pra cá, eu num trabaiei mais não... É pedindo. É, minha fia, eu só fiz a segunda ( refere-se ao 2º ano do Ensino Fundamental). Eu sou de Juazeiro do meu Padim Ciço. Não. Que a minha irmã também é pobre, né? Aí, ele sempre diz: Muié, sai da rua. Mas também tem dia que o fogo da casa dela tá apagado. Eu num tenho essa paciência. Aí é que é importante, né? Uma: que eu tenho esses netim, eu não vou deixá passá fome. Foi passado pelo Conselho, fui com ela o Conselho, né? Pra pudê vê se... Aí, eu sei que ela arribô, que eu sei nem o rumo dela...( silencia pos alguns minutos) E eu tenho os bichim, uma estuda, a de 8 ano estuda, tem um de 4 ano que ainda num estuda, mas eu vô botá, esse é meu neto mermo...Tem o...Ah! O outro tem 3 anim, né? E eu peço pra dá de cumê a eles e cumê também, sobrevivê... Que ...Ah! Butei meus papéis pra mim me aposen...vê se me aposentava, que eu vivo doente... Tem dia que eu num durmo com esse pescoço- aqui, óia, aqui,ó...Não sei se é porque essa cavinha puxa aqui, né? Isso aqui dói muito, dói o punho do meu braço...Não sei se é do movimento deu pedi esmola, né? Passá o movimento na mão, né? Aí, eu botei meus papéus em Caucaia, lá vei negado. A Assistente Social: Não, me dê seus documento que vai vim uma ajuda pra senhora. Nunca veio. Não...que ela tava de licença...Não, que não chegou...Eu deixei de mão. Aí foi um senhor que eu conheci aqui no Centro, foi me incaminhô num adevogado. A senhora vai que...Aí, eu levei os papel daqui, ele foi, deu entrada. Isso já tá fazendo... É porque eu num truxe nem um papel, deixei miha identidade e o papel... Num gosto de andá...Porque eu sempre vô ali no edifício, bato, sabe.. Onde tá o meu processo. Aí, o que ele fala: Que tenha paciência, que vai sair, que foi bom porque o juiz acatô o meu pedido de aposentadoria ... E nunca aparece essa aposentadoria, nunca me chama pra lugar nenhum, teve que era pra me chamá pra ir pruma perícia. ( Acesso de tosse). Nunca aparece esse adevogado. Quando eu falo com ele, sempre me dá uma satisfação e eu fico nesse mesmo e já tá fazendo quase 2 ano. Tá com 2 ano. Taqui o cartão dele. E fica nisso mermo e eu não tenho outro apelo: Vem pra rua pedi. Tenho um velho. O velho nem é aposentado também tem 60 e tanto... Parece que é 64. Tem uma perna quebrada. É o que fica lá olhando os menino, né? E aí, pronto: Eu num vô morrê de fome. Ah! Tem dia que eu faço 10, tem dia que faço 8, tem dia que faço 15, depende das veiz...Aparece um fii de Deus que dá 2 Real, né? Já tem, mandado

*por Deus, acolá tem um senhor que me dá 5 Real, porque fiz umas entrevista e fico rodando nos vidros, né? ( Refere-se que se deixou filmar)... Aquela moça dali... Tem uma senhora... Uma moça dali do caixa daquela farmácia me deu um cestão na cidade 2000, lá no colégio, né? Pois é. Mas também, só essas mermo, porque, né? Que... se eu tivesse umas condições, eu não vinha. Agora, eu tinha feito a Bolsa-Escola da menina, nunca tinha saído, né? Aí, quando foi um dia desse eu fiz o Fome Zero...Como é? ...O negócio de...da...da...Bolsa-Alimentação. Aí, quando foi esse mês saiu. Saiu. Recebi 80. Comprei uma caixa, comprei umas coisinhas pros meninos pro colégio, comprei meu cumezim – preu cumê, né? Comprei leite, massa pro outro, uns biquim novo, umas coisinha, né? Aí, já esse mês, aí eu fui, recebi o cartão, já vou outro mês, no dia 28. E pronto: a ajuda que eu tem é só essa mermo. Mandada por Deus. Mas...Dô graças a Deus, né? Ah, meus Deus ( bem enfática ). Tem gente que é ignorante, tem gente que... Ave Maria! Puro meno, aquela farmácia tem um senhor que nem na calçada quer. É...Num pode não. Mas, rapaz, onde é que a pessoa vai pedi? No mato é que num pode pedi. Agora, dento, tá certo. Dento da farmácia dele, né? Porque tá perturbando algumas pessoa, e eu não gosto também não, num gosto de tá entrando nos canto, pra num tá só levando carão, né? Ali tem um guarda, nessa Mec Doni que... Ave Maria! Não quer nem em frente. Dia desse, eu tava lá...Esperando que uma moça pagasse uma merenda e ele: Vá saindo aí, senhora. Rapaz, o que é isso? Por que eu sou pobre? Num posso tá aqui em pé? Posso. Mas, num pode, vó. Aí... Mas eu tô esperando que a mulhé pague a merenda. Mas eu acho que a mulhé demorando, porque tinha outras pessoa na frente, ele tornou vim a mim. Eu digo: Rapaz, eu num vô sair agora, não deixá... A moça vai pagá a merenda, eu num vô...Tô esperando... Chega! A senhora faz favô de andá. Rapaz, vá atrás de um ladrão, tu é... Tu é... Você num é poliça? Você pode ir atrás de vigiá os ladrão, num é eu não que ... Que é que tem esmoléu? De vigiá, né? É! Num tô aí dento, num tô aí dento perturbando ninguém, né? Mas ele são ignorante. Tem gente ignorante mermo, que... Que só Jesus. Eu mermo sô uma, que venho pra rua... Sô revoltada. Tá com uns 8 ano, já. Já tá com uns 8 ano. Porque num ficô mais ninguém meu: a minha irmã vei, eu só tenho ela, a minha irmã morreu. Eu só tenho uma irmã, né? E aí, eu ficá lá também só, eu...É ... É bom e é ruim porque lá pelo meno era um lugazim pequeno, eu ia... Eu ia lá prum...Prum pessoal que eu ajudava, eu ia lá pra Dona Lili do Seu José Amaro... Eu trabaiava na farinhada...Eu ia mais ela*

apanhá...Apanhá feijão...Panhá jerimum...Num faltava meu feijão, eu prantava mermo em frente. Lá, o padre me deu uma casa, o Padre Paulo. Toda a Segunda-feira, me dava uma feirinha...Mas eu me achei de vim, né? Aqui, é como eu já disse pra senhora...Tem dia...Tem dia...Aonde moro, que se eu num guardá R\$ 1,50 da passagem, eu num venho. Que num tem quem me...Eu morava lá no Metropolitan, perto de um fio...Mas aí, devido a enchente, eu ganhei uma casinha lá no Tabapuazim. Uma casinha não, é uma casona. Eu num tem o que botá dento, né? Mas, pra mim, tá bom, que eu saí de dento d'água, tombém, né? Só a casa foi importante pra mim e pras minha 3 criança, que eu tem. É, por aqui no Centro...Ói, se eu for pra uma casa ele me dá um pacote de leite, eles dão um feijãozinho, um arrozinho, uma farinhazinha, pão, banana, essas coisinha assim, a gente arruma. Mas, muita coisa falta: Falta um sabão, falta um fósforo, falta o sal que eles num dão nas casa, né? Falta o leite do bichim...Que, por sinal, ele tem 3 anim, mais o alimento mais dele é o leitim porque...Um que num tem um cumê que dê essas coisa que...Né? Merenda, essas coisa...Aí, eu prefiro comprá o leitim dele, a massa... Faço o mingalzim, faço 5 manemadeirinha...Passa o dia tomando... Quando aparece um dinheiro come, quando ele tem... Sempre. Eu nunca deixo eles cum fome não. Não. Nem que eu venha me matá aqui na rua, meu fio, me espedaçá, mas num deixo eles cum fome. Porque Deus num qué, cum fé em Deus. Não, eu só venho mais tarde... Sabe por quê? Porque eu ajeito primeiro eles, ajeito a comidinha, ajeito uma coisa e outra. Pra pudê...Não, nem todo dia. Também eu não vem mode esse braço. Se eu vim 2, 3 dia, nos 4 eu num vem, eu fico doente. Fico doente. Fico doente. Não pra mim não. Agora, uns pessoal que véve aí no mei da rua...Esses que véve assim, no mei da rua, diche que tem umas pessoa que dá uma sopa toda noite, por aqui, né? Então... Eu acho que é de noite, né? Mas dia de Sábado tem umas moça que passa dando um copo de leite e uns pãozim ali. É! E pronto. Nada, nada, nada. Eu fiz uma...Eu fiz uma ficha na Prefeitura porque muita muié aqui, muitas pessoa aí que tem esses menino recebe do SOS CRIANÇA, recebe da Prefeitura. Agora, eu me admiro porque é que eles paga e elas ainda traz os menino pra rua...E vem pro mei da rua, né? Eu mesmo fiz acolá, no Parque das Criança. Não, não senhora. Tem fé em Deus de não trazê. Da escola pra casa. Inda agora eu tava dizendo ali. Tem pessoa aqui que dá valô pegá um meninozim pra pedi esmola. Esse meu netim, eu peguei ele com 1 mês de nascido, nunca truxe ele pro mei da rua. Não. Graça ao meu Pai Eterno. Eu peço sem eles. Só em eu trazê eles pro

*mei da rua, pra andá rua acima, rua abaixo, sentados na calçada, no sol, no sereno, pra mim ali é um sofrimento demais. Viu?*

A mendicidade, que nas cidades pré-industriais, combinavam roubo e prostituição como meio de subsistência (Snow,1998), é aqui apresentada por Dona Cecília como uma forma honesta de garantir o sustento para si e para os netos que cria. Sua versão tenta demonstrar o zelo com que os trata, visto que não utiliza a prática de carregá-los consigo para sensibilizar os passantes, objetivando obter a esmola. Um relato longo, de alguém que tinha sede de falar, que tinha ânsia de ser ouvida. E o que dizem os que pedem na Praça da Estação? É o que se segue.

### **3.3. Os que mendigam na Praça Castro Carreira (Praça da Estação )**

Sábado, 30 de maio de 2004. São pouco mais de 8 horas da manhã. A chuva forte que banhou Fortaleza na madrugada deixou os bancos da praça molhados. A Estação João Felipe presencia o movimento ininterrupto de pessoas que chegam ao Centro. São trabalhadores, famílias e, claro, pedintes que vão compondo a paisagem a cada parada dos trens que ali aportam. Muitos dos pedintes chegam em cadeiras de rodas. Chegam com um acompanhante que os conduz pelas ruas, avançando sinais, numa pressa desmedida. O ritmo das pessoas na Estação é de quem já está atrasado.

Caminho pela praça. Vinícius, assim como na Praça do Ferreira, está novamente comigo e traz a máquina fotográfica para registrar outros momentos da pesquisa de campo. Sento-me num banco, na parada do ônibus Quintino Cunha/Centro. Um senhor idoso, com chapéu de palha e saco de *nylon* me olha. Intuitivamente, acredito que ele é um pedinte e que, logo, logo, irá me abordar. Mas ele levanta-se e vai embora em direção à Estação Ferroviária.

A manhã ainda está fria. Coisa rara em Fortaleza. Uma senhora me pede um vale-transporte que, segundo ela, é para poder voltar para casa. Indago se ela é pedinte naquela praça. Seu olhar se transfigura e ela responde:

- Ave Maria! Deus me livre dessa desgraça!

E vai embora, aparentemente ofendida com a possibilidade de ser confundida com uma mendiga. Acho curioso o fato dela ter ficado transtornada com a indagação, se ela, ao me ver, teve as reações mais comuns de quem pede: as mãos estendidas, o olhar de quem sofre, o mostrar das partes do corpo que estão comprometidas por alguma doença. Mas não. Ela não era uma pedinte. Assim ela afirmou e partiu. Volto à Estação. Avisto o homem de chapéu de palha e acredito que minha hipótese estava certa: ele estava pedindo. Vamos até ele mas dá-se uma recusa. Ele alega que tem medo de perder o aposento por dar uma entrevista e vai embora desconfiado. Sua sobrinha, que escuta a nossa conversa, diz que ele é assim mesmo. (...) Fico silenciosa diante da impossibilidade momentânea.

Da escadaria principal que dá acesso à Estação, vejo uma senhora numa cadeira de rodas. Ela tira um cigarro da bolsa e começa a fumar. Seus trajes são simples e um boné azul protege sua cabeça do sol que já esquenta a praça. Vou até ela, que me diz que está aguardando um senhor que irá levá-la a outro destino. Enquanto isso, pede na Praça da Estação. Me apresento e faço os esclarecimentos necessários sobre a pesquisa de campo. Ela diz que pode responder às perguntas da entrevista. Mas não quer ser filmada, nem sair na televisão porque seus parentes ficariam com raiva dela por ter se exposto. Afirmo que não sairá na TV, mas que gostaria de tirar fotos. Ela sorri, tira o boné, arruma o cabelo e só teme que *vá queimar o filme*, pois se acha feia. Visto o resultado, ela nem achou tão mal assim. Em seguida, as duas entrevistas. A segunda delas foi com o referido senhor que num primeiro momento recusou mas, após ser convencido de que não haveria comprometimento de sua aposentadoria, se dispôs a falar.

*Terezinha Costa da Silva.*

*Eu completei no dia 29 de março, eu completei 67 ano que eu sou do 37, né? 29 de março do 37*

*que eu sou.*

*Cafezeira...Taí uma<sup>24</sup> que me conheceu: vendendo café, merenda na Conde D'eu. Somo conhecida.*

*Eu estudei...como dizer do outo, garota, eu estudei assim: uma pessoa me dava uma carta de ABC, nesse tempo, né? Aí, eu ia gravando assim: Como era isso aqui? É a, b, c e... Mas eu cheguei a tirar o título, né? Sei escrevê, só não tô agora em condições porque eu também tem probema nas mão.*

*Aí, as mão é morta. Tanto, tanto, eu sou deficiente dos pés, das perna, como das mão. Isso aqui (mostrando as mãos), eu posso butá brasa aqui que eu num sinto...e mais esse negócio aqui que nasceu nas minha mão...Dizem que é alergia a sabão. Eu deixei de pegá em sabão. Tomo banho...Eu pego o sabonete de aroeira que tão juntando, aí, passo assim, né? Medicinal. Pra pudê, né? Num faço nada, nada. Até ir pro banheiro, é obrigado uma pessoa me levá, butá na rede, da rede pra cadeira, da cadeira pra rede. Eu sou de Assaré. Perfeitamente, é. Menina, ainda vai fazê 2 ano, aliás, já fez. Não, ainda vai fazê agora em setembro. Que foi o tempo que eu paralisei de uma vez de trabalhá porque não tinha condições. Tem aí, tenho ali uns exame da Santa Casa de Misericórdia que as dores era demais nas minha perna. Aí, eu andava pegando nas parede, pelejando, pelejando, até que não tive mais condições. Aí, lá os exame atestaro a estoporose, né? Aí, foi e disse: A senhora não ...não adianta a senhora insistir em andá, porque se a senhora cai e pió pra senhora. A senhora tem que arranjà uma cadeira de rodas porque...Eu dava 2 passo pra frente...Aí, ficava encostada às parede sabe? Aí, eu disse: Valha, meu pai do céu. Aí, assim, eu digo. Aí, uma senhora foi e deu na minha situação. Adoou a cadeirinha de roda, num era nem essa, era outra mais ruim, né? Aí, eu sei bem que eu troquei lá na Toca de Assis, lá no...Sou muito conhecida lá. Irmã Verônica. Aí, ela pegou, ela mais o irmão Flávio pegou e me deu essa daqui. Aí, a outra veinha ficou lá, e essa aqui...Não, eu não morava, passei 2 mês, só. 2 meses, só. Oh! Moça, faz até vergonha eu lhe dizê, mas... o que é de verdade a gente deve dizê. Foi... a minha família negou até a parte. Só não mãe. Mãe não. Que ela também...Que eu inda tenho mãe...Que ela é nas minhas condições, mas só que ela não...ela inda anda, não tem probema nas perna. É só mesmo de velhinha, né? Aí, então, as minhas irmã, que eu tenho duas*

---

<sup>24</sup> Aponta para uma outra senhora que está bem próxima e que trabalha vendendo café.

irmã, aliás, três irmã e um irmão. Aí: Nunca diga que eu sou nada sua. Que eu posso fazê? (Os olhos se enchem de lágrimas) Num posso fazê nada, meu irmão. Aí, eu, cumo o dizê do outo...Pra pudê eu sobrevivê, tem que (ela gagueja) pedi a um, pedi a outo. Aí, eles me dão uma ajudinha. Daquela ajuda pago uma pessoa pra lavá minha rou...panim, fazê um bucado. Moro na Jurema, moro na rua Poebra. Há muitos ano que eu moro lá, foi quando eu comecei a trabalhá de ...Trabalhei aqui, de muito canto aqui no mercado São José, e tudo. Que é perto da Conde...Quase na Conde D'eu. Possuí aquele banco que vendia comida. Aí, depois, num dava pra pagá. Aí eu fazia em casa, trazia no isopô. Aí, uma criatura me ajudava a trazê. Chegava aí, eu já tinha os meus frguês certo, que é justamente estes que tão...Os que num já se foram é os que justamente dia de sábado me dá aquele trocadim. Minha fia, muito difícil dá 15 reais. É difícil. Mas tem que dê o agrado, né? A pessoa que me leva. Tem que dá o agrado a pessoa adonde eu desço, lá na Jurema pra casa. Aí, se torna desse tamanho. Mas aí, o pouco com Deus é muito, graças a Deus. Oh! Minha fia, eu não me sinto bem porque eu não tinha...esse costume, né? Minhas coisinha que eu queria tudinha era comprada cum meu dinheirim, todo dia eu tinha o meu dinheirim, né? Eu me sinto assim...Tem hora que me dá, me deu vontade... Mas que graças a Deus, Deus tá tirando e vai tirá. Até, deu chegá ao suicídio, né? Que, só em ser negada da família, vivê bem dizê como que eu tenho assim uma doença contagiosa, que num possa, né? Só porque eu sou esmoléu?. Já possuí muita besteira na minha vida. Hoje em dia não tenho nada. Tô na situação que tô. Aí, me dá revolta assim...(silencia) Mas...Que é que eu posso fazê? Tem deles que diz assim: Eu não vou dá não, que você vai bebê cachaça. Outros dizem assim: Eu não vou dá não que você pode trabalhá. Isso mais é esparro, que você num tem precisão de andá de cadeira de roda. Que vê que eu num tô cum as perna imbolada, né? Num vê as perna seca, né? Aí pensa que é.. Como é que se diz?...Sabedoria minha. Mas eu digo: também num queira tá no meu lugá, pelo amor de Deus. Só o que eu respondo. Quando eu num tô infezada, que quando eu tô infezada eu digo palavrão. Num vô mentir. Quando eu tô infezada, eu digo mermo. Eu vim em 47. Eu vim cum os finado meus avôres, que eu fui criada com eles. Aí, tudo se foram. Tinha 10 anos. Fortaleza, pra mim...Foi bom, né? Tá sendo bom. Porque lá no interior, desde a idade de 10 ano, lá, a gente vivia de roçado, né? Os meus avôs plantavam, era agricultor. Aí foi o tempo que ele também pegou aquele mal de trombose. Aí ficou paralítico, mas também durou pouco. A



*minha vó, foi problema de coração. Também morreu já aqui em Fortaleza. A minha mãe...ela mora na Granja Portugal mas é que nem eu já disse, né? Ela num tem condições de andá. Aí... casou pela 2ª vez, que ela era casada cum finado meu pai só católico. Aí, ela casou civil cum motorista. Aí o motorista chegou a construir família cum ela e tudo. Aí também era... Tinha problema de pulmão. Aí, morreu aí na Santa Casa de Misericórdia, aí. Aí, ela recebe a pensão dele. Não, lá eu num tenho ninguém mais. Não. De jeito nenhum. Logo, ninguém me conhece (risos). Saí de lá cum 10 ano. Hoje tô cum 67 completo. Quem é essa doida? Além de aleijada, doida? Aí, minha filha, eu morei (tosse) no Nossa Senhora das Graça, que é ali pertinho da Coelho Fonseca, morei no Jardim Iracema, João XXIII e agora na Jurema. Porque é onde eu vendia meus cumezim, minhas coisinha...Pessoal era conhecido meu. E lá, de porta em porta, ninguém dava. E outa... que...muitas criatura num sabe que eu vivo nessa situação não. E aqui todo mundo vê. Viu, tá vendo, vê. Não. Dá nada. Nunca fui, num é pro outa coisa não, num é por orgulho, nem riqueza não. É porque num tem quem me leve. Num tenho condições pra pagá uma pessoa diariamente cumigo. Pra qui, pra culá. Porque se eu tivesse condições, assim, de contratá uma pessoa: Não, você vai passá a semana. Ou vai pra qui, vai pra culá, que eu lhe dou tanto. Aí, talvez, eu recebesse uma feirinha, recebesse uma fianguinha de uma rede, recebesse qualquer ajuda, mas num tem, né? Minha filha. Aí, o jeito de que tem é...*

Dona Terezinha sente falta de algumas mercadorias para satisfazer suas necessidades e seus desejos. Aqueles objetos, seja lá de que espécie for, que fazem falta principalmente quando seu acesso é limitado por questões econômicas... A ausência de tais objetos a impulsionam a mendigar, mesmo que sejam, como diria Marx(1985), originários da fantasia individual ou do estômago vazio que reclama o alimento. Agora, com a palavra, o segundo mendigo da praça em questão.

*Luís Soares Barbosa, pelo apelido de Luís Lázaro.*

*74 ano. Agricultura, toda vida eu fui, sô agricultô velho. Não, sô nalfabeto.*

*Município de ...nasci no Carcará, município de Sobral.*

*Porque eu preciso, porque o aposento é fraco. Desde 0 83, é. A minha mulhé num concorda que eu venha, eu venho porque (gagueja) ...nenhuma filha...Elas num concorda, mas eu venho assim mesmo porque preciso. Eu num vou vivê só dum aposento. Aqui, Deus sabe e o povo. Tem dias que é mais, tem dias que é meno. Ontem mesmo, o dinheirim que eu arrumei foi 8...8 real. O dia todinho. Como é que eu me sinto? Eu num me sinto bem não, que eu passo até fome. Como fora de hora, só como quando me dão nos restaurante. Mas se eu for comprá do dinheiro que eu ganho, num levo nada pra casa. Num é? Tem gente que responde mal. Mas eu nem ouço, parto pra outro. É. Tem...tem...tem uns que diz que trapalha o meu aposento. Mas num trapalha, né? Tem nada a ver. Trapalhasse se eu tivesse robando, nera? Aí, ia trapalhar. Tem uns que trata mal, mas tem uns que é aquela beleza de bom. Tudo num existe? Todos os mês eu vem, quando a budrega num qué mais me vendê, o dinheiro do aposento... Eu vem. Eu...eu...eu...Adepois do fim do mês, o meu dinheiro só é no final do mês e aí eu vem logo no começo pra pegá os dia melhó, é. Vem, sempre eu venho. Agora mermo eu passei 4 mês, 3 mês e 20 dia sem vim. Tentando na gricultura. Pra vê se arrumava alguma coisa, mais num deu certo, num deu, num segurou, né? Eu sempre peço nas favela mercadoria. Ontem mesmo eu fui pra mercadoria até mei-dia, da mei-dia pra tarde vim pro sinal. Dias. Quando tão cum coração bom. Quando quer dar. Mas aqui, acolá, tem um que conversa besteira. Não. Nada, nada, nada. É... **Nunca pedi nada a ninguém.** Nem igreja... Só no sinal. No sinal e nas favela. Só isso.*

Ao final da entrevista, Sr. Luís pediu para escutar sua fala. Voltei a fita. Entreguei-lhe o gravador. Ele, imediatamente, o colocou próximo ao ouvido, como se o mesmo fosse um rádio de pilha, e ouviu a sua declaração. Ele sorriu, concordando, com o que havia dito. Estava muito alegre. Quando a reprodução acabou, ele me entregou o gravador, dizendo que falava muito bem, era mesmo um *véi danado*. A Praça José de Alencar será o próximo espaço a ser freqüentado.

### **3.4. Os que mendigam na Praça José de Alencar.**

O dia é 23 de junho de 2004. Após um ano está concluída a primeira etapa das obras do Parque da Cidade. A praça José de Alencar exhibe seu novo piso de pedras portuguesas, seus

novos bancos, iluminação e jardinagem. Os 22 quiosques esperam por comerciantes, onde serão vendidas flores e instaladas bancas de revistas, etc. Na praça, há a Igreja do Patrocínio, do século XIX, cujo processo de tombamento - de acordo com o presidente do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)- prevê a retirada dos mesmos. Após a conclusão do projeto, a Praça José de Alencar será o maior parque urbano da cidade com 33.700 metros quadrados. A Segunda etapa, da Rua 24 de maio à avenida Tristão Gonçalves, já está em andamento e vai ligar a referida Avenida à Praça José de Alencar, passando pela Capistrano de Abreu. A terceira etapa será acabar com o Beco da poeira para ser construída a estação do Metrofor. Os permissionários do referido lugar irão ocupar uma área situada entre as ruas Tristão Gonçalves, São Paulo, Guilherme Rocha e 24 de maio, que será fechada para o trânsito. Afirma o responsável da SER II.

Encontrei Dona Maria Aparecida em frente ao Theatro José de Alencar, com seu boné de propaganda política que sempre lhe acompanha. Já havíamos agendado a entrevista e ela estava um pouco ansiosa. Conversamos sobre o clima e outros assuntos, inclusive futebol. Quando percebi que ela estava mais descontraída, iniciei a entrevista.

*Maria Aparecida dos Santos*

*Tenho 48 ano. Empregada doméstica. 2ª série. Sô da Itapipoca.*

*Faz 3 ano que eu peço porque eu fiquei desempregada e aí num tinha como me sustentá. Nem eu nem a minha fia de 14 ano. A minha famia falou para eu esquecer deles. Sabe por quê? Porque eles têm condição e eu sô assim pobre. A minha famia, para a senhora ter uma idéia, tem até um irmão que tem um sítio. E eu? Eu sô é miseráve, num tenho nada. A minha fia foi até morá cum a minha mãe e num quer saber mais de mim. Eu recebo, mais ou meno, uns 9 reais por dia. Ser mendiga? Ser mendiga é ter que se humilhá o dia todo, todo o dia. Mais eu num tenho opção. Sô muito doente dos osso e num consigo mais trabalhá. A dor é muita. E também eu vivo mais na rua ...É, eu vivo na rua, sabe? As pessoa são boa. Quem pode ajuda e quem num pode diz que não tem. É assim a vida. Por isso eu entendo que é por causa disso que eu ganho pouco. Mais tem gente que manda a gente trabalhá....Mais como se ninguém me qué? Aí eu peço esmola. Como eu já falei, sô de Itapipoca. Eu vim de lá faz mais de 20 ano. Eu vim porque lá num corre*

*dinheiro. Aí eu vim, né? Fortaleza? Fortaleza é muito bom. Primeiro: corre dinheiro. Segundo: tem muita gente. Terceiro: é bonita. Aí, eu gosto de Fortaleza. Já morei no Montese e também na Praia do Futuro. Mais faz 3 ano que eu me desempreguei e vivo pelo Centro. Trabalhava em casa de família. Eu e minha fia...ela vivia mais eu também. Aí a saúde arruinô e eu perdi o emprego. Fiquei com a mão na frente e outra atrás. Ninguém mais me quis. Nem minha fia. Aí, eu conhecia uma mulher que me disse que fosse mendigar no Centro porque dá dinheiro...Aí eu fui para o Centro e nunca mais deixei. Só que eu bebia também e é por isso que a minha família me deixou. Sei dá Igreja da Sé, que dá comida e também do povo da sopa. Mais eu num gosto de nada disso não porque eu sô meia zangada, sei lá...Acho que a bebida me deixou assim...Por isso eu num vô lá não, entendeu?*

A praça ganha, no seu período matutino, uma rara claridade. O sol a apresenta aos passantes, a ilumina por completo. Seu Francisco de Assis também me aguarda naquela mesma data. Ele diz que não dormiu bem à noite anterior. Acha que vai ficar gripado e, segundo ele, deve ser da quentura do tempo. Ultimamente, tem ficado doente com facilidade. Mas, não deixa de "bater o ponto", de vir para o Centro. Contou-me um pouco de sua história.

*Francisco de Assis Pereira*

*43 ano de idade eu tem. Eu era agricultô. Eu só sei escrevê meu nome. E mal.*

*Sou de Bela Cruz. Já ouviu falá? Pois eu sô de lá. Da Bela Cruz.*

*Foi no ano passado, em 2003. Pro mode de que eu tava trabaiano não. Aí eu vim pra cá mode ganhar a vida. É isso. A famia diche que eu tava certo. Que é preciso ganhá dinheiro, mais não robando. Pedindo. Antonce eu vim. Minha mulhé... a mulhé que eu vivo, porque num sô casado, diche: Vai, Chico, que eu num falo pra ninguém. Antonce eu tive corage. E tô aqui na cidade grande. Lá na Bela Cruz o povo da minha famia mermo num sabe desse ocorrido não. Nem meus fio sabe. Eu tenho 3 fio pequeno assim. Um tem 5 ano, a ôta tem 4 e o ôto tem 3 mês. É bebê ainda, né? Eu...Tem veiz que eu apuro 5 real, tem dia que é 8. Mais, como dizem, vareia muito. Ser mendigo é viver da caridade de quem tem bom coração. Lá na Bela Cruz, o padre sempre dizia que era certo dá aos pobre. Quem pode, dá, né? Aí, a gente veve. As pessoa faz assim: uns*

*dão e eu agradeço dizendo: Deus lhe pague! Mais tem gente que num dá de jeito maneira...Nem se eu chorasse... O que é que se pode fazê, né? Cada um sabe do seu bolso. O meu tá vazio. Um dia, uma mulhé diche assim: Vai trabalhá! E eu falei: Adonde? Ela ficou foi calada e foi imborna. Num tem adonde a gente trabalhá, né? Sô da Bela Cruz e vim no ano passado. Eu vim pra cá porque todo mundo diz que é bom. A senhora conhece a Bela Cruz? Lá num tem nada. Só tem carístia e gente metida a besta. Já aqui tem tudo, né? Um dia eu fui parar num shopi, andei tanto que, quando dei fé, tava lá no shopi. Eu num entrei, mais achei bonito, né? Num é bonito? Fiquei na calçada e vortei pra traz. Vim imborna de lá. É assim: Fortaleza é grande, bonita e o povo tem mais dinheiro que na Bela Cruz. Sabe que se fosse lá eu só ganhava comida? É sim. Aqui não, eu ganho dinheiro e compro as coisa pros meus fio tudo. E pra minha mulhé. Eu nunca morei em nenhum bairro não, eu durmo no depósito da Floresta. Eu peço no Centro pro mode o dinheiro. Aqui o povo tem dinheiro...Se eu for pedir nas casa, o povo só da comida. É! Já aqui, no movimento, eu ganho é dinheiro. A Toca do Assis. Uma vez eu durmi lá, foi. Lá tem comida e a gente dorme. Lá é bom, mais eu prefiro o depósito por causa das amizade. Lá tem muita gente do interior...Aí, eu acho bom, né? Fora a Toca do Assis, eu acho que o padre, num é não? Deve de ser, né? Os padre sempre ajuda os pobre.*

Francisco de Assis acredita na solidariedade entre os homens. Crê nos laços de amizade. Gosta bastante de estar entre os seus amigos. Francisco vai caminhando pela praça e um senhor bem vestido o escolhe para receber um donativo. Parece-me um saco de arroz.. A oferta é cuidadosamente guardada na sacola que carrega. Deixo a praça e sigo em direção a da Lagoinha.

### **3.5. Os que mendigam na Praça Capistrano de Abreu ( Praça da Lagoinha )**

De acordo com Martins (2000), os estudos sociológicos de Goffman, através de uma eficaz dramaturgia social, documentam e demonstram que o homem comum, estando imerso na vida cotidiana, se debate continuamente para simular o que não é e para evitar que os outros percebam aquilo em que não se reconhece e não quer ser. Mas a minha próxima informante, de modo incisivo, fala do quanto se percebe esteticamente desagradável. Faz por onde se perceba,

se observe, repetidas vezes, que ela dispensa máscaras e evita simulações. Seu verbo é ácido, como ácida é a vida que leva.

*Maria da Paz de Oliveira da Silva.*

*46 ano eu fiz em julho.*

*Trabaiava de lavadêra.*

*Só fiz o nome. Só sei meu nome. Num sei escrevê mais nada.*

*Sô natural de Quixadá. A terra da Galinha.*

*Porque eu sô pobre. Nunca ganhei muito dinheiro não. Peço por precisão. Num tenho marido, nem famia, num tenho ninguém. Sô só no mundo. Minha mãe me deu ainda pequena e eu fui, bem dizer, passando de mão em mão. Por isso eu era lavadêra, entendeu?*

*Como eu sô muita feia, nunca casei. É isso. Nunca mais ouvi falá de minha famia. Acho que morrêro, sei lá. Num sei não. Uns dez real, por aí. Dia de Sábado dá mais. Uns doze, mais ou meno. É por aí que eu ganho. Ser mendiga? ( Reflete e depois responde) É num ser ninguém. Ouviu. É num ser ninguém. As pessoa, mesmo as que dão dinheiro, num olham pra gente... Parece que eu num sô ninguém. Ninguém pergunta nada, nada, nada...Só dá o dinheiro e vai embora. Vai vê é porque eu vivo suja. E eu também sô muita feia, né? Acho que é por isso. Um dia um home falou assim: Eu vô pegar você. Isso lá no Coração de Jesus. Por isso, eu num ando mais lá. Já pensou? Nunca mais eu vô é lá. Eu vim pequena, num lembro. Mais faz tempo, porque eu já tô véa. Eu vim cum a minha patroa. Aí, eu fui trabalhá na casa de uma amiga dela. E foi assim. Eu passei de mão em mão. Eu lembro que eu queria ficá no Quixadá... Eu chorei quando vim pra cá. Mais era o jeito. Aí eu vim. O que eu acho de Fortaleza? ( Novamente reflete procurando dizer uma frase de impacto) Fortaleza... Fortaleza é uma grande cidade do Ceará. Só num sei seu tamanho, mais sei que é bem grande, né? Num conheço ela toda pra sabê, né? Morei em muitos bairro, mais num lembro de todos. Deixa eu pensá: Parangaba, Henrique Jorge...Parangaba... - ah! não, Parangaba eu já falei - Otávio Bonfim...É, eu só lembro deles, mais de nenhum. E tudo era em casa de famia, tudo. Eu fico no Centro por causa do movimento de gentes. Lugar que tem muita gente tem dinheiro, sabia? É sim. E também tem merenda que às*

*vez o povo das lanchonetes dá. Uma vez eu cumi a cumida do Macdoni<sup>25</sup>, sabia? É por isso que eu peço aqui. Conheço. Na Igreja da Sé, eles dão cumida aos pobre. Mais eu vô pouco lá porque eu num sô, nunca fui, de religião, aí eu fico cum vergonha e num vô, entendeu? Eu só vivo de teimosa, acredita? Porque eu tenho muita doença...Num morro de ruim, deve ser...Num morro de feia que sô.*

Maria da Paz sente falta do olhar do outro. Se julga ninguém quando, mesmo beneficiada com alguma ajuda, não é vista... Não é nada. A marca que parece carregar é a da invisibilidade. O corpo parece transparente diante dos passantes. Maria se angustia com a sentença que lançou sobre si. E, pergunto eu, quais os olhos ousarão percebê-la?

O Senhor José Bento eu conheci logo depois dessa entrevista e ele, curioso, havia prestado atenção na conversa. Perguntei se ele gostaria de ser entrevistado também, pois a pesquisa objetivava ter como informantes apenas as pessoas que vivem mendigando nas praças centrais. Ele se admirou de alguém querer falar com mendigos. Combinamos que eu voltaria para a participação dele em outra manhã. Desse encontro, dá-se o relato transcrito que se segue.

*José Bento dos Santos*

*51.*

*Eu ajudava numa bodega, carregando as coisa.*

*Até a 4ª séria... Sei lê e escrevê. Mais alguma palavra eu não sei, né?*

*Eu sô de Baturité.*

*Eu pido já tem tempo. Mais o meno 10 ano. É, 10 ano. Foi assim: eu trabaiava na bodega quando o Chico da Dona Fátima foi trabaiá lá tombém. Só que ele gostava de bulir no alheio.*

*Ele robava e o meu patrão num via. Aí, foi quando ele robô e butô a culpa neu. E como a Dona Fátima trabaiava na casa do meu patrão, ele acreditô no Chico. Resultado: eu fiquei sem trabaiá mais porque na cidade o povo pensava que eu era ladrão. Mais num sô, né? Só que o povo perdeu a fé neu. Inda bem que eu num sô casado. Imagine a vergonha....Aí eu pensei: Vô pra*

---

<sup>25</sup> Dona Paz cita a rede de lanchonetes Mac' Donalds.

*capital. E vim. Tô aqui faz 10 ano. A minha famia falô: Segue teu destino, Bento. E eu num sei mais deles. Nunca mais eu voltei pra lá. Eu ganho...é...10 real. É, 10. Mais tem vez que eu recebo 15. Depende do movimento, né? O mendigo precisa existir e eu existo. Num existe o dotô? Pois tombém existe o mendigo...É. É ser gente igual a todo mundo, só que as outra pessoa num pede e eu pido. É. As pessoa dão esmola, moeda...E eu recebo. Umas dão...Ôtras num dão...Mais é assim mermo, né? Quem pode dá...As pessoa já me conhece faz tempo. Eu vim pur causa que ninguém creu mais neu. Sabia que todo o povo me chamava de ladrão? É sim. O meu patrão fez pôco caso de mim. Aí eu vim pra Fortaleza porque eu tinha um amigo aqui, que até já voltô pra lá de novo. Mais eu num volto não...Ora, se volto...Eu gosto de Fortaleza. Só que o trem é lotado. E eu num conheço muita coisa...lugar, não. Praia eu nunca mais foi. Mais o Centro eu conheço como ninguém, né? Fortaleza é muita bonita (diz de modo enfático). Eu morei na casa do meu amigo, desse que eu já falei, lá na Messejana. Agora eu moro...moro no Lagamar. Eu divido um quartim com mais dois colega. Eu ajudo com o que posso. Mais eu num gosto de morá lá não, né? Lá tem muito maconheiro. Só que, por hora, eu num tem ôtro lugá. Aí, eu moro lá. Aqui no Centro num tem muita loja, restorante, muita... muitas coisa? Então? Tem dinheiro. Aqui passa gente demais que vai pegá o ônibus e eu aproveito pra pedir. É por isso. Muitas gentes ajudam nós. Quer sabê quem é? Os da Igreja<sup>26</sup>, os do espírito...gentes de coração bom...Todo esse povo ajuda. Traz comida, leite, pão...Mais num é todo dia não. Só as vez. Eu as vez vô na Sé e como, porque como eu falei eu ajudo no aluguel do barraco e o dinheiro é pouco. Pois eu tenho que pagá a condução, tenho que vesti, tomá remédio, que aqui e acolá eu tem dor de cabeça forte...Então eu vô lá na Sé e como com os ôtros.*

Os relatos me surpreenderam pela espontaneidade. Tive a sorte, como pesquisadora, de ter, em cada um dos informantes, pessoas que descortinaram uma realidade marcada pela exclusão social e pela ausência de políticas públicas que os conduza a patamares de vida mais decentes. A seqüência dos relatos se encontra no capítulo seguinte, seguindo a mesma ordem dos entrevistados. É quando irão fazer considerações sobre o cotidiano de mendicidade.

---

<sup>26</sup> A Igreja em questão é a Catedral Metropolitana de Fortaleza, também conhecida com Igreja da Sé, localizada no Centro de Fortaleza.



**" O cotidiano é o incógnito do mistério "**

**( Mário Quintana, 1997:62)**

**"Ah, essas pequenas coisas, tão quotidianas..."**

**( Mário Quintana, 1997:110)**

**"Todo dia ela faz tudo sempre igual..."**

**( Chico Buarque de Holanda )**

## 4 . REFLETINDO SOBRE O COTIDIANO

### 4.1. O cotidiano como categoria

De acordo com Lefebvre (1991), o estudo da vida cotidiana oferece um ponto de encontro para as ciências humanas, mas não só. Também é propício a mostrar o lugar dos conflitos entre o racional e o irracional na nossa sociedade moderna, revelando os seus conflitos e as dificuldades encontradas pelo homem. Pelo cotidiano, se chega ao retrato de como se vive.

Segundo José de Souza Martins, no livro "A sociabilidade do homem simples", o cotidiano se apresenta a todos nós com suas angústias e inquietações. É no cotidiano que sofremos e nos alegramos, que conquistamos e também nos desesperamos. O cotidiano é esse tempo/espço de viver onde o homem simples caminha para o trabalho – monótono e sem perspectivas – e vive ( ou sobrevive ) um tempo sem plenitude.

Trato da vida social do homem simples e cotidiano, cuja existência é atravessada por mecanismos de dominação e de alienação que distorcem sua compreensão da História e do próprio destino. Todos nós somos esse homem que não só luta para viver a vida de todo dia, mas que luta também para compreender um viver que lhe escapa porque não raro se apresenta como absurdo, como se fosse um viver destituído de sentido. ( Martins, 2000: 11)

O homem simples trabalha e se desemprega. É como se estivesse permanentemente numa corda bamba, tentando um equilíbrio impossível de se conseguir pois que a corda é continuamente sacudida. Ele tenta. Precisa mostrar que é um homem de bem apesar da pouca escolaridade, da baixa qualificação, do endereço que denigre sua imagem de trabalhador. " Com o advento da vida cotidiana, o homem comum cai sob domínio de suspeita difusa; cabe a ele o ônus de provar permanentemente que é inocente" ( Martins, 1996:31)

Se a vida de todo dia se tornou o refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais. ( Martins, 2000: 56-57).

Entretanto, são as pessoas simples " que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível" ( Martins, 2000:13). É através deles que temos o retrato da vida marcada pelos desassossegos, e que, num primeiro momento, pode parecer banal, comum, secular. Mas não é. "O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta" ( Martins, 2000:13). Aqui preciso reforçar que creio nisso cada vez que me encontrava na pesquisa de campo, frente à frente com os pedintes e as pedintes no Centro de Fortaleza, num exercício de aproximação com um cotidiano tão diferente do meu.

Falar, se aproximar, conhecer o cotidiano dos pedintes me permitiu uma experiência pessoal/profissional/intelectual que está para além do que eu mesma tinha previsto nesta pesquisa. E o que mais me impressionou são os relatos enfáticos, fluidos e carregados de denúncia com que me falam de suas vidas pelas ruas e de todo tipo de carência que sentem, desde a falta do apoio familiar à falta de dinheiro. A família, aliás, perde, por vezes, sua função de amparo e afetividade. À população de rua varia " o grau em que falta [...] apoio familiar , [...] no entanto, tendem a encarar sua vida cotidiana como quase destituída de apoio familiar confiável"( Snow,1998: 25).

O cotidiano tende a ser confundido com o banal, com o indefinido, com o que não tem qualidade própria, que não se define a si mesmo como momento histórico qualitativamente único e diferente. [...] O cotidiano aparece, portanto, como uma excrescência da História. ( Martins, 2000:101).

Todavia, deixando de lado as idéias preconcebidas, é possível perceber o cotidiano como a espinha dorsal da História. O cotidiano é um grande palco, um cenário constituído dos mais variados personagens, onde nenhum é figurante. Todos são protagonistas de suas próprias vidas, mesmo que não percebam. O tear da vida se dá no dia-a-dia sem fim. Naquilo que parece ser sempre igual.

Mas de quais substratos forma-se o cotidiano? Como pode ser caracterizado? O que traz em seu cerne e como se apresenta para cada um de nós? Quais são as determinações fundamentais do cotidiano?

Conforme o pensamento de Lukács, não há sociedade sem cotidianidade, entretanto, o cotidiano se modifica no tempo histórico e nos âmbitos dos mais vários agrupamentos humanos. Mas, apesar dessa constatação, ele carrega consigo alguns traços comuns: a heterogeneidade, a imediaticidade e a superficialidade extensiva.

A **heterogeneidade** se caracteriza pela interseção das ações que integram o conjunto das objetivações do ser social. " ... o caráter heteróclito da vida cotidiana constitui um universo em que, simultaneamente, se movimentam fenômenos e processos de natureza compósita (linguagem, trabalho, interação, jogo, vida política e vida privada)" ( Falcão e Netto, 1989:66). A heterogeneidade, assim, se apresenta pelas mais diversas atividades as quais o homem realiza, fazendo do cotidiano um tempo de agir continuamente.

A **imediaticidade** é a marca da ação humana no cotidiano, " ...o padrão de comportamento próprio da cotidianidade é a relação direta entre pensamento e ação; a conduta específica da cotidianidade é a conduta imediata..." ( Falcão e Netto, 1989:66). O acordar, o comer, o vestir-se, o dormir ... são ações realizadas por todos sem que haja necessidade de um período reflexivo para tomar tais atitudes. Nossa conduta é marcada pela imediaticidade "...sem a qual os automatismos e os espontaneísmo necessários à reprodução do indivíduo enquanto tal seriam inviáveis"( Falcão e Netto, 1989:66).

A última determinação é a **superficialidade extensiva**. Isso significa dizer que "... a vida mobiliza em cada homem todas as atenções e todas as forças, mas não toda a atenção e toda a força...( Falcão e Netto, 1989:66) As ações humanas carregam consigo o traço do que é superficial, sem profundidade e, portanto, sem entrega. O homem não está inteiro em suas ações.

Apesar de tais constatações, é bom saber que há saídas para o cotidiano. O mesmo pode e deve ser elevado. Mas como? "... nos momentos superiores, criadores e privilegiados, em contraste com os instantes banais da vida cotidiana" (Martins, 2000:62). Conforme o pensamento de Lukács, a superação se dá por meio do trabalho criador, da arte e da ciência. São, portanto, objetivações que se destacam devido a um longo processo histórico onde se diferenciam, alcançando autonomia e legalidade.

Agnes Heller – discípula e colaboradora intelectual de Georg Lukács - também se debruça sobre o cotidiano. Martins, inclusive, se baseia no pensamento da autora ao expor sobre a necessidade de mudanças, de rompimento com o *status quo* :

... só quem tem necessidades radicais pode querer e fazer a transformação da vida. Essas necessidades só ganham sentido na falta de sentido da vida cotidiana. Só pode desejar o impossível aquele para quem a vida se tornou insuportável, justamente porque essa vida já não pode ser manipulada ( Martins, 2000: 63-64).

Para Heller, o homem da cotidianidade é atuante e dinâmico mas não tem possibilidades de agir intensamente. A intensidade, inclusive, é um traço que não é característico da vida cotidiana. "O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade" (Heller, 1985:17).

De acordo com a autora, o cotidiano é algo que não pode ser suprimido da vida humana. O homem está imerso no cotidiano e dele não pode se ausentar. Feito uma sombra, a cotidianidade persegue o homem aonde quer que vá e, silenciosa, não admite ser renegada.

Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais 'insubstancial' que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente ( Heller, 1985:17).

O pedinte está *mergulhado* no cotidiano. Estende às mãos ansioso por respostas, mesmo quando prevê que não as obterá. Não faz ciência, não faz arte, não realiza um trabalho criativo. Haverá saídas? Haverá alguma saída, alguma porta por onde ele possa escapar e conseguir ver além da rotina e do sol causticante?

O pedinte e a pedinte vivenciam um cotidiano de desesperança. O acordar lhes conduz às ruas; às ruas, ao suplício àqueles que passam. E assim, os dias, os meses, os anos vão passando, irreversíveis. A rua enfada. O corpo sofre. E a vida, assim, lhes parece uma eternidade diante do fracasso que a sua condição o faz lembrar.

Na vida cotidiana, o homem atua sobre a base da probabilidade, da possibilidade: entre suas atividades e as conseqüências delas, existe uma relação objetiva de probabilidade. Jamais é possível, na vida cotidiana, calcular com segurança científica a conseqüência possível de uma ação ( Heller, 1985 :30).

Assim, caminham de mãos estendidas. Revistam *infinitas* vezes os seus míseros pertences. São nômades pelas ruas do centro. Pedem e esperam ser ouvidos. A probabilidade é que consigam, ao final do dia, contar pacientemente os ganhos obtidos. As esmolas são guardadas com pressa e o receio de um furto é sempre freqüente. "É no cotidiano que eles ganham ou deixam de ganhar sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. Aqui e agora" ( Lefebvre, 1991:27).

De acordo com Heller , o pensar " cotidiano orienta-se para a realização de atividades cotidianos (sic) e, nessa medida, é possível falar de unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade" ( Heller, 1985:31). Então, se os mendigos vão para o centro da cidade é porque reconhecem que aquele espaço lhes favorecem de alguma forma. A atividade cotidiana de dirigirem-se ao centro, permanecerem por lá vastas horas, já são atitudes que se incorporaram ao dia-a-dia de quem pratica a mendicidade. E, desta forma, os pedintes fazem percursos no espaço urbano em direção ao espaço reconhecidamente tido como propício. O Centro os aguarda.

O cotidiano é o repetitivo. "A sobrevivência da penúria e o prolongamento da escassez: o domínio da economia, da abstinência, da privação, da repressão dos desejos, da mesquinha avareza" (Lefebvre, 1991:42). O cotidiano nas ruas também é marcado por todos esses fatores. Nele, o pedinte está *submerso*. Em seguida, uma tentativa de aproximação com o cotidiano dos sujeitos da pesquisa de campo.

#### **4.2. Relatos orais sobre o cotidiano de mendicância nas ruas.**

Ao elaborar o roteiro de entrevista, reservei para a parte final os questionamentos sobre o cotidiano de quem pede. Cotidiano em que se entrecruzam os mais diversos temas: a violência, mas também a ajuda de instituições ou pessoas comuns; a polícia que busca conter furtos e manter a ordem àquela que se reveste de poder e ameaça, humilha, fere... E ninguém melhor que eles para trazer essas informações sobre esse cotidiano. Com a palavra, os pedintes<sup>27</sup>.

*Só ... mais tarde que passa uma moça com leite e pão. É da igreja da datadal<sup>28</sup>. E só. E é todos os sábado, é. Não, violência? Deus me livre, eu quero distância, né? É muito difícil. Só o que eu vi, só o que eu vi uma vez foi que atiraro num rapaz aí dentro da loja MARISA<sup>29</sup> e pronto. Só. Violência, não...Ninguém. Esse mês eu tô vindo mais pouco, né? Porque eu tô andando mais pouco. Eu ando mei adoentado, né? Quando eu não tô aqui, tô em frente ao São Luís. (B.M.S – Praça do Ferreira)*

É o cotidiano do Sr Benedito: reclamando da doença nas pernas que o impede de andar...Evitando falar sobre a violência no Centro... Identificando quem faz caridade junto às pessoas como ele...Fixando seu espaço na praça devido à sua constância... Sendo econômico nas palavras, traz no rosto as marcas de um cotidiano de lamúrias e necessidade, e esse semblante "fala" por ele. A fome por não ter almoçado o impede de continuar a entrevista.

<sup>27</sup> Os relatos são dos pedintes já apresentados anteriormente, sendo que agora farei uso apenas das iniciais dos nomes e indicarei a praça de origem.

<sup>28</sup> Refere-se à Catedral Metropolitana de Fortaleza, localizada no Centro.

<sup>29</sup> A loja em questão localiza-se na referida praça.

*Não, de primeiro tinha mais agora num tem não, agora é assim... ladrão, por aí a gente só via, mas agora tem umas poliça aí, que ninguém vê, nem vê esses povo. E, se vê, num conheço, né? Aí pronto, acho que tem, tem né? Porque em todo canto tem, agora que eu saba... É, pra mim...É,num sei... Ninguém mexe comigo. Também eu num tem o que roubá. Como eu digo...Eu digo: Perigo, as veiz... Tem tanta pessoa rico orgulhoso, todo chei de bondade, mais aquilo se passa. Afinal, passa hoje, amanhã não. Sabe por quê? Pelo meno eles tem uma vida perigosa e eu nem tem. É o rico tem uma vida perigosa... Um assalto... Um...Um...Negoço...Como chama? Um tal de sequestra. E umas coisa e outra, né? E eu num tem nada disso que eu num tem o que robá. Só tem as palavras de Deus e eu mermo, e meus fiim. É ruim. A pessoa nem come que preste, nem tem direito de se aquietá um pedaço, se se senta um pedaço, já é maginando que num vai ganhá nada, que que leva pra casa? E assim...Só vou mais tarde. 5 hora. É. Hoje é um dia que eu vou mais cedo porque já acabou o povo, num tem mais nem a quem pedi. É. Que que fica fazendo na rua? Na semana é o dia todo, dia de sábado é só um pedaçim. É... Quando é umas hora fecha tudo aí acabou-se o movimento. É. A vida é triste pra quem... Eu tenho pedido a gente assim... Gente rica: Não. Ah! Tô cum vontade de pedi também. Não, minha senhora, diga isso não, pelo amor de Deus. Se a senhora soubesse o que era pedi. Só Jesus...Tem...Te...Mais o pedi – rum! – Só Deus.(C.B.L. – Praça do Ferreira)*

É o cotidiano de Dona Cecília: sem ter como repousar o corpo ao longo dos dias e dos anos que se passam.... Tendo no aparato policial a segurança de poder continuar nas ruas...Vendo o movimento dos pedestres como uma promessa, em potencial, de mais alguns centavos...Observando o sábado como um dia quase perdido, exatamente pela falta do movimento... Descrevendo os perigos da vida de quem tem dinheiro, pois que ela nada tem que possa ser levado... Chamando de triste a vida de quem pede...

*Eu mesmo...eu mesmo, aí na Castro e Silva me dero...O ano passado me dero uma rede. Me dero uma rede, o ladrão tomô dos meus pé...e saiu correndo. E tem visto e muitos, e muitos assalto. Na praça mermo, aqui, nessa praça aqui, na Castro e Silva, por onde me levam com a cadeira. Antes, era eu mermo andano eu via, virava...Relogim meu, que eu...Nesse tempo que eu trabalhava, possuía meu relógim, meu cordãozim. Eles arrancavo, saíam na*



*carreira...Esse pesooal que chamam cheira-cola, num sei mais o quê. E, afinal de contas, muito, muito, muito, muito mermo. Não, quando, às vezes, eu vou aqui na Castro e Silva, tem um deles...Bem ali, só um quarteirão. Esse rapaz já foi mais eu. Ali, eles me dão um trocadim. Aí, a gente vai direto pela Castro e Silva direto. Aí, chega lá na rua...Rua do Rosário que já é pra saí na Conde D'eu. Tem outo que me dá 25 centavo, outo me dá 1 real. Aí, vou lá pra Conde D'eu. Aí, saio pedindo ali, pedindo... Aí, me dão aquele trocadim. Aí, eu vou botano na minha sacolinha ...Até uma e meia, duas horas. Outa pessoa me traz pra cá, aí pego o trem porque tem condições de ir dento dos vagão. E...e nos ôinbu não tem condições. Tem dia que eu chego 10 horas do dia. Num moro cum família, não. Eu moro sozinha. Só a dona do quartim que eu moro é que mora vizim, é que faz o meu cumê. Parte do cumê dela, ela faz pra mim, certo? Aí, manda lavá minha roupa. Aí, eu dou também aqueles agradozim a ela. Traz o meu cafezim, meu pedaçim de pão. Aí que eu num vem mermo. Dizem que dia de domingo só dá mermo marginal. E eu, que é que venho fazê aqui, minha irmã? Eu num tenho coragem. Eu num tenho condições de ficar em pé, quanto mais de correr. Aí, pronto: fico sentada aqui, que Deus defenda, me matam. Você sabe que eu num tem condições de me levantá, de andá.(T.C.S – Praça Castro Carreira)*

É o cotidiano de Dona Terezinha: Expondo sobre a existência de meninos que fazem o uso de drogas...Falando dos roubos que ela mesma já vivenciou...Reclamando do pouco usufruto daqueles que usam cadeiras de rodas nos ônibus que circulam na capital... Verbalizando, toda orgulhosa, os nomes das ruas que ela conhece...Falando das dificuldades de realizar algumas tarefas devido ao seu estado de saúde...Denunciando o Centro, aos domingos, como um espaço que merece ser evitado...

*Graças a Deus, eu nunca fui assaltado. Não. Porque eu sei andá. Ninguém diz nada comigo. Sô aquele home respeitadô. Se diz uma coisa que eu num gosto, eu sai fora. Entrego pro home lá de cima.. É. Não. Eu nunca vi não. É...é 8 hora eu vou lá pro meu trabalho. Aí, quando é de noite, eu vou lá pro rancho no Álvaro Weyne<sup>30</sup>. É um depósito, que era antigamente de madeira, aí fechô, aí o home dá pra nós se arranchar. Bem encostadim da estação de trem. É.*

---

<sup>30</sup> Araújo (2000) em sua tese de doutorado, já aponta a existência de tal depósito. Obra citada.

*Todo dia. De noite vou pro rancho. Desde quando eu comecei pedir. É, é, é lá, só num lugá só, moda rastro de cobra. E os outro que... que rinha, eu aprendi de rim cum outro. Nada. Só num dá nada pra ninguém comê. Só tem o rancho e o banho. A rede eu trago dento do saco, a minha rede<sup>31</sup>. Trago uma rede e as minha roupinha. É. Cobra nada. É, é, é, é chegando uns e saindo outros. De lá pra cá, que o povo todo precisa. Lá só tem véi. Lá num tem bebida, lá num tem bandalheira nenhuma. É. É justamente. Só volto de noite pra dormir. Heim? Eu, eu, eu... o meu dinheiro do meu aposento, eu apriquei na agricultura. E num deu nada. Num deu nada. Aí, lá, eles formaro eche prano. Aí, aí eu falei. Diche: Você é aposentado, num recebe nada. Porque lá, quando sai alguma coisa daqui pra ir pra lá, no caminho os barão tomam. É. No caminho eles tomam. Aí, num chega lá nada. Tem rapaizim bem novim pedindo aqui. Sabe por quê? Porque num tem um trabalho. Lá donde eu moro. Num tem? Tem é muitos, o primeiro num é eu não, tem é muitos. É saindo uns e chegando outros. Trabalho... só tem trabalho quando tá chovendo. Ói, inverno lá, janeiro e fevereiro encheu todo açude. No dia 7 de março, o inverno foi simbora.. No dia que eu...que nós...que eu prantei, sei bem de mim, o inverno terminou, num pegou nem 1 mês de chuva. Que eu prantei no dia 10 de fevereiro, o inverno cortou no dia 7 de março. Tem como dá? Num tinha como dá (Tosse). (L.S.B. – Praça Castro Carreira).*

É o cotidiano do Sr. Luís: Acreditando que a violência se combate com a postura pessoal...Declarando o rancho do Álvaro Weyne como um abrigo que acolhe a todos que dele necessitam... Denunciando os desvios que ocorrem com o dinheiro público que deveria ser empregado corretamente junto aos programas sociais...Reforçando a tese da ausência de trabalho como um fator determinante para a vida de mendicidade...Recordando a safra perdida...Reclamando do clima que castiga impiedosamente o sertanejo agricultor...Recordando a fatídica data do início da plantação e do término do inverno cearense...

*A rua é o seguinte: cada um por si e Deus por todos. Na rua, ou você se defende sendo zangada ou você tá ferrada. Na rua ninguém pode ser besta, é! Situação da rua? Eu vejo roubo,*

---

<sup>31</sup> A rede é um objeto bastante utilizado no Ceará para o repouso em qualquer hora do dia mas, principalmente, para dormir à noite. Sua origem descende da civilização indígena.

*assalto, vejo violênça, vejo doença e menina e menino cheirando cola... Um dia, sabe o que vi? Duas menina se beijando. Ô coisa nojenta, né não? E elas nem ligaro pra mim. Fizero que era normal, sabe? Eu que num queria uma desgraça dessa pra minha fia, queria não. O que significa viver na rua? Digo numa palavra: desassossego total. Tem dia que eu durmo lá no Coração de Jesus<sup>32</sup>, eu e a Raimunda Firmino. Enquanto ela dorme eu vigio e quando eu durmo ela fica acordada. É quase sempre assim. E durante o dia eu num posso dormir não porque se eu dormir levam as minha coisa tudo: o dinheiro, o bonéu, o calçado...É um inferno. Mais, fazê o quê? É a vida. Eu gosto de ficá aqui na Praça. Porque passa muita gente. Aí eu fico aqui e a noite procuro um lugá pra dormir com a Raimunda. Eu já num sangro, ainda bem, por isso eu num tomo banho todo dia não. Pra quê? Pra se sujá de novo? Teve uma semana pra trás que eu fiquei todos os dia sem tomá banho e então me apelidáro de Dona Gambá. Mais menino, que besteira, se esse povo é todo fedorento mesmo, né não? Eu sei que eu amanheço e anoiteço pedindo, mais sem alarido, que eu grito mesmo é quando eu tô cum raiva, é! Eu cum raiva, sai de baixo.(M.A .S.- Praça José de Alencar).*

É o cotidiano da Dona Maria: Reafirmando a tese de que a rua é um espaço de perigo e que, por isso, é preciso sempre estar em estado de alerta...Dormindo ao relento visto que não tem teto...Buscando companheirismo e parceria junto de uma outra moradora de rua que, como ela, se vê só e precisa, necessariamente, de alguém que a proteja dos assaltos ou de outros tipos de violência...Permitindo que o corpo seja mais um componente identificador do povo da rua (pelo odor de quem não faz asseio diário).... Igualando a todos pelo estilo de vida semelhante ...

*Assalto, briga, ganga, luta, droga dos menino que cheira, misera...Tudo de ruim. Tudo na rua. É. Tudo. Quando eu num vô pro depósito, eu durmo aqui mermo no Centro. Pense numa confusão, o Centro de madrugada. Tem cada coisa. Tem umas mulhé doida que vive de arranjá home. Elas ficam se exibindo toda pra pegar os besta. Dizem que elas têm doença. Deve ter mermo, né? Tem viado também, bicha, como dizem o povo. É uma esculhambação. Por isso,*

---

<sup>32</sup> Refere-se à Praça Coração de Jesus, também localizada no Centro de Fortaleza, e onde se concentram muitos mendigos.

*eu fico no depósito, né? Lá, eu durmo em paz, sem medo. Inclusive, um colega meu teve os pertence robado tudo. Levaro tudo. Foi. Ele ficô só de cueca. Aí dero uma rôpa pra ele. Quem robô foi o amigo dele, o Durval. Imagina se num fosse amigo, né? Lá na Toca do Assis eu só fui um dia. Lá num tem meus amigo pra cunversá. Entonce, eu vô pro depósito. Viver é rua é necessidade pura. Pronto. É isso. Vivo porque num tem saída. Aí eu vivo. Mais num é bom. Num tem quem ache, né? Rotina? O que eu faço todo dia? Eu passo o dia no Centro e de noite eu pego o trem e vô embora pra Floresta, lá pro depósito. Quando é sábado, eu vô pra Bela Cruz deixá dinheiro pra mulhé. É pouquim mais é melhó que nada, né? Quando eu num vô, eu mando pelo cumpade meu e ele leva. É assim que acontece (F. A .P. – Praça José de Alencar).*

É o cotidiano do Sr. Francisco: Expondo a presença de gangues juvenis que são melhores vistas nas madrugadas...Mostrando o Centro como um espaço de profunda desordem social noite adentro...Tendo no depósito da estação férrea do Álvaro Weyne um lugar de abrigo, um porto seguro...Conservando as amizades antigas nos colegas que, como ele, praticam a mendicidade...Retornando à cidade natal para o reencontro com a família nos finais de semana...Destacando a presença constante de relações de compadrio que o fortalece ...

*Na rua? Eu posso dizer mermo? A moça quer ouvi? Então, eu vô dizê. A polícia bate na gente e nas criança...Nos menino de rua. A polícia roba o nosso dinheiro e diz que se a gente falá a gente morre, entendeu? As menina tem que deixar eles fazere o que bem entender. De madrugada eles agarra elas. Tem droga até dizer chega. Tem muita coisa ruim. A rua é um inferno de verdade, entendeu? Isso de noite porque de dia eles são uns santo. Eu vivo porque, como diz o outo, num tem como mudá. Ficá na rua é pra quem num é ninguém, como eu. Se eu fosse bonita eles já tinham me pegado. Ainda bem que sô feia, né?... Eu peço assim: Me dá uma esmola que eu vô morrê de fome...Me dá uma esmola pelo amor de Deus...Eu passo o dia assim. De noite...maioria.. eu me encosto aqui no banco e durmo. Mais num durmo bem não, porque é perigoso. (M.P.O.S – Praça Capistrno de Abreu).*

É o cotidiano da Dona Maria da Paz: Trazendo à tona uma verdade que ela revela sem máscaras...Evidenciando a presença de policiais como homens fora da lei... Comparando a rua ao inferno, fazendo dessa analogia um grito de alerta...Reforçando a baixa auto-estima devido à constância com que se refere pejorativamente à sua aparência...Dormindo na praça por falta de opção, segundo ela, mesmo tendo ciência dos riscos que corre...

*O que acontece é gente comprando coisa nos camelô, no Beco da Poêra, é gente pegando o ônibus... Mais para quem pede é: sol quente na cabeça, ser chamado de vagabundo, ser xingado, né? Acontece também assalto dos pivete. Polícia que bate em marginal. E acontece outras coisa muito difícil de dizê para uma muié. Mais eu num tenho corage de falá não...Só digo que é coisa feia. Deixa pra lá, num vale a pena. Só digo porque a moça tá pedindo...Tem muita esculhambação...Pronto, disse. Vivê na rua é bom e é ruim. É bom porque tem liberdade, a gente num fica preso num canto... Mais é ruim porque a gente num tem sossego. Toda hora tem gentes gritando: Olha o relógio!Aí eu num durmo, de jeito maneira...Nem de tardezinha. E eu pido assim: Eu vem bem cedim e quando o povo tá chegando eu já tô aqui esperando eles. Agora, quem dá mais é as mulhé, os homens são mão de vaca, né? Eu vem todo dia e de noitinha eu me arretiro pra casa, lá no Lagamar. Todo dia é assim, né? Mais um dia, tenho fé, eu vô pará ( J.B.S. – Praça Capistrano de Abreu).*

É o cotidiano do Sr. Bento: Observando as pessoas que compram, que vendem, que caminham pelas ruas...Relembrando a relação, às vezes, conflitiva com os que o percebem como um desocupado/ aproveitador da boa vontade de outrem...Conceituando os que se encontram na rua, pela madrugada, como povo perdido e errante...Vindo cedo à praça para "receber" os que chegam ao Centro depois dele...Passando todo o dia e todos os dias em busca da sagrada esmola...Indo, ao anoitecer, esconder-se no Lagamar...Conservando, como canta Herbert Viana e os Paralamas<sup>33</sup>, " a arte de viver da fé, só não se sabe fé em quê".

---

<sup>33</sup> Os Paralamas do Sucesso é um conjunto de rock nacional que ganhou projeção nos anos 80.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar uma dissertação, creio eu, requer uma tentativa de sistematização dos conhecimentos adquiridos, mas, principalmente, traduzir a realidade encontrada a partir da pesquisa de campo. Tal pesquisa, em se tratando da metodologia da História Oral, deve conduzir à compreensão acerca do cotidiano de mendicância no Centro de Fortaleza – objeto central desse estudo. E parafraseando Morin(2002), também sei que a aquisição de um saber total é uma tarefa incapaz de ser realizada.

Por isso, reafirmo a minha dificuldade em colocar um ponto final. Já faz algum tempo que essa construção tem sido efetivada e, como Chico Buarque de Holanda (ao escrever sua obra), sempre a percebo como inacabada, passível de alteração, repleta, ainda, de possibilidades. Todavia, o tempo me sugere que eu encerre. Uma sugestão que sabiamente devo acatar. Mas não sem antes deixar registrado o quanto foi enriquecedora a elaboração da dissertação, tendo como orientadora uma pessoa da mais alta estirpe, cujo cuidado, presteza e correção marcaram estes anos no Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade. Anos de companheirismo e crescimento pessoal e profissional.

Quando, ainda em 2001, no período em que o Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Exclusão Social discutia e se aproximava das pesquisas sobre População de Rua em diversos estados brasileiros, havia da minha parte um interesse em saber se os mendigos tinham ou não uma residência, uma casa, um *porto* em que pudessem ao menos pernoitar. A realidade que encontrei, através dos meus informantes, me apresenta situações diferenciadas. Alguns estão morando nas ruas enquanto outros moram em casas. As casas, normalmente, são localizadas na periferia da cidade ( de acordo com as informações obtidas), o que reforça a análise crítica de Lins sobre a habitação de péssima qualidade dos segmentos excluídos na capital. " O bom pobre é o pobre fora da rua, escondido, camuflado..."( Lins, 2003:7). O bom pobre está na periferia da periferia - lugar em que a cidade não chega ou se transfigura. Os serviços básicos não existem. O melhor da cidade não chega até lá.

A mendicância é o trabalho que eles realizam devido, principalmente, a baixa qualificação – a pesquisa mostrou que a escolaridade dos que pedem é baixíssima - e as doenças adquiridas com o tempo repercutem na dificuldade de se obter serviço. Além desses fatores, o longo período em que se encontram nas ruas, pedindo, os afasta cada vez mais do perfil exigido hoje para o trabalhador. Assim, o tempo, o corpo e o parco conhecimento contribuem para a permanência do pedinte no Centro de Fortaleza.

Sobre as relações familiares, é certo que ocorre uma erosão nas redes de apoio entre os seus membros quando se constata a evidência que um deles mendiga. A aceitação não é comum e, por vezes, a rejeição inicial ganha maiores proporções, fazendo com que ocorra uma quebra nos possíveis laços que unem as famílias. A discordância se dá, inclusive, pelo fato do mendigo ser visto como um parente *que não deu certo*, alguém que não vale a pena se aproximar, manter contato. E mesmo entre os mais próximos – cujo convívio se mantivera – a realização de tal atividade não é bem-vinda. Somente a pobreza extrema resulta numa situação de conformidade diante da mendicância, afirmam os pedintes.

De acordo com o teor das entrevistas, a relação com a cidade de Fortaleza está intrinsecamente ligada a certeza de se situar num espaço que ainda é percebido como privilegiado em detrimento ao interior do Ceará– lugar de origem de todos os informantes da pesquisa de campo. A cidade é compreendida como um *locus* de oportunidades, devido à circulação do dinheiro. Segundo Ferrara, " a cidade é para ser vista, consumida visualmente" (2000:22). Falar da cidade de Fortaleza era uma justificativa para se falar sobre a vida sofrida no espaço rural, na roça, mas também relembrar as relações de compadrio, da colheita do milho e do feijão. Da fartura e das amizades deixadas para trás. É possível afirmar, portanto, que não há uma identidade fortalezense. A cidade é uma enorme abstração.

Mas, se há um bairro na cidade aonde eles são senhores e senhoras, esse bairro é o Centro. Não por acaso, tais segmentos excluídos são considerados nômades. São nômades do Centro. Não basta fixar um lugar só para mendigarem. Se hoje estão nas praças centrais, amanhã podem estar no sinal de trânsito, na rua Conde D'eu, na parada do ônibus mais próximo...

As praças podem ser lugar de *pouso* e/ou lugar de passagem. Os níqueis arrecadados estabelecem ou não mudanças na permanência dos espaços. A brava luta pela demarcação do território e os possíveis acordos com os comerciantes, embora sejam questões relevantes sobre a mendicância, não foram investigadas por mim nessa dissertação. Ficam, espero eu, para serem investigadas num doutorado próximo.

O Centro ainda é, reconhecidamente, o lugar onde o movimento garante o sustento dos pedintes. E compreendem como movimento o intenso fluxo de pessoas (portanto, consumidores) que circulam naquele espaço. O movimento das lojas, dos carros, dos ônibus que trazem tantas pessoas, as lojas repletas de mercadorias, o som dos alto-falantes, o comércio...Tudo é vida no Centro, durante a semana - afinal, é preciso lembrar que tal espaço se transforma numa *cidade fantasma* aos domingos devido à ausência de moradias (realidade que tem sido pensada pelo Fórum Permanente do Centro da Cidade de Fortaleza<sup>34</sup>). Assim, pedir no Centro resulta em dinheiro, enquanto pedir nas residências se traduz em adquirir alimento (a farinha, o pão, a banana...). Mas não faz parte da **feira do consumo** não ter o dinheiro para comprar o que se deseja, o que está faltando em casa. A obtenção da moeda é, simbolicamente, vista como mais favorável. O pedinte, com o dinheiro na mão, também vai às compras.

A atual conjuntura econômica e social do país faz com que o segmento dos mendicantes afirme que, nos dias atuais, não são todas as pessoas que podem dar esmolas, mesmo querendo e tendo *bom coração* (segundo os próprios depoimentos). Assim, eles e elas compreendem porque arrecadam tão pouco. Os centavos de Real, ao final do dia, resultam em média de R\$ 8,00. E há aquelas pessoas que sempre doam, geralmente conhecidas pelo nome e pelo valor da esmola. Como se houvesse sido selado um pacto, o doador não costuma falhar quando se trata da oferenda semanal. Os demais contribuem com quase nada, mas Dona Cecília<sup>35</sup> lembra que *o pouco com Deus é muito*.

---

<sup>34</sup> O Fórum é composto por representantes da Câmara dos Dirigentes Lojistas, representantes do Estado e do Município, ONG Ação Novo Centro, Planefor, empresários, arquitetos, associações, universidades e bancos.

<sup>35</sup> Senhora que entrevistei na Praça do Ferreira.



Persiste, ainda, a histórica ausência de uma política de fixação do homem no campo, no espaço rural. A pesquisa mostrou que os pedintes são oriundos do interior do Estado e, dada a situação de pobreza e falta de oportunidades de trabalho, aportam em Fortaleza em busca de melhores condições de vida. Na tese de doutoramento de Araújo(2000), o município de Miraíma (localizado no interior do Ceará ) já era apontado como um dos que mais conduzem sua população à prática da mendicância. Sr. Luís Soares<sup>36</sup> destacou em sua fala a grande quantidade de rapazes que, sem perspectiva de um emprego naquela cidade, vem para Fortaleza mendigar. A metrópole, desta feita, cresce em problemas sociais. A pobreza, tão característica do interior cearense, continua a trazer o sertanejo de *mala e cuia* para a capital. O Centro está repleto deles.

A conceituação de exclusão social merece, aqui, uma reflexão acadêmica. O excluído não é apenas aquele que se encontra em situação de extrema carência material, mas aquele que não é percebido como um sujeito social. Os estigmas que lhes são atribuídos fazem com que sejam considerados nefastos ou perigosos para a sociedade. A situação de exclusão social só existe devido a presença de um sistema, de uma ordem que o exclui. Se digo que alguém é excluído devo logo perguntar: Excluído de onde? Ou, excluído por quem? Castels (2000) nos diz que a exclusão social é sempre uma degradação se ela for comparada a uma fase anterior da vida dos indivíduos, quando havia uma situação de maior estabilidade, principalmente financeira. Não por acaso, as cadeias, os asilos e os dispensários foram espaços criados, historicamente, para aqueles cujo convívio social não era bem vindo.

E, se uma situação de exclusão, que antes era provisória, agora se torna permanente e, se a redução de oportunidades resulta em pessoas consideradas inválidas e descartáveis, seria preciso a firme intervenção de um poder público capaz de implementar políticas de combate à pobreza, de geração de emprego e renda, entre outras também urgentes. Políticas de inserção social que não tragam o ranço histórico da descontinuidade e seletividade.

---

<sup>36</sup> Um dos entrevistados de minha pesquisa de campo e que, atualmente, reside no município citado.

Sobre o usufruto de uma rede de proteção social e/ou filantrópica, os pedintes afirmaram que pouco sabem. Apenas a Toca de Assis<sup>37</sup> e a Catedral Metropolitana foram citadas como instituições que se preocupam com suas mazelas cotidianas. Ainda assim, de modo bastante tímido, o que denota que o poder público não tem dado respostas contundentes para tal questão.

Acerca do cenário maior, que é a cidade de Fortaleza, é premente a criação de mecanismos inovadores de gestão e de participação cidadã, associados diretamente a um projeto político de socialização do poder, de inclusão social e de aumento na eficácia da prestação dos serviços públicos. A cidade é, hoje, um espaço de profundas desigualdades sociais e, como resposta, a atual gestão municipal<sup>38</sup> não adota políticas públicas capazes de minimizar tal quadro. A pesquisa em questão revelou um segmento populacional que, além da situação de pobreza em que se encontra, não se vê incluída em programas ou projetos sociais implementados para minorar o quadro já referido. Assim como Balzac, Poe, Hugo, Valéry e Baudelaire, debruçaram-se sobre a Paris do século XIX, é preciso que esse organismo vivo que é a cidade também mereça um olhar mais atento e apurado não só por parte dos pesquisadores, mas, principalmente, pelas 3 esferas de poder. Fortaleza clama por mudanças. A Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNDA) de 2003 revelou que o estado conta hoje com cerca de 8 milhões de habitantes, cuja ocupação desordenada gera ausência de trabalho e moradia, além de violência urbana. O estudo da realidade das cidades cearenses deve, necessariamente, direcionar tomadas de decisões que possam modificar essa conjuntura caótica.

No que tange à violência urbana, que maltrata e mata os segmentos das ruas, gostaria de fazer algumas observações. No Centro de São Paulo, no mês de agosto de 2004, atrocidades foram cometidas às pessoas que se encontravam nas ruas. Ao todo, 14 pessoas foram gravemente feridas na região da cabeça com objetos contundentes sendo que 6 não resistiram e vieram a falecer. A polícia investigou o caso para chegar aos responsáveis por tamanha

---

<sup>37</sup> Instituição religiosa dos frades Franciscanos que abriga pessoas que vivem nas ruas.

<sup>38</sup> Refiro-me à 2ª gestão do Prefeito Juraci Magalhães.

barbaridade. Enquanto isso, o Estado e a Prefeitura de São Paulo trocaram acusações mútuas. Em Fortaleza, um morador de rua também foi assassinado. De acordo com tais notícias, é correto afirmar que a rua é uma alternativa nada segura. Na rua Barão do Rio Branco, é possível identificar uma casa montada com o encaixe de várias peças debaixo de uma marquise. No local reside uma senhora que afirma ter 77 anos. Mora há 7 anos. Diz que ainda não foi expulsa porque lá tem pouco movimento. Disse, em entrevista a um jornal local, que muitos são os perigos do Centro, mas ela resiste. Mesmo com a migração de comerciantes para outras áreas da cidade, os ambulantes e os freqüentadores fiéis permanecem. Mesmo com o estado deplorável que o caracteriza atualmente – lixo, buracos, insegurança pública...

No que se refere ao cotidiano, este é marcado por um ritual que gira em torno do pedir. Para alguns é todo dia. Para outros, é um ritual que acontece nos finais de semana. Os pedintes saem da periferia, normalmente de trem, e chegam ao Centro para mais um dia de *mãos estendidas*. Falam da violência urbana cotidiana, dos assaltos freqüentes que presenciam, ou mesmo, de quando foram assaltados; ou, satisfeitos, afirmam que nunca tiveram nada roubado. Houve quem dissesse que vida perigosa era a das pessoas abastadas, devido ao risco constante de seqüestro. O que não deixa de ser, sem dúvida, um outro olhar sobre o problema. Assim, busquei trazer o olhar dos sujeitos sociais para essa dissertação. Quis contar um pouco da história da mendicidade no Centro de Fortaleza a partir daqueles que fazem dela o seu ofício. Reconstruir esta história, a partir do deslindamento do passado, também me levou a conhecer uma outra Fortaleza, mais provinciana, mas não menos amada. Mas o passado não é um ponto final. É um período que precisa ser continuamente reconstruído e rememorado, para integrar-se, sorrateiro, ao cotidiano dos indivíduos e, portanto, ao dia a dia da cidade.

Este estudo teve como premissa basilar favorecer as discussões sobre a problemática da mendicância em Fortaleza, como uma manifestação da exclusão social, buscando fomentar discussões junto com a sociedade e contribuir para a elaboração e implementação de políticas públicas de longo alcance. Uma tentativa acadêmica de mostrar o que pensam e fazem aqueles que hoje, acredito eu, são os Herdeiros da Miséria.

## BIBLIOGRAFIA

- ALCÂNTARA, Vanessa. A aventura de andar pelo centro de Fortaleza. **O POVO**, 25 jul 2004. Folha Opinião, p.12.
- \_\_\_\_\_. Da porcaria ao chiqueiro. **O POVO**, 22 ago 2002. 1º Caderno. Folha Opinião, p. 7.
- ALENCAR, José de. **Iracema**: lenda do Ceará. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1978.
- ALVES, Camila. Movimento dos trabalhadores Sem-Teto. In: **Democracia Viva**. Especial cidades. Nº 18. Rio de Janeiro: IBASE, set/out 2003.
- ARANTES, Antonio A. A Guerra dos Lugares sobre fronteiras simbólicas e espaços urbanos. In: **Cidade. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, 1994.
- ARAÚJO, Alcione. O direito de mendigar. In: **Democracia Viva nº 17**. Rio de Janeiro: IBASE, 2003.
- ARAÚJO, Maria Neyára de Oliveira. **A miséria e os dias**: história social da mendicância no Ceará. São Paulo: Hucitec, 2000.
- ARAÚJO, Marta. Migração no Ceará. Fenômeno acompanha a falta d'água. **Diário do Nordeste**, 14/06/2004. Cidade. P.12
- ARRUDA, Inácio. **Estatuto da Cidade**. Uma conquista histórica. 2ª edição. Brasília, 2002.
- ASSIS, Machado de. **Seleção de Contos**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BURSZTYN, Marcel ( org.) **No meio da rua**. Nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- BAVA, Sílvio Caccia. A reapropriação das cidades. In: **Cadernos Le Monde Diplomatique**. Especial Nº 2: Um outro mundo é possível. São Paulo, janeiro de 2001.
- BÓGUS, Lúcia et el.(org.) **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 2000.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo : Companhia das Letras , 1990.
- CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: FERREIRA, M.de M. ( org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: CPDOC/Diadorim/Finep, 1994.

- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CASTELS, Robert. As armadilhas da exclusão. In: Bógus, Lúcia et al (org). **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar/** Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth – Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.
- COTES, P., AZEVEDO, S., ANAUATE, G. **Matança sobre o asfalto**. In: Revista Época. 23 ago 2004.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. Cecília. ( Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- DIAS, José Fernandes. **Gestão Democrática e participação Popular**. Desafios teórico práticos para uma nova práxis urbana. Rio de Janeiro, setembro de 1999, mimeo.
- DIAS, M. Esther B. **A dialética do cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1982.
- DIAS, M. B e GONÇALVES, R.G. Ocupações de terra na cidade: desafios da reforma urbana. In: **O público e o privado**. Fortaleza: UECE, 2003-. Semestral. Conteúdo: ano 1, Nº 1, Janeiro/junho , 2003.
- DIMENSTEIN, G. **O cidadão de papel**. São Paulo: Ática, 2002.
- ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu – Trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.
- ESPÍNOLA, Adriano. **Beira- Sol**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. 79 p.
- FALCÃO, Maria do Carmo, NETTO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.
- FARGE, Arlette. **Vivre dans la rue à Paris au XVIII siècle**. Paris: Éditions Gallimard/Éditions Julliard, 1992.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína ( Orgs.) **Usos & Abusos da História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

- FIRMINO, Erilene. Migração: a saga dos nordestinos. In: **Diário do Nordeste**, 13/09/2004. Cidade. P.13.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 3ª ed., org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- FRANCO, Luciana. Moradores de Rua –Frutos da Intolerância e da violência. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 25 ago 2004.1º Caderno, folha Cidade, p.11. Cidade. P.11.
- FREITAG, Bárbara. Utopias Urbanas. In: BARREIRA, César ( Org.). **A Sociologia no Tempo**: memória, imaginação e utopia. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREITAS, Nilson Almino. **Sobral**: opulência e tradição. Ceará: Edições UVA, 2000.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**. Possibilidades e Procedimentos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. 4ª ed. Fortaleza: UFC, 1984.
- GONDIM, Lídia. **Cidade, política e cultura**. Jornal O Povo, 06/09/2000.
- HAGUETE, Teresa. **Metodologia Qualitativa na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HELLER , Agnes. **O Cotidiano e a História**. Trad: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- História Oral: **Revista da ABHO**, nº 3 , jun.2000. São Paulo: ABHO v. 3.
- História Oral: **Revista da ABHO**, nº 4, jun. 2001. São Paulo: ABHO v.4.
- História Oral: **Revista da ABHO**, nº 5, jun. 2002. São Paulo: ABHO v.5.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos** – o breve século XX ( 1914-1991). Trdução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, Octávio. **Sociologia e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.
- INSTITUTO PÓLIS. **Regularização da Terra e Moradia**. São Paulo, 2002.
- JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XXI. Tradução Paulo Martins Garchet. In:FERRREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tânia Maria, ALBERTI, Verena ( Orgs.)

**História Oral:** Desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ / Casa Osvaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza. (1945-1960)** . São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. Fortaleza na visão dos idosos: onde o público e o privado se entrecruzam. In: **O Público e o Privado**. Fortaleza: UECE, 2003

\_\_\_\_\_. O alcance da oralidade como opção metodológica. In: VASCONCELOS, J.G. e MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio G. ( Org.). **Linguagens da História**. Fortaleza: Impreco, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LEITÃO, Juarez. **A Praça do Ferreira – República do Ceará Moleque**. Fortaleza : Ed. Livro Técnico, 2002.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade:** conflito de hegemonias. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

LIMA, Batista de. **O pescador de Tabocal**. Fortaleza: Edições UNIFOR, 1997. 138 p.

LIMA, Jorge Luiz Cunha. Dissertação de mestrado. **Banco Palmas e Políticas Públicas no Conjunto Palmeiras:** um estudo sobre o desenvolvimento humano sustentável e o trabalho solidário (1998-2002). Fortaleza: UECE, nov 2003.

LIMA, Sandra Amêndola . **Participação Social no Cotidiano**. São Paulo: Cortez Editora, 1983.

LINS, Daniel. Tolerância zero: caça aos vagabundos. **O Povo**, Fortaleza, 25 ago 2003. 1º Caderno, folha Opinião, p. 7.

MACIEL, Valney Rocha. **Acesso à Moradia:** uma questão de luta. A experiência na Comunidade Santo Antonio da Floresta. Monografia em Serviço Social. UECE: Fortaleza, 1999.

\_\_\_\_\_. **Produção Poética em Comunidades Carentes**. Monografia de Especialização. UECE: Fortaleza, 2003.

MAGALHÃES, M. Cristina Rios. ( org.) **Na sombra da cidade**. São Paulo: Escuta, 1995.

- MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades**. Alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. Exclusão Social e Reforma Urbana. In: **Proposta**, nº62, set. 1994.
- MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- \_\_\_\_\_. ( Org.) **(Des)figurações**. A vida cotidiana no imaginário onírico da Metrópole. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, vol. I, livro I, tomo I, 1985.
- MATTA, Roberto da. **A Casa & a Rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- MINAYO, M. Cecília de Souza ( Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MONTENEGRO, Antonio T. **História Oral e Memória**. A cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992. ( Caminhos da história)
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**/ Edgar Morin; tradução Edgar de Assis Carvalho. – 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MOTA, Adriana, MUÑOZ, Jorge Vicente.( Orgs.) População de Rua : Que Cidadania? **Cadernos de Educação Popular**. Rio de Janeiro: Nova Pesquisa, 2003.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na História** – suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MURICY, Kátia. **A Razão Cética**: Machado de Assis e as Questões de seu Tempo. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1988.
- NASCIMENTO, E.P. A Exclusão Social no Brasil : algumas hipóteses de trabalho e quatro sugestões práticas. In: **Cadernos do CEAS**. Salvador: nº 152, julho-agosto, 1994.
- OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. São Paulo: Três livros e Fascículos, 1984.
- OLIVEN, Ruben G. **Urbanização e Mudança Social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982. 136 p.
- PAULA, Ethel. de. De volta ao Centro?. **O Povo**, Fortaleza, 19 ago 2001. Vida e Arte. P. 4.
- \_\_\_\_\_. Idas e Vindas. **O Povo**, Fortaleza, 06 mar 2004. Vida e Arte. P.5
- \_\_\_\_\_. O avesso da cidade. **O Povo**, Fortaleza, 06 mar 2004. Vida e Arte. P.1.
- PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas**. O Detetive e o Urbanista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.



- PEQUENO, Tarcísio. **A razão da cidade**. Jornal O Povo, 06/09/2000.
- PEROT, Michele. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.
- PESAVENTO, Sandra. (Org.)2º ed. **O espetáculo da rua**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque** : reformas urbanas e controle social ( 1860-1930 ). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História** . Nº 15. São Paulo: PUC, 1997.
- \_\_\_\_\_. O que faz a História Oral diferente. In: **Projeto História** nº14. São Paulo: PUC, 1997.
- PRATES, Jane. Metodologias de Pesquisa para populações de rua: alternativas de enfrentamento pelo Poder local. In: **Serviço Social e Sociedade**. Nº 64. São Paulo : Cortez, 2000.
- QUEIROZ, Rachel de. **Cenas Brasileiras**. São Paulo: Ática, 1997. 115 p.
- QUINTANA, Mário. **80 anos de poesia**..8ª. Ed. – São Paulo: Globo , 1997.
- RODRIGUES, José Augusto, SILVA FILHO, Dario de Sousa. População de Rua. In: **Anais do Seminário Drama Social**. Rio de Janeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Núcleo de Difusão Científica, 1999.
- ROLNICK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. Cidade brasileira: uma ou muitas? In: **Ciência e Cultura**. Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ano 56. Nº 2. Abril/maio/junho de 2004.
- ROUSSEAU, Jean J. **Do Contrato Social**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.
- SANCHIS, Pierre in DAYREL, Juarez ( org. ) A crise dos paradigmas em Antropologia. In: **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.
- SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec: 1993.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Geografia Humana**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- SILVA, Airton Marques da , et al. **Trabalhos científicos**. Organização, redação e apresentação / Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza: Ed. EDUECE, março/ 2003.

SILVA, José Borzacchiello da. **Quando os incomodados não se retiram:** uma análise dos Movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf, 1992.

\_\_\_\_\_. Mimos para Fortaleza. **O Povo**, Fortaleza, 29 dez 2002. 1º Caderno, folha Opinião, p. 7.

\_\_\_\_\_. A Beira-Mar na berlinda. **O Povo**, Fortaleza, 21 set 2003. 1º Caderno, folha Opinião, p. 7.

\_\_\_\_\_. Fortaleza alquebrada. **O Povo**, Fortaleza, 07 mar 2004. 1º Caderno, folha Opinião, p. 7.

\_\_\_\_\_. Fortaleza 278 anos. **O Povo**. Fortaleza, 18 abr 2004. 1º Caderno, folha Opinião, p. 7.

\_\_\_\_\_. Centro de Fortaleza: hora da virada. **O Povo**, 25/07/2004. 1º Caderno, folha Opinião, P.7.

\_\_\_\_\_. A cidade contemporânea no Ceará. In: SOUZA, Simone de ( Org.). **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: UNESP, 1999.

SILVEIRA, Maria Lídia Souza da. **De pobre a trabalhador**. Uma reflexão sobre o sujeito no Serviço Social. Rio de Janeiro: OR, 2000.

SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo. Moradores de Rua. **Revista Pólis n° 7**, 1992. In mimeo.

SNOW, David A. **Desafortunados**. Um estudo sobre o povo da rua/ David A. Snow, Leon Anderson; tradução de Sandra Vasconcelos . – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SOUZA, Simone de ( Org. ). **História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1994.

\_\_\_\_\_. **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

SOUZA, Simone de, PONTE, Sebastião Rogério ( Orgs.). **Roteiro Sentimental de Fortaleza:** Depoimentos de História Oral de Moreira Campos, Antonio Girão Baroso e José Barros Maia. Fortaleza: UFC – NUDOC / SECULT – CE, 1996.

VASCONCELOS, J.G. e MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio G. ( Org.). **Linguagens da História**. Fortaleza: Impreco, 2003.

WEBER, Max. **Ciência e Política – Duas Vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta** – as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1994.

### **JORNAIS E PERIÓDICOS:**

**Diário do Nordeste**, 23/09/2004. Déficit Habitacional atinge 164 mil na Região Metropolitana. Revitalização do Centro ameniza problema. Negócios. P. 4.

**O Povo**, 23/08/2004. Mais 4 moradores de rua são atacados e um morre. Brasil. P.10.

**Diário do Nordeste**, 23/08/2004. Ato na Praça da Sé reúne 5 mil. Nacional. P. 6.

**Diário do Nordeste**, 25/08/2004. Decretada a prisão de suspeitos . Nacional. P.6.

**O Povo**. Prefeitura promete mudar estrutura. Perigo nas ruas do centro. Cotidiano. P.5.

**Delineamento da PHIS** do município de Fortaleza. UFC/CETREDE. Fortaleza- CE/ out/2003.

**Diário do Nordeste**, 05/06/2003. Brasil tem 16 milhões de analfabetos. Nacional. P. 6.

**Diário do Nordeste**, 05/06/2003. Ceará tem 1,3 milhões de analfabetos. Cidade. P. 13.

**Diário do Nordeste** , 08/06/2003. Campanha pretende tirar crianças da rua. Cidade. P. 13.

**Diário do Nordeste**, 10/06/2003. Aumentam crianças nas ruas de Fortaleza. Cidade. P. 14.

**Diário do Nordeste**, 13/06/2003. 21 % ocupados no Ceará vivem com até R\$ 120 ( sic).

Negócios. P. 1

**Diário do Nordeste**, 14/06/2003. CE é líder em concentração de renda no NE. Negócios.P.1.

**Diário do Nordeste**, 16/06/2003. Centro de Fortaleza perde frequentadores. Cidade . P. 14.

**Diário do Nordeste**, 31/08/2003. Pais usam crianças para mendigar. Cidade. P. 12.

**Diário do Nordeste**, 14/12/2003. Pedintes por precisão e profissão. Cidade. P.14.

**Diário do Nordeste**, 25/11/2003. Fortaleza tem 450 crianças em situação de rua. Cidade. P. 11.

**Diário do Nordeste**, 23 /06/2004. Primeira etapa do Parque da Cidade é concluída. Cidade. P.9.

**Diário do Nordeste**, 25/06/2004. Pe. Ferreira entra na justiça contra os quiosques. Cidade. P. 14.

**Diário do Nordeste**, 30/09/2004. Ocupação desordenada criará caos urbano. Cidade. P. 13.

**Diário do Nordeste**, 30/09/2004. Comparação da PNAD 2003 e 2001. Renda no CE cai 16,6% em relação ao SM. Negócios. P.01.

**Diário do Nordeste**, 01/10/2004. Pesquisa diz que só 1 em cada 4 brasileiros entende o que lê. Nacional. P. 5.

Pesquisa " **Moradores de Rua da cidade de Fortaleza**", IMPHAR, 2000.

## **ANEXOS**

**ANEXO I**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

**DADOS PESSOAIS:**

**Nome real ou fictício:**

**Idade:**

**Profissão anterior:**

**Escolaridade:**

**Naturalidade:**

**SOBRE A MENDICÂNCIA :**

**Quando e por que começou a mendigar?**

**Qual foi a reação da família ( compreendida aqui como os parentes mais próximos)?**

**Quanto recebe por dia, em média?**

**Para você, o que é ser mendigo?**

**Como as pessoas geralmente reagem ao verem você mendigando?**

**SOBRE A CIDADE DE FORTALEZA:**

**Caso não seja fortalezense, quando e porque veio para esta capital?**

**O que acha da cidade onde mora?**

**Em que bairros já morou?**

**Por que pede esmolas especificamente no centro da cidade?**

**Conhece alguma instituição que presta assistência ou caridade ao mendigo no centro da cidade?**

**Em caso positivo, costuma freqüentá-la?**

**SOBRE O COTIDIANO NAS RUAS:**

**Que situações são mais freqüentes no dia a dia nas ruas ?**

**Para você, o que significa viver na rua durante todo o dia ?**

**Como é a sua rotina diária de pedinte?**

**ESPAÇO PARA COLOCAÇÕES DE QUALQUER ORDEM.**

## ANEXO II

## TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO

## ORAL

CEDENTE: \_\_\_\_\_

nacionalidade \_\_\_\_\_ naturalidade \_\_\_\_\_ estado civil \_\_\_\_\_ portador da Cédula de Identidade nº \_\_\_\_\_ e CPF \_\_\_\_\_ (No caso da inexistência do(s) documento(s) acima, os espaços não serão preenchidos).

CESSIONÁRIO: Valney Rocha Maciel, nacionalidade brasileira, natural de Fortaleza – CE, estado civil casada, portadora da Cédula de Identidade nº 92015168850, CPF 302 506 683 00, estabelecida na Rua Engenheiro João Nogueira, 896, Carlito Pamplona, Fortaleza, CE.

DO OBJETO: Entrevista gravada para uso presente na dissertação **Os Herdeiros da Miséria** – o cotidiano de mendicância no centro de Fortaleza, para obtenção do grau de Mestre em Políticas Públicas e Sociedade - UECE.

DO USO: Declaro ceder sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora Valney Rocha Maciel, na cidade de Fortaleza, em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, no total de \_\_\_ fita(s) gravada(s).

A Pesquisadora Valney Rocha Maciel, mestranda em Políticas Públicas e Sociedade, fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Fortaleza, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_

Assinatura do Depoente /Cedente

**ANEXO III**  
**FOTOS COM BENEDITO MONTEIRO DE SOUZA**





**ANEXO IV**  
**FOTOS COM CECÍLIA BARBOSA LOUREIRO**





**ANEXO V**  
**FOTOS COM TEREZINHA COSTA DA SILVA**



**ANEXO VI**  
**FOTOS COM LUÍS SOARES BARBOSA**





# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)